Dezembro
2025

ARTUR RIBEIRO MUZA BARCELOS

TCC II

ORIENTADORA: MARIA ESTER

REQUALIFICAÇÃO

DO ESTÁDIO SERRA DOURADA

Pontifícia Universidade Católica de Goiás

SUMÁRIO

01 Introdução 02
02 Temática 03
03 Tema 04
3.1 Historico 06
3.2 Paulo Mendes da Rocha 10
3.3 Obras em Goiânia 12
3.4 Arquitetura dos estádios 13
3.5 A segunda geração 14
3.6 A terceira geração 16
3.7 A quarta geração 17
3.8 A quinta geração 18
3.9 Análise Serra Dourada 19
04 Localização 26
05 Estudo de caso 32
06 Legislação aplicada 39
07 Levantamento 44
08 Diagnostico 72
09 Proposta 76

1.0 - INTRODUÇÃO

A arquitetura esportiva, enquanto campo especializado do planejamento urbano, exerce papel fundamental na construção de espaços destinados não apenas à prática esportiva, mas também ao convívio social, ao lazer e à expressão cultural das cidades contemporâneas. Estádios e arenas ultrapassam hoje a função de simples equipamentos de competição, tornando-se elementos capazes de influenciar dinâmicas urbanas, econômicas e simbólicas de seus territórios.

Inserido nesse contexto, o Estádio Serra Dourada, projetado por Paulo Mendes da Rocha e inaugurado em 1975, consolidou-se como um dos marcos arquitetônicos mais significativos de Goiânia, tanto por sua linguagem modernista quanto pelo impacto gerado em seu entorno urbano ao longo das décadas

O estádio foi implantado em uma área então pouco ocupada, atuando como vetor de expansão e estruturador da região sudeste da capital.
No entanto, o crescimento acelerado da cidade e a transformação do bairro Jardim Goiás modificaram profundamente a relação entre o edifício e seu contexto. Hoje circundado por um tecido urbano adensado e multifuncional, o Serra Dourada encontra-se subutilizado e desalinhado das demandas contemporâneas de uso, acessibilidade, integração e vitalidade urbana .

Esse cenário evidencia a necessidade de requalificação, entendida como processo capaz de recuperar o valor físico, social e simbólico do equipamento, reinserindo-o na dinâmica cotidiana da cidade.

Diante disso, este trabalho propõe uma reflexão e uma resposta projetual para a requalificação do Estádio Serra Dourada, com o objetivo de ressignificar seu papel urbano e arquitetônico, ampliando seu uso para além dos eventos esportivos e transformando-o em um espaço público ativo, acessível e integrado. Mais do que modernizar infraestruturas, trata-se de reconstruir relações: entre edifício e cidade, memória e função, permanência e contemporaneidade.

Diante desse cenário, a requalificação do Estádio Serra Dourada não se configura apenas como intervenção física, mas como oportunidade estratégica de reconectar o edifício ao território urbano e às demandas contemporâneas de Goiânia. Requalificar significa, portanto, ampliar sua relevância social, fortalecer sua presença simbólica e resgatar sua capacidade de gerar vitalidade urbana — transformando um equipamento hoje subutilizado em um espaço ativo, acessível e inserido no cotidiano da população. Assim, este trabalho busca propor diretrizes e soluções projetuais que permitam ao Serra Dourada assumir um novo papel dentro da cidade, alinhado às perspectivas de sustentabilidade, multifuncionalidade e integração próprias das arenas de quinta geração.

2.0 - TEMÁTICA - ARQUITETURA ESPORTIVA

De acordo com o dicionário Oxford Languages, “esporte” é uma prática metódica, individual ou coletiva, de jogo ou qualquer atividade que demande exercício físico e destreza, com fins de recreação, manutenção do condicionamento corporal e da saúde e/ou competição; desporte, desporto.

A arquitetura esportiva é uma área especializada da arquitetura que se dedica ao planejamento e construção de instalações voltadas para a prática de esportes e eventos esportivos. Isso inclui estádios, ginásios, centros de treinamento, arenas e outros espaços projetados para atender às necessidades de atletas, espectadores e organizadores de eventos.

A importância da arquitetura esportiva vai além da simples construção de espaços físicos. Um projeto bem planejado influencia diretamente a experiência do público e até mesmo o impacto ao seu entorno e econômico de um evento.

> “Ao examinarmos a história do mundo ocidental, encontraremos edifícios que foram construídos em diferentes momentos com a função de representar determinadas características culturais. Dentre esses, podemos citar o Coliseu Romano, onde os ideais de competição e conquista da cultura romana eram exaltados por árduas disputas, trazendo aos olhos dos espectadores um simulacro dos campos de batalha em forma de entretenimento.” (AMARAL,2013)

A Confederação Brasileira de Futebol (CBF) tem como principal objetivo liderar e promover a prática esportiva do futebol no Brasil.

Figura 1: Imagem Futebol
FONTE: universidadedofutebol.com.br

Iniciou suas atividades em 20 de agosto de 1916, como parte integrante da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), uma entidade compromissada com o desenvolvimento desportivo do Brasil.

Em 1923, a CBD foi admitida ao quadro de confederações filiadas à Fédération Internationale de Football Association, a FIFA, órgão máximo e de expressão mundial na gestão do futebol.

O futebol brasileiro sofreu amplas modificações administrativas e estruturais para entrar em conformidade com as exigências demandadas pela FIFA, que, através de um decreto, determinava que as entidades nacionais ligadas ao esporte deveriam ter dedicação exclusiva ao desenvolvimento do futebol. Deste modo, em 24 de setembro de 1979, surge a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), oriunda da extinta CBD e criada sob a prerrogativa de garantir o fomento e gestão unicamente do futebol brasileiro. (Portaldegovernanca.cbf.com.br/infraestrutura)

3.0 - TEMA-REQUALIFICAÇÃO DO SERRA DOURADA

De acordo com os estudos da Universidade de Lisboa (UAL), a requalificação deve ser entendida como um processo de transformação integrado em áreas em transição e declínio, abrangendo dimensões sociais, econômicas, ambientais e físicas. Já Celestino (2014), ao tratar do mesmo conceito, enfatiza a importância das questões infra estruturais do espaço urbano e edificado, relacionadas diretamente ao cotidiano da população, como habitação, lazer e mobilidade.

> "A requalificação permite recuperar espaços desqualificados e desvalorizados, através de uma intervenção que tem de ser integrada, abrangendo vários componentes da vida urbana, trata-se de recuperar o valor patrimonial da cidade, que se associa à própria noção de urbanidade, a qualidade da cidade enquanto tal." (Magalhães,2013)

Nesse sentido, pode-se definir a requalificação como um processo integrado que visa transformar áreas degradadas por meio da recuperação de seu valor social, econômico, ambiental, físico e patrimonial, garantindo qualidade de vida e fortalecendo a identidade urbana.

Figura 3: Imagem Estádio Serra Dourada
FONTE: Foto tirada pelo autor

Figura 4: Imagem Estádio Serra Dourada
FONTE: Foto tirada pelo autor

Figura 2: Imagem Estádio Serra Dourada
FONTE: Foto tirada pelo autor

Figura 5: Imagem Estádio Serra Dourada
FONTE: Foto tirada pelo autor

Goiânia tem o privilégio de ter um edifício projetado pelo Paulo Mendes da Rocha, pois é um arquiteto reconhecido intencionalmente pela sua arquitetura modernista. O Serra Dourada é o maior estádio de Goiás, durante décadas, foi palco de partidas memoráveis, tanto no futebol goiano quanto em competições nacionais e internacionais. Além de toda a importância histórica e potencial de multifuncionalidade presente na área, o estádio de futebol tem uma característica particular que poucos edifícios apresentam, a paixão e a memoria afetiva do usuário.

> "O estádio transforma-se em um equipamento pertencente ao imaginário de uma legião de torcedores que seguem os times locais e, dessa forma, transformam o estádio em um local próprio onde se coloca em prática a sua relação com o esporte." (Amaral,2013)

De acordo com Amaral edifícios nos centros urbanos estão em uma disputa pela atenção do usuário no mundo globalizado, edifícios icônicos devem apresentar uma linguagem arquitetônica elaborada e tecnológica, repleta de simbolismos e soluções surpreendentes, pode ser mais apropriada para as edificações esportivas, para o autor essa combinação de soluções arquitetônicas mais a à importância local que esses edifícios assumem, especialmente aqueles que estão ligados a uma tradicional equipe local, acaba transformando o edifício em potencial como evento arquitetônico de impacto internacional.

Nesse aspecto, o estádio Allianz Arena consolida-se como um importante exemplo da conjugação do edifício esportivo como importante obra de arquitetura, por meio de sua linguagem formal surpreendente e a referência ao lugar por meio da capacidade do edifício de assumir as cores dos principais times locais. (Amaral,2013)

Figura 6: Imagem Allianz arena, localizado em Munique, Alemanha
FONTE: allianz-arena.com

Figura 7: Imagem Allianz arena, localizado em Munique, Alemanha
FONTE: allianz-arena.com

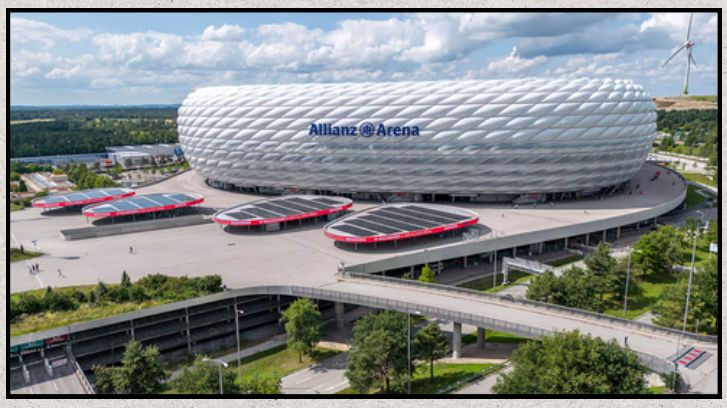


Figura 8: Imagem Allianz arena, localizado em Munique, Alemanha
FONTE: allianz-arena.com

3.1 - HISTÓRICO

Goiânia surgiu na esteira do processo de modernização. A nova capital também se configurou como um marco da "Marcha para o oeste", politica de interiorização do país rumo ao interior. Nesse percurso assinalaram-se no mapa do Brasil, posteriormente, Brasília e Palmas.

Goiânia é a capital da região metropolitana com aproximadamente 1,4 milhões de habitantes, cidade de serviços e surgiu com o desenho moderno do Atila Corre Lima.

Na década de 1960, arquitetos de grande prestigio nacional começaram a atuar em Goiânia. Dentre eles destaca-se o paulista Paulo Mendes da Rocha. Sua inconfundível arquitetura marcou com vigor a paisagem da capital de Goiás. Uma de suas criações arquitetônicas mais expressivas é o Estádio Serra Dourada, projetado em 1973. O primeiro projeto (Silas Varizo, Armando Scartezini e Ariel Veiga) foi adaptado, dando espaço para o projeto do arquiteto paulista Paulo Mendes da Rocha. A Figura 16 nos mostra um dos últimos estudos de viabilidade viária no sítio de implantação do edifício. (VASCO,2011)

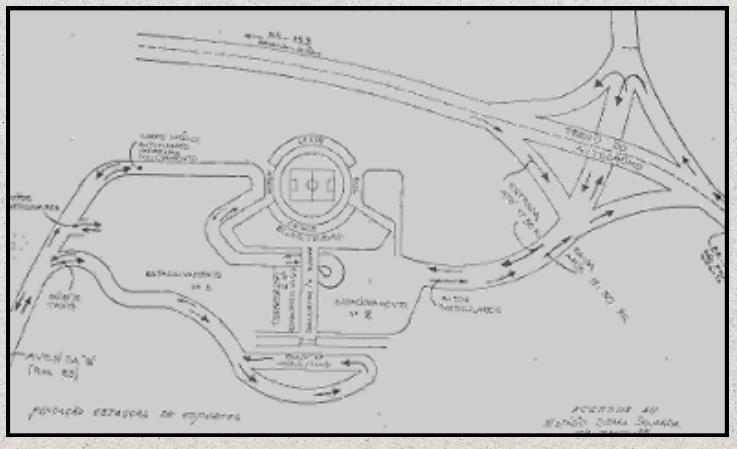


Figura 9: Estudos de acesso ao estádio,1973
FONTE: VASCO,2011

A construção de um novo estádio em Goiânia foi motivada pela constatação de que o Estádio Olímpico Pedro Ludovico, situado no Setor Central apresentava condições precárias e não comportava eventos de grande porte, limitando a realização de jogos importantes.

A criação de um estádio de maior capacidade foi essencial para consolidar a presença do Goiás no cenário esportivo nacional. Além disso, uma nova estrutura permitiria uma integração mais ampla, pois funcionaria como um polo de atração de público (VASCO,2011)

Leonino Caiado, à época governador do Estado de Goiás, determinou ao engenheiro Lamartine Reginaldo da Silva Júnior, então diretor geral da Fundação Estadual de Esportes, órgão antecessor da Secretaria de Esporte e Lazer do Estado de Goiás, que iniciasse ao processo de construção do novo estádio. Lamartine formou uma equipe com mais três arquitetos da antiga SUPLAN: Armando Antunes Scartezini, Silas Rodrigues Varizo e Ariel Veiga Costa Campos. Os primeiros passos foram definir a capacidade do estádio e qual seria sua localização. (VASCO,2011)

Após uma análise detalhada das áreas disponíveis em Goiânia, a equipe concluiu que o local mais adequado para a construção do estádio seria às margens da BR-153, devido ao fácil acesso, à fluidez no trânsito e à ampla área disponível para estacionamento.

Figura 10: Foto do painel do 1º projeto - arquitetos: Silas Varizo, Armando Scartezini e Ariel Veiga,1972
FONTE: VASCO,2011

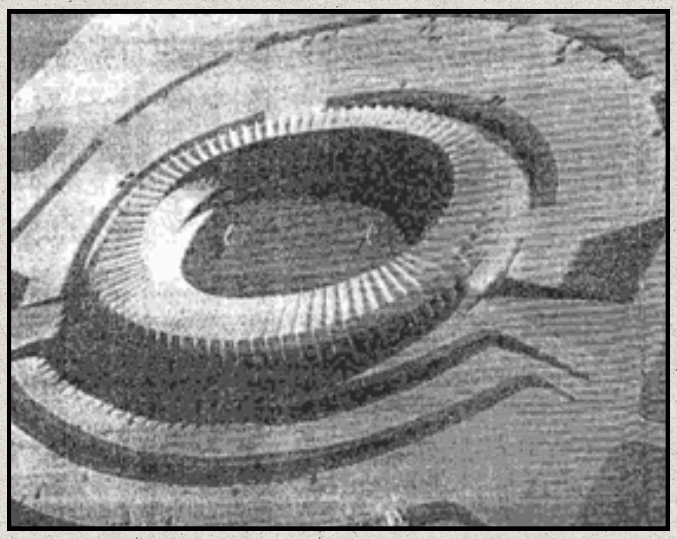


Figura 11: Foto da primeira maquete do projeto do arquiteto Silas Varizo, Armando Scartezini e Ariel Veiga, 1972
FONTE: VASCO,2011

Assim, foi adquirida uma área de 500 mil metros quadrados, projetada não apenas para abrigar o estádio e extensos estacionamentos, mas também para futuras instalações complementares, como um parque esportivo e um cinturão verde. O terreno escolhido estava em uma região elevada, ainda desabitada, com uma topografia levemente plana e de fácil visualização. Na época, o entorno era totalmente aberto, sem construções ou qualquer urbanização. (VASCO,2011)

A Figura 10 onde se evidencia as dimensões da proposta inicial, que previa inclusive o resguardo total das fachadas do edifício, inclusive com o afastamento da BR-153. Em seu redor, áreas verdes e áreas de estacionamento se integram e se espalham. Grandes praças de convivência e de esportes são previstas, além dos parques verdes. Essa área corresponderia hoje ao que seria o Parque Flamboyant e as imediações a oeste, norte e sul, por um raio de até mais de um quilômetro, sendo limitado pela BR-153 a leste. (VASCO,2011)

Podemos perceber pela Figura 11, o primeiro projeto de autoria dos arquitetos goianos Silas Varizo, Armando Scartezini e Ariel Veiga busca a valorização das áreas do entorno, as rampas e os acessos.

O que percebemos é essa busca da valorização do sítio de instalação, ressaltando esse caráter de equipamento único na cidade. A implantação pretendia tirar partido da grande área, deixando o edifício ressaltar o caráter de edifício singular, de monumentalidade. (VASCO,2011)

A implantação do edifício sofreu algumas modificações mesmo antes do início das obras. Uma vez que o Estado não provinha de grandes recursos financeiros para a empreitada de uma grande obra, definiu-se que os parques e áreas verdes seriam consolidados futuramente, dando prioridade à construção do estádio, vias de acesso e estacionamentos, conforme consta na Figura 11. (VASCO,2011)

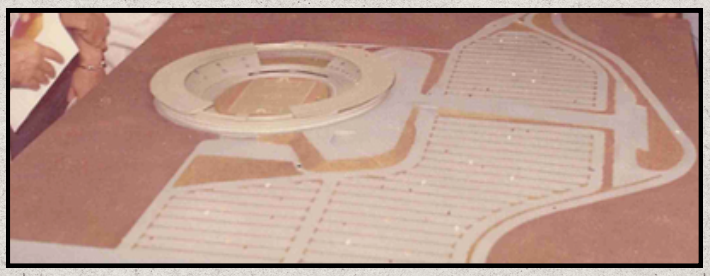


Figura 12: Maquete do projeto definitivo do estádio - arquiteto: Paulo Mendes da Rocha
FONTE: VASCO,2011

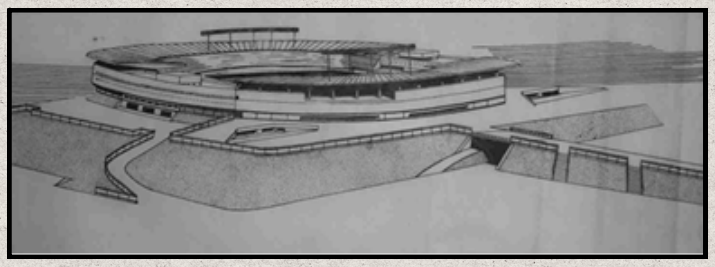


Figura 13: Estudos de grade de proteção
FONTE: VASCO,2011

A construção do Serra Dourada começou no dia 31 de março de 1973. No dia 09 de março de 1975, menos de dois anos, o estádio estava pronto. O seu projeto inicial de apropriação das áreas circundantes através de praças e parques não se consolidou, mesmo por se tratar de desinteresse político e econômico, o que resultou na continuidade e comercialização do loteamento. Tal fato deturparia a concepção original da vasta área a ser incorporada no complexo do edifício. Nas décadas de 80 e 90, inicia-se um processo de apropriação de algumas glebas do terreno do edifício, para fins institucionais, como é o caso do Corpo de Bombeiros, delegacia e creche. (VASCO,2011)

"O grande marco do projeto esportivo do Estádio Serra Dourada é exatamente na fuga da cobertura comumente usada. Aqui percebemos que o arquiteto Paulo Mendes da Rocha tira partido da leveza, tratando a cobertura em balanços, além de criar no interior do estádio dois grandes jardins, que acaba por ressaltar as áreas verdes externas." (VASCO, 2011)

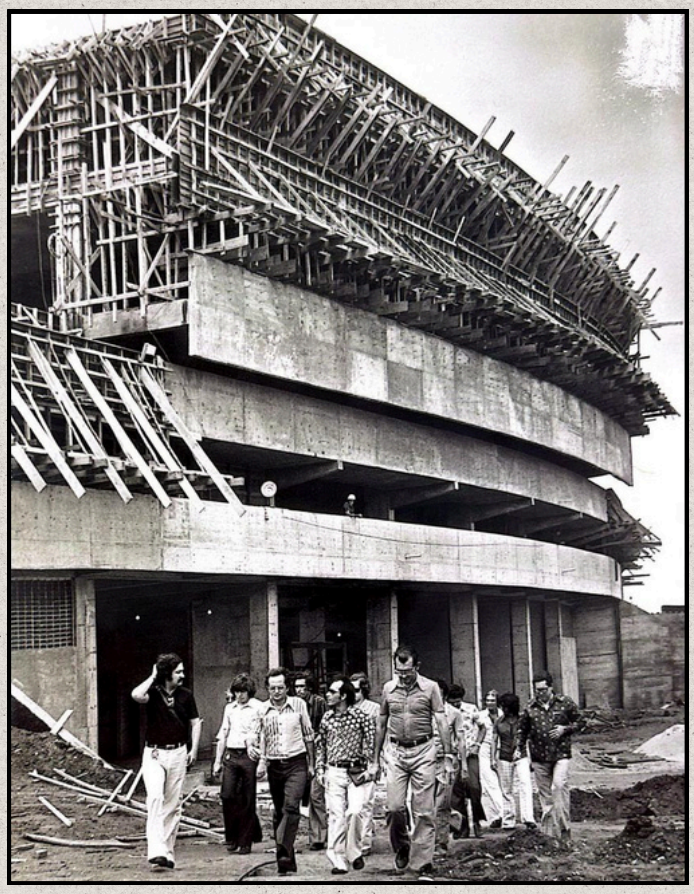


Figura 14: Foto construção Serra Dourada
FONTE: Mirian de Paula Rodrigues

Figura 15: Foto construção Serra Dourada
FONTE: Mirian de Paula Rodrigues

"O projeto do Estádio Serra Dourada, em Goiânia, diferencia-se radicalmente dos conjuntos esportivos em geral - pensados como sólidos fechados - ao conceber o estádio como permeável à cidade, abrindo-o para a ocorrência, programada ou inusitada, de outros eventos. Aqui é o problema da implantação urbana desses espaços que está em questão. Para tanto, combinou-se a criação de uma região de vestíbulo suspenso com a abertura do espaço do estádio no eixo maior para a paisagem externa, permitindo uma flexibilidade de uso acessível a espetáculos teatrais, escolas de samba etc. Com esse desenho, a estrutura equilibrou-se, cobrindo, em balanços de 20m para cada lado, parte das arquibancadas e uma área geral de acessos, bares, vestiários, bilheterias e serviços de apoio ao público. Nas aberturas, simétricas, no eixo maior do estádio, as galerias das arquibancadas completam o fechamento do recinto e se transformam nas instalações da Federação de Futebol e em restaurante e alojamentos para esportistas visitantes." (ROCHA 2002)

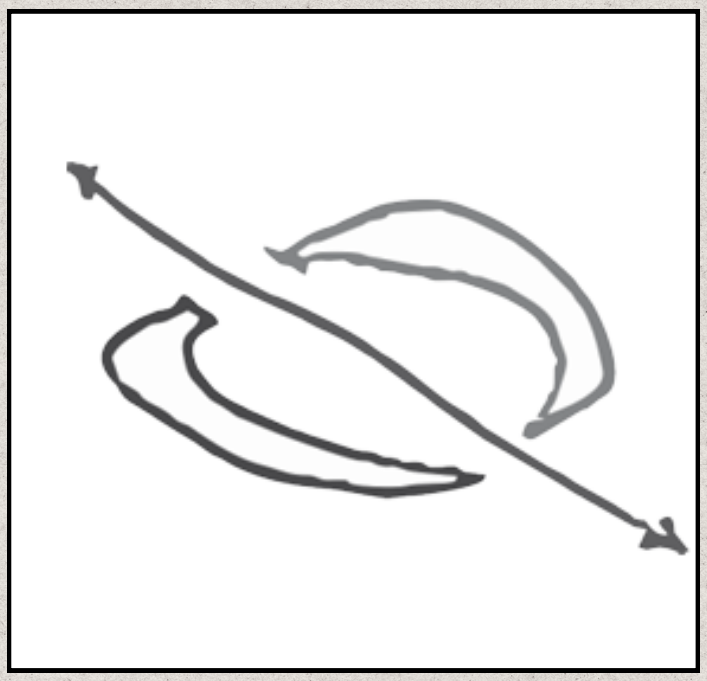


Figura 16: Croqui Paulo Mendes da Rocha
Fonte: VASCO,2011

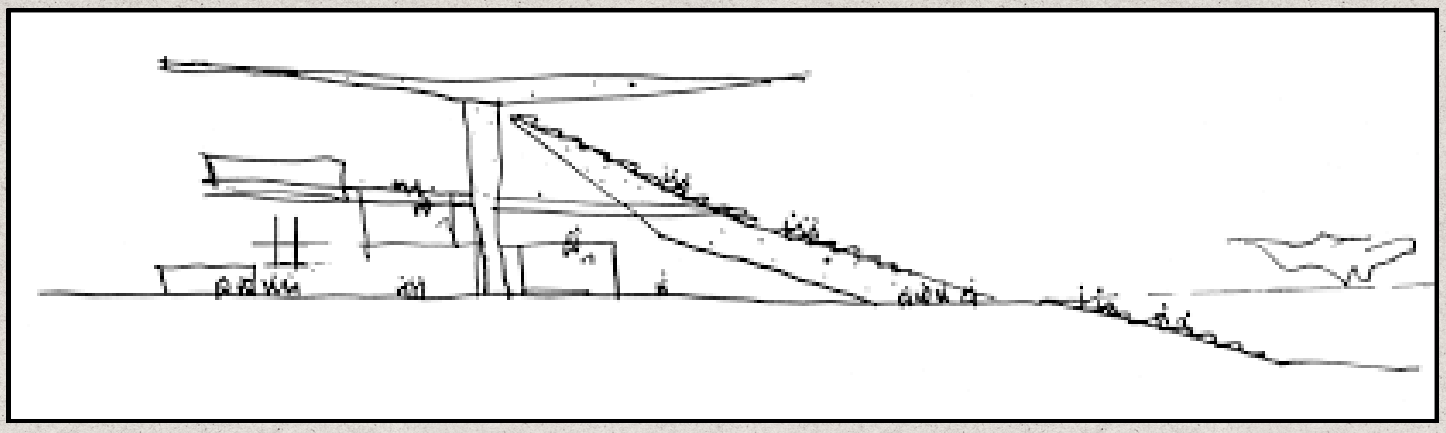


Figura 17: Croqui Paulo Mendes da Rocha
Fonte: VASCO,2011

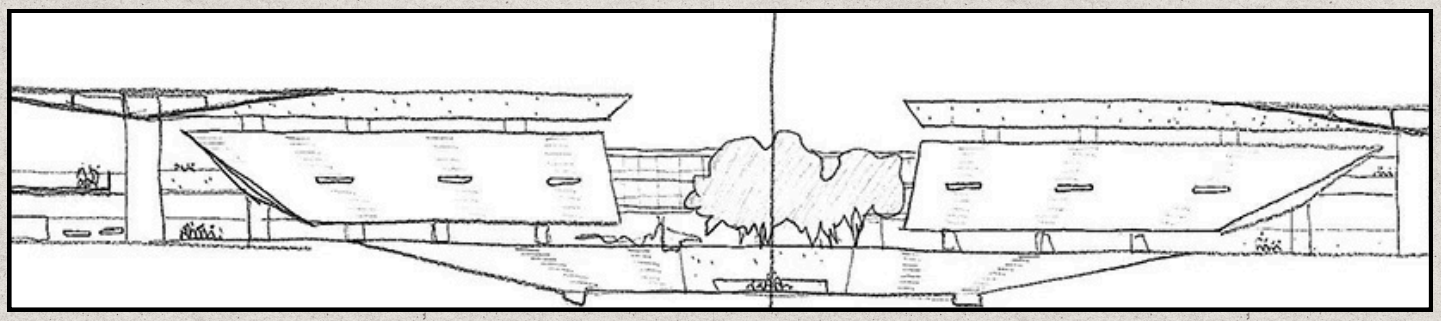


Figura 18: Croqui Paulo Mendes da Rocha
Fonte: VASCO,2011

3.2 - PAULO MENDES DA ROCHA

Nascido em Vitória, formou-se em São Paulo em 1954 na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Tornou-se um dos arquitetos brasileiros mais reconhecidos mundialmente e um dos grandes nomes da Escola Paulista. Foi também professor de projeto da FAU-USP entre 1961 e 1999, afastado em 1969 pela ditadura militar e sendo reintegrado ao corpo docente da universidade somente em 1980, após a anistia.

Além disso foi presidente do IABsp em duas ocasiões. É autor de diversos projetos importantes, públicos e privados, no Brasil e no exterior. Entre eles, destacam-se o Pavilhão Oficial do Brasil na Expo 70, em Osaka, o Museu Brasileiro da Escultura (MUBE), em São Paulo (1987), o Ginásio de Esportes do Clube Atlético Paulistano e o Edifício Guaimbê.

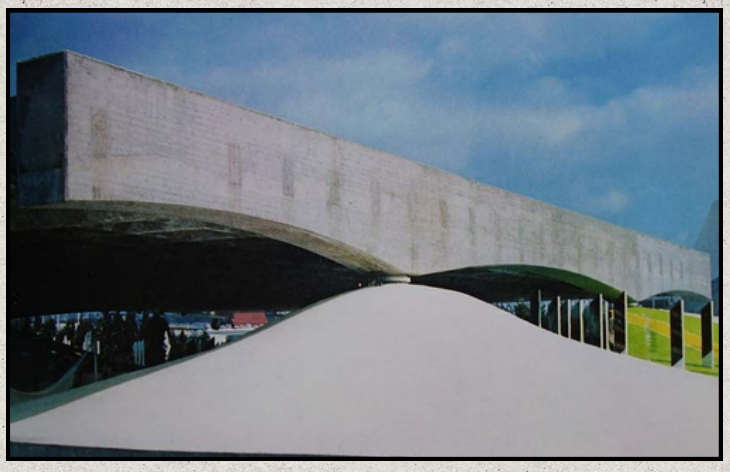


Figura 19: Foto Pavilhão Oficial do Brasil na Expo 70
Fonte: www.archdaily.com.br

Figura 20: Foto Museu Brasileiro da Escultura (MUBE)
Fonte: www.archdaily.com.br

Figura 21: Foto Pavilhão Oficial do Brasil na Expo 70
Fonte: www.archdaily.com.br

Figura 22: Foto Edifício Guaimbê
Fonte: www.archdaily.com.br

Vencedor do Pritzker de 2006, ganhador do Leão de Ouro na Bienal de Veneza 2016 pelo conjunto de sua obra e com o 28º Prêmio Imperial do Japão. Também foi anunciado como Gold Medal do ano de 2017 do Royal Institute of British Architects (RIBA).

Segundo o júri da Bienal de Veneza o principal mérito de sua arquitetura é ser atemporal: "Muitas décadas após serem construídos, cada um de seus projetos resiste ao avanço do tempo, tanto estilisticamente e fisicamente. Essa consciência estarrecedora deve ser a consequência de sua integridade ideológica e sua genialidade estrutural.

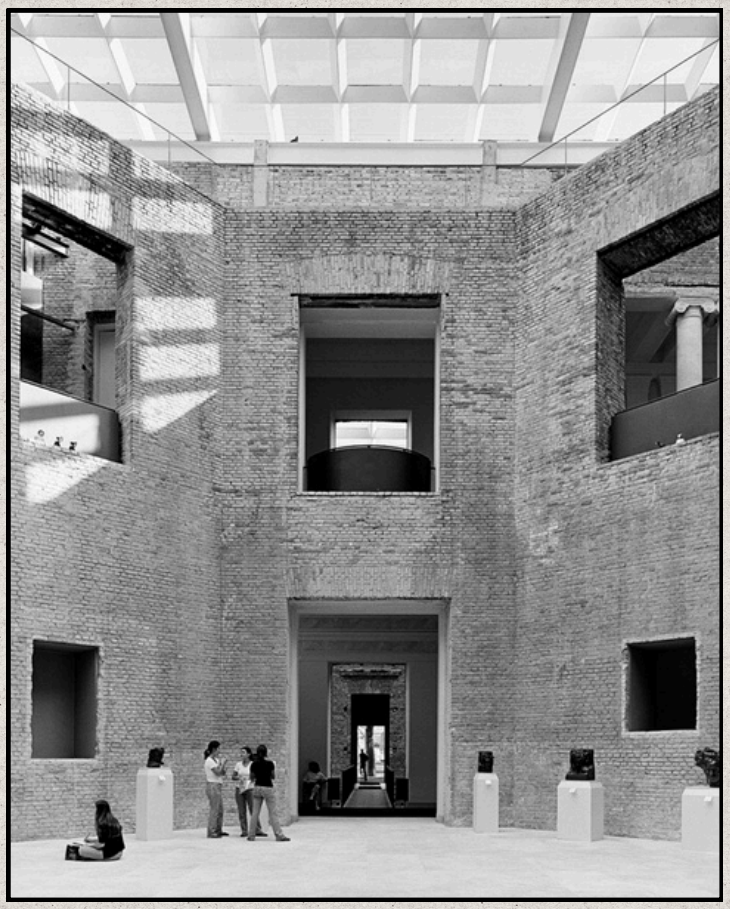


Figura 23: Foto reforma da Pinacoteca do Estado de São Paulo
Fonte: www.archdaily.com.br

Em 2017, foi lançado o documentário Tudo é Projeto, dirigido por sua filha Joana Mendes da Rocha, que aborda a vida e obra do arquiteto e apresenta as ideias sobre urbanidade, natureza, humanidade e técnica do arquiteto. Em 2020, o arquiteto doou seu acervo completo para a instituição portuguesa Casa da Arquitectura.

"Embora Niemeyer geralmente sacrifique a logica estrutural aos desejos formais e, ao contrario, Paulo Mendes da Rocha considere a forma resultado do rigor estrutural" (ROCHA,2002)

"Um projeto moderno que se baseia no domínio do saber técnico, na intensidade conceitual, no mecanismo da abstração, na vontade de inserção urbana e na vocação social" (ROCHA,2002)

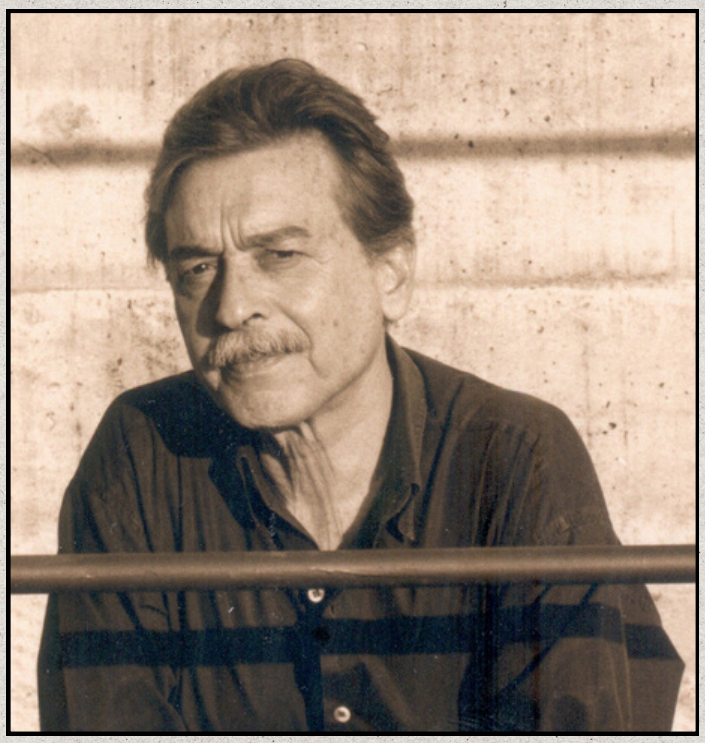


Figura 24: Foto Paulo Mendes da Rocha
Fonte: www.archdaily.com.br

3.3 -OBRAS EM GOIÂNIA

Sede Social do Jockey Clube de Goiás - Figura 25 (1962)

Localizada em Goiânia, é considerada a primeira edificação da cidade a adotar o concreto aparente de maneira expressiva. Idealizada por Paulo Mendes da Rocha em colaboração com João Eduardo de Gennaro, essa obra reflete uma linguagem moderna e tectonicamente ousada. arquitetura.vivadecora.com.br/paulo-mendes-da-rocha

Figura 25: Sede Social do Goiás Jockey Club
Fonte: arquitetura.vivadecora.com.br/paulo-mendes-da-rocha

Centro Social do Goiás Hockey Club - Figura 26 (1962–1963)

Projetado também para atender às necessidades esportivas e sociais, esse centro foi criado com a preocupação de preservar os espaços livres em um momento em que o centro urbano se adensava rapidamente. A estrutura em concreto busca criar continuidade entre edificação e paisagem urbana. arquitetura.vivadecora.com.br/paulo-mendes-da-rocha

Figura 26: Centro Social do Goiás Hockey Club
Fonte: arquitetura.vivadecora.com.br/paulo-mendes-da-rocha

Terminal Rodoviário de Goiânia - Figura 27 (1986)

Realizado em parceria com o escritório Grupo Quatro, o terminal substituiu uma estrutura antiga e se tornou um importante eixo de mobilidade da capital. Localizado na Avenida Goiás, em frente à Estação Goiânia, o terminal conta com ampla infraestrutura: 40 mil m², dezenas de plataformas, praças de alimentação, estacionamento e mais, integrando-se à vida urbana da cidade. arquitetura.vivadecora.com.br/paulo-mendes-da-rocha

Figura 27: Terminal Rodoviário de Goiânia
Fonte: arquitetura.vivadecora.com.br/paulo-mendes-da-rocha

3.4 - ARQUITETURA DOS ESTÁDIOS

A análise proposta por Gustavo Amaral (2013) sobre as cinco gerações de estádios evidencia a evolução desses edifícios em relação às transformações tecnológicas, comportamentais e urbanas das sociedades em que foram concebidos. O autor destaca que a classificação dos estádios não deve ser compreendida de forma meramente cronológica, mas sim pela capacidade de cada geração em incorporar as demandas culturais e tecnológicas de seu tempo, bem como pela relação estabelecida entre o edifício e a malha urbana em que se insere.

A primeira geração, surgida na Europa industrial, tinha como foco a capacidade de público, refletindo o caráter popular do esporte e a ausência de conforto nas instalações. Já a segunda geração surge com o advento da televisão, quando os estádios passam a buscar estratégias arquitetônicas para competir com o conforto doméstico, introduzindo melhorias no bem-estar do espectador. A terceira geração, influenciada pelo conceito de parques temáticos, consolida o estádio como um espaço de lazer familiar, ampliando sua função social por meio de serviços e atividades complementares.

Com o fortalecimento da mídia e do capital corporativo, a quarta geração transforma o estádio em um equipamento multiuso e globalizado, inserido em redes de transmissão e consumo em escala mundial.

Por fim, a quinta geração emerge como símbolo da competitividade entre cidades globais, em que o estádio assume papel estratégico na requalificação urbana e na promoção da imagem internacional dos centros urbanos, funcionando como catalisador de investimentos e regeneração de áreas subutilizadas.

O surgimento do estádio moderno remonta à segunda metade do século XIX, período marcado pela criação das federações e confederações esportivas, responsáveis por regulamentar e consolidar as práticas esportivas. Nesse contexto, formou-se a **primeira geração** de estádios, caracterizada pela ênfase na capacidade de público, sem preocupação com o conforto ou a qualidade arquitetônica das edificações.(Amaral,2013).

Esses estádios, conhecidos como “bowls”, possuíam formato semelhante a uma tigela, o que favorecia a acomodação de grandes multidões, em sua maioria em pé e sem cobertura. As estruturas apresentavam infraestrutura precária, com banheiros insuficientes e instalações rudimentares, refletindo a simplicidade e o caráter funcional da época. Apenas uma parcela restrita (dirigentes e convidados) dispunha de assentos cobertos, enquanto a maioria dos torcedores enfrentava condições de desconforto extremo, especialmente em locais de invernos rigorosos, como os Estados Unidos e a Europa. (Amaral,2013)

> “Esse tipo de edificação tornou-se o modelo de estádio concebido na Inglaterra, até a década de 1960. Mesmo com edificações incipientes, que não apresentavam o mínimo conforto, o público atraído pelo futebol tornava-se cada vez maior.” Amaral,2013

3.5 - A SEGUNDA GERAÇÃO

As transmissões radiofônicas e televisivas permitiram que o futebol chegasse aos lares, reduzindo o número de espectadores presentes nos estádios e revelando as deficiências estruturais e de conforto das construções de primeira geração. (Amaral,2013)

Como resposta a essa queda de público, surgiu a **segunda geração de estádios**, marcada pela busca de conforto e modernização das instalações. as arquibancadas passaram a ser dotadas de assentos de madeira, substituindo os antigos degraus onde os torcedores assistiam aos jogos em pé. Além disso, incorporaram-se sistemas de cobertura leve.

Entretanto, as transformações mais expressivas ocorreram na Itália da década de 1930, impulsionadas pela intenção de sediar a Copa do Mundo de 1934. Os estádios italianos dessa geração refletiram os princípios da **arquitetura moderna**, adotando o **concreto armado** como elemento estrutural e possibilitando avanços tipológicos significativos. Essa materialidade permitiu a criação de **coberturas em balanço**, abrangendo todo o conjunto de arquibancadas, e a implantação de sistemas de iluminação artificial, o que possibilitou a realização de partidas noturnas. (Amaral,2013)

Essas inovações revelam um novo entendimento do edifício esportivo: mais do que um espaço de massa, o estádio torna-se um equipamento voltado à experiência do espectador, associando o evento esportivo ao lazer e ao consumo, por meio da introdução de bares e ambulantes nas arquibancadas. Assim, a segunda geração de estádios inaugura uma nova etapa na arquitetura esportiva, orientada pela tecnologia, pelo conforto e pela integração entre esporte, mídia e entretenimento. (Amaral,2013)

> "As características estruturais do concreto armado possibilitaram a concepção de coberturas em balanço. Nos edifícios de segunda geração, o sistema cobertura não contemplava apenas uma parte do público presente, mas todo o lance de arquibancadas". Amaral,2013

Com o avanço tecnológico do século XX, não apenas a televisão, mas também a popularização do automóvel contribuiu para transformações significativas na concepção dos estádios de segunda geração. A difusão do carro particular modificou as formas de deslocamento do público, que passou a aceitar a localização dos estádios em **áreas mais afastadas dos centros urbanos,** desde que estes fossem acessíveis por vias amplas e dotados de estacionamentos adequados. Assim, a previsão de espaços destinados ao **estacionamento** de veículos tornou-se um elemento essencial no **programa arquitetônico** dos edifícios esportivos desse período. (Amaral,2013)

> "Quanto ao aspecto formal, os edifícios esportivos de segunda geração apresentaram uma tendência ao desenho elíptico, com cantos arredondados" Amaral,2013

Para o autor Gustavo Amaral, com a consolidação do esporte como forma de entretenimento de massa, os estádios pertencentes à segunda geração passaram por diversas adaptações e transformações tipológicas. Reformas, ampliações e atualizações foram realizadas com o intuito de adequar essas construções às novas demandas funcionais e às normas internacionais vigentes. Esse movimento de renovação contínua demonstra que a evolução e a atualização dos edifícios esportivos são características recorrentes em todas as gerações de estádios modernos.

Imagem 28 - Tomada aérea do estádio San Siro, 1970
Fonte: Amaral,2013

Imagem 29 - Estádio San Siro atualmente
Fonte: www.archdaily.com.br/br

ESTÁDIO SAN SIRO – MILÃO, ITÁLIA, 1926

Ano de construção: 1926
Capacidade de público: 85.700
Autor do projeto: Ulisse Stacchini, Alberto Cugini
Expansões: 1935, 1955, 1980

Exemplo de estádio da segunda geração

> "O estádio San Siro foi originalmente concebido como um edifício esportivo de segunda geração, porém a absorção de elementos ao longo dos anos fez com que esse edifício se transformasse em um dos principais símbolos não apenas da cidade de Milão, mas do esporte mundial como um todo. " Amaral,2013

Segundo Gustavo Amaral, as transformações tipológicas ocorridas no Estádio San Siro possibilitaram que a edificação transitasse entre diferentes gerações de estádios, incorporando características próprias das arenas esportivas de quinta geração. Embora não tenha sido planejado originalmente como uma ferramenta de regeneração urbana, é inegável que sua expressiva linguagem arquitetônica exerce forte influência sobre o entorno

3.6- A TERCEIRA GERAÇÃO

A terceira geração de estádios surgiu a partir da década de 1960, influenciada pelo novo conceito de entretenimento familiar introduzido pelos parques temáticos, especialmente pela criação da Disneyland. A ideia de um espaço voltado ao lazer coletivo, que oferecesse segurança, conforto e múltiplas opções de diversão, inspirou arquitetos e gestores esportivos a redefinirem o papel dos estádios. (Amaral,2013)

Até então, esses edifícios eram reconhecidos como ambientes predominantemente masculinos, desprovidos de infraestrutura adequada para acolher famílias e diferentes perfis de público. A necessidade de competir com as novas estruturas de lazer levou à incorporação de serviços e comodidades antes inexistentes, como restaurantes, lanchonetes, áreas de convivência e banheiros de melhor qualidade.O estádio passou a ser concebido como um equipamento de **uso prolongado**, capaz de proporcionar entretenimento **antes, durante e após os eventos esportivos**. (Amaral,2013)

> "Ir ao estádio passou a ser um programa para a tarde inteira e não apenas para as poucas horas de duração de uma partida." (Amaral,2013)

Assim, a terceira geração de estádios simboliza a transição do edifício esportivo tradicional para um equipamento urbano híbrido, que combina esporte, lazer, comércio e convívio social. Essa multifuncionalidade transformou os estádios em espaços de uso contínuo, inserindo-os na lógica econômica e cultural das cidades contemporâneas e consolidando seu papel como símbolos de identidade urbana e de desenvolvimento socioespacial. (Amaral,2013)

Além disso, a preocupação com a segurança tornou-se central, em resposta ao aumento de episódios de violência e comportamento agressivo entre torcedores. As novas soluções arquitetônicas buscaram controlar fluxos, separar setores e garantir conforto e salubridade, transformando o estádio em um ambiente mais inclusivo, seguro e familiar. Dessa forma, a terceira geração representa um marco de transição no conceito de estádio, que deixa de ser um simples palco esportivo para consolidar-se como um espaço multifuncional de lazer, consumo e convivência social. (Amaral,2013)

Imagem 30 - Imagem aérea mostrando a sua implantação ao lado de instalações comerciais.
Fonte: Amaral,2013

ASTRODOME – HOUSTON, EUA, 1965
Ano de construção: 1965
Capacidade de público: 62.439
Autor do projeto: Roy Hofheinz
Expansões: 1866, 1970, 1980
Exemplo de estádio da terceira geração

3.7- A QUARTA GERAÇÃO

A quarta geração de estádios surge no contexto do avanço tecnológico e da globalização, marcada pela integração entre esporte, mídia e mercado. Essa nova fase representa a consolidação do estádio como um equipamento comercial e midiático, diretamente influenciado pelo crescimento da transmissão esportiva via satélite e pelo interesse de grandes corporações em associar suas marcas ao futebol, transformando-o em um produto global de alto valor econômico. (Amaral,2013)

Com a evolução das telecomunicações, os estádios passaram a ser projetados não apenas para o público presente, mas também para o espectador virtual, acompanhando os jogos pela televisão e pela internet. Assim, os projetos arquitetônicos incorporaram infraestruturas específicas para a transmissão audiovisual, como pontos estratégicos para câmeras, cabos ópticos, iluminação técnica e áreas de imprensa, tornando-se verdadeiros palcos multimidiáticos. (Amaral,2013)

Esses edifícios também se tornaram mais compactos e tecnologicamente eficientes, priorizando visibilidade, conforto e acessibilidade, mas sobretudo a lucratividade. O programa arquitetônico passou a incluir hotéis, restaurantes, lojas, escritórios e áreas comerciais, gerando receita contínua e transformando o estádio em um centro empresarial e de entretenimento. Dessa forma, o futebol se consolidou como um meio de divulgação e consumo global, e o estádio, como sua principal vitrine. A tecnologia e o marketing tornaram-se elementos centrais dessa geração. A prática do naming rights, em que os estádios recebem o nome de empresas patrocinadoras, reforça o caráter mercadológico desses espaços e a sua integração com estratégias de marca e publicidade. (Amaral,2013)

No entanto, apesar do alto nível tecnológico, muitos desses edifícios carecem de expressão arquitetônica e de vínculos urbanos significativos, tornando-se estruturas voltadas mais à imagem e ao lucro do que à relação com o território e a comunidade. (Amaral,2013)

Assim, o estádio de quarta geração consolida-se como um símbolo do espetáculo esportivo globalizado, em que o esporte, a mídia e o capital convergem para criar um equipamento multifuncional e corporativo, mas, em muitos casos, desvinculado de sua identidade urbana e social original. (Amaral,2013)

> "A evolução dos meios de comunicação via satélite permitiu que eventos esportivos pudessem ser acompanhados pela televisão, ou pela internet, em horários compatíveis com os expedientes de trabalho da população." Amaral,2013

Imagem 31 - Imagem aérea mostrando a sua implantação ao lado de instalações comerciais.
Fonte: Amaral,2013

REEBOK STADIUM – BOLTON, INGLATERRA, 1997
Ano de construção: 1997
Capacidade de público: 28 mil
Autor do projeto: HOK+S+V+E
Exemplo de estádio da quarta geração

3.8- A QUINTA GERAÇÃO

A quinta geração de estádios marca o momento em que essas edificações ultrapassam o papel de simples arenas esportivas para se tornarem instrumentos estratégicos de planejamento urbano e regeneração territorial. No contexto do século XXI, os estádios contemporâneos passam a atuar como catalisadores do desenvolvimento urbano, capazes de transformar áreas degradadas, atrair investimentos e impulsionar o crescimento econômico e social de regiões em processo de revitalização. (Amaral,2013)

Diferentemente das gerações anteriores, que priorizavam o conforto, a tecnologia ou a multifuncionalidade interna, os estádios de quinta geração assumem uma função urbana e simbólica, inserindo-se como ícones arquitetônicos e marcos paisagísticos que reconfiguram o tecido urbano ao seu redor. A implantação desses equipamentos estimula o surgimento de novas áreas residenciais, espaços de lazer, zonas comerciais e redes de transporte, consolidando-os como núcleos estruturadores da cidade contemporânea. (Amaral,2013)

A arquitetura desses estádios busca impacto visual e integração urbana, utilizando sistemas de cobertura expressivos e soluções estruturais marcantes que reforçam sua identidade iconográfica. Além disso, sua concepção considera o planejamento estratégico da cidade, articulando-se com políticas públicas e investimentos privados, o que os torna ferramentas complexas de requalificação e valorização do espaço urbano. (Amaral,2013) O autor destaca que, embora a tipologia dessa geração seja menos "legível" formalmente, seu verdadeiro valor está na capacidade de influenciar positivamente o entorno urbano, regenerando áreas subutilizadas e conectando-as a uma rede global de cidades contemporâneas.

Em síntese, os estádios de quinta geração representam a convergência entre arquitetura, urbanismo e economia global, sendo projetados para funcionar como símbolos urbanos, polos de revitalização e motores de desenvolvimento sustentável. Tornam-se, assim, espaços multifuncionais e de forte caráter identitário, inseridos em uma lógica de planejamento urbano integrado e globalizado.

Imagem 32 - Imagem aérea do estádio e da zona comercial adjacente ao edifício.
Fonte: Amaral,2013

AMSTERDÃM ARENA – AMSTERDÃ, HOLANDA, 1997
Ano de construção: 1997
Capacidade de público: 51.628
Autor do projeto: R. Schuurman & S. Soeters
Exemplo de estádio da quinta geração

3.9 ANÁLISE SERRA DOURADA

Embasado no estudo desenvolvido por Gustavo Amaral (2013), realiza-se uma análise tipológica do Estádio Serra Dourada a partir da perspectiva das cinco gerações de estádios.

O Estádio Serra Dourada, projetado pelo arquiteto Paulo Mendes da Rocha e inaugurado em 1975, insere-se tipologicamente no contexto das edificações esportivas de segunda geração, ainda que apresente elementos de transição para as gerações seguintes. Sua concepção reflete um momento em que o estádio moderno começava a incorporar preocupações com o conforto, a visibilidade e a experiência do espectador, sem, contudo, abandonar completamente a monumentalidade e a simplicidade estrutural herdadas das tipologias anteriores.

De acordo com a classificação evolutiva dos estádios, a primeira geração caracterizou-se por estruturas rudimentares, voltadas apenas para abrigar grandes públicos, com arquibancadas descobertas, ausência de conforto e infraestrutura precária. A segunda geração, por sua vez, emergiu como resposta à necessidade de melhorar as condições de permanência do público, introduzindo assentos fixos, coberturas parciais e sistemas construtivos mais avançados, geralmente em concreto armado.

Essas inovações também estiveram associadas à popularização do automóvel e à consequente inclusão de estacionamentos e vias de acesso no programa de necessidades dos estádios — aspectos igualmente presentes no Serra Dourada.

O Serra Dourada traduz com clareza esses princípios. Sua estrutura em concreto aparente, característica marcante da arquitetura brutalista brasileira da época, confere monumentalidade e durabilidade à edificação, ao mesmo tempo em que simplifica os sistemas construtivos e reduz a necessidade de manutenção constante.

Imagem 33- Imagem interna Serra Dourada
Fonte: euripedesneto/estadioserradourada

Imagem 34 - Imagem interna Serra Dourada
Fonte: euripedesneto/estadioserradourada

O uso extensivo do concreto armado para arquibancadas, pilares e coberturas reflete o domínio tecnológico do material e está em consonância com o avanço técnico observado nos estádios considerados marcos da segunda geração.

Além disso, o estádio goiano incorpora o conceito de acessibilidade viária e funcionalidade urbana, situando-se em uma área afastada do centro, mas estrategicamente conectada por grandes avenidas e amplos estacionamentos, o que evidencia a influência da cultura do automóvel, típica da segunda geração.

O estádio desempenhou um papel fundamental no processo de expansão urbana de Goiânia, atuando como um marco estruturador da região sudeste da cidade. Sua implantação em uma área até então pouco urbanizada foi uma decisão estratégica, característica dos estádios de segunda geração, que buscavam não apenas atender à crescente demanda por grandes eventos esportivos, mas também estimular o crescimento urbano. A presença do estádio fomentou o surgimento de novas atividades e infraestruturas urbanas em seu entorno, como áreas residenciais, centros esportivos e estabelecimentos comerciais.

Assim, o Serra Dourada cumpriu o papel que muitos estádios de segunda geração desempenharam em suas cidades: atuar como vetor de urbanização, alavancando o desenvolvimento econômico e contribuindo para a formação de novas zonas de interesse público. Contudo, esse modelo também evidenciava limitações típicas de sua época. O estádio, concebido como um equipamento isolado e de uso esporádico, priorizava o espetáculo esportivo

O estádio, concebido como um equipamento isolado e de uso esporádico, priorizava o espetáculo esportivo e o acesso motorizado, mas não estabelecia uma relação cotidiana e integrada com a cidade. Assim, embora tenha sido decisivo na ocupação e valorização da região, o Serra Dourada expressa a lógica dos estádios de segunda geração, que se destacavam mais por sua escala monumental e impacto urbanístico do que por sua conectividade funcional e social.

Esse papel de impulsionador urbano assumido pelo edifício pode ser claramente observado em uma análise que o autor Flávio Fernandes Vasco (2011) fez,para ele o estádio foi concebido em um período em que o Jardim Goiás ainda era uma área praticamente desocupada(ver imagem X), o estádio exerceu forte influência sobre o processo de urbanização e adensamento dessa região.

Imagem 35 -LEVANTAMENTO AERO-FOTOMÉTRICO 1975
Fonte: Vasco,2011

Imagem 36 -LEVANTAMENTO AERO-FOTOMÉTRICO 1992
Fonte: Vasco,2011

Na Figura XX, percebe-se como o entorno se modificou rapidamente, com a ocupação do solo, a BR-153 recebe um viaduto nas proximidades do estádio, o que facilitaria ainda mais seu acesso.

Em 1992, o adensamento da região é predominantemente horizontal, não alterando a visão geral do edifício.

No final da década de 1990, o Estádio Serra Dourada tem sua percepção alterada drasticamente com a inserção do Goiânia Arena, um ginásio poliesportivo instalado a poucos metros da lateral nordeste do edifício, fato este que muito influi na forma como o edifício se configura na paisagem urbana. Na imagem XXX de 2002 conseguimos perceber que o adensamento do Jardim Goiás ainda é baixo, pouco ocupado, apresentando algumas verticalizações pontuais.

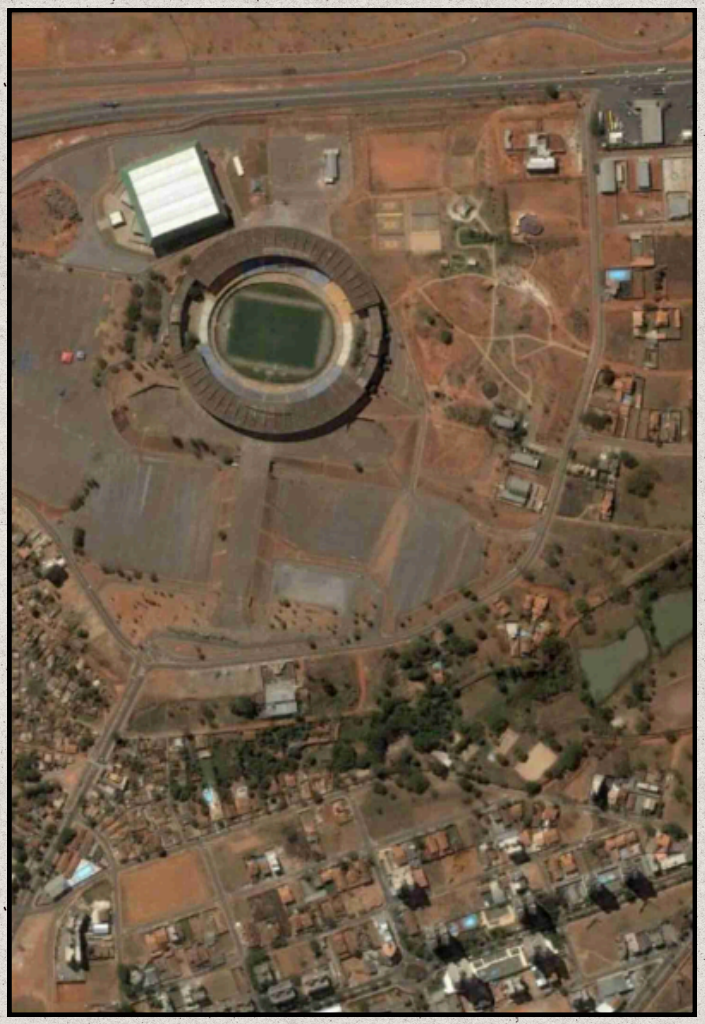


Imagem 37-IMAGEM AÉREA 23/08/2002
Fonte: Vasco,2011

Imagem 38 -Imagem área atual Serra dourada
Fonte: Google earth

Diferente do cenário original de sua implantação, quando o estádio se destacava de forma isolada na paisagem, hoje ele encontra-se circundado por um tecido urbano denso, composto por edifícios verticais residenciais e comerciais, centros de convenções, shopping centers e outros equipamentos públicos e privados.

Essa transformação evidencia uma mudança significativa na relação entre o estádio e a cidade: o que antes era um edifício de caráter monumental e isolado, agora está imerso em uma malha urbana dinâmica e multifuncional.

A análise dessa evolução urbana reforça o entendimento do Estádio Serra Dourada como um estádio típico de segunda geração.

Projetado em um período em que os estádios eram concebidos prioritariamente como grandes monumentos esportivos, voltados à celebração do esporte e à afirmação simbólica do poder público, o edifício cumpriu inicialmente o papel de impulsionar o desenvolvimento de uma região ainda pouco ocupada de Goiânia.

Diferentemente dos estádios de terceira e quarta geração, o Serra Dourada não foi concebido como um centro de lazer multifuncional, tampouco integra programas comerciais, hoteleiros ou de entretenimento contínuo. Seu uso permanece predominantemente esportivo e eventual, evidenciando que sua concepção antecede o processo de comercialização e espetacularização do futebol. Ainda assim, o edifício expressa valores arquitetônicos e urbanos significativos, como a monumentalidade pública e o espaço coletivo de convivência, típicos da produção moderna brasileira.

Embora o estádio não tenha sido projetado como uma ferramenta de regeneração urbana, característica marcante das arenas de quinta geração, sua presença simbólica e paisagística exerce papel relevante na configuração de seu entorno, tornando-se marco visual e identitário de Goiânia. Assim, ao relacionar suas características construtivas, funcionais e urbanas ao panorama evolutivo das tipologias esportivas,

é possível afirmar que o Estádio Serra Dourada representa de forma exemplar a segunda geração de estádios modernos. Seu projeto expressa a transição entre a funcionalidade técnica e o início da busca por conforto e qualidade espacial, traduzindo um momento de consolidação do estádio enquanto equipamento urbano de grande escala, símbolo de modernidade e integração social.

O complexo, antes pensado como um polo estruturador, perdeu protagonismo e tornou-se um equipamento subutilizado, incapaz de atender às novas demandas de multifuncionalidade, conectividade e regeneração urbana características dos estádios de quinta geração.

Nesse contexto, a requalificação do Estádio Serra Dourada surge como uma oportunidade única de ressignificar seu papel dentro da paisagem de Goiânia, reposicionando-o como um equipamento urbano verdadeiramente integrado, dinâmico e multifuncional. Mais do que modernizar sua infraestrutura, trata-se de reconstruir sua relação com a cidade, superando o isolamento físico e funcional característico de sua concepção original de segunda geração. A atualização de sua tipologia permitiria não apenas resgatar sua relevância simbólica e esportiva, mas também fortalecer sua presença como marco arquitetônico e como espaço público de grande representatividade.

Ao assumir novos usos e incorporar atividades contínuas — culturais, comerciais, de lazer e serviços — o Serra Dourada poderia deixar de funcionar apenas como palco de eventos pontuais para se tornar um elemento ativo na malha urbana, participando do cotidiano da população e dialogando com os fluxos do bairro Jardim Goiás. Essa transformação ampliaria sua capacidade de atrair pessoas, investimentos e atividades diversificadas, convertendo-o em um polo de encontro e convivência que reflita as dinâmicas contemporâneas de uma cidade em constante expansão.

Imagem 39 - Imagem interna Serra Dourada
Fonte: euripedesneto/estadioserradourada

Imagem 40 - Imagem externa Serra Dourada
Fonte: euripedesneto/estadioserradourada

A análise do projeto elaborado pelo Grupo 4 baseia-se no material ao qual tive acesso por meio de uma conversa realizada com o escritório responsável, conduzida de forma online. Esse contato permitiu compreender de maneira mais detalhada as intenções projetuais e os critérios que orientaram a proposta, fornecendo subsídios essenciais para avaliar como o estudo busca reposicionar o Estádio Serra Dourada dentro de uma lógica contemporânea de uso e operação.

O projeto busca superar as limitações da tipologia original de segunda geração, marcada pela implantação isolada, pela predominância do automóvel e pela ausência de usos complementares. Para isso, propõe a ampliação do programa funcional, incorporando atividades culturais, comerciais, esportivas e de lazer que permanecem ativas ao longo da semana, e não apenas em dias de partida.Essa multifuncionalidade confere ao estádio um papel urbano ampliado, alinhando-o ao conceito de arena contemporânea capaz de gerar vitalidade, movimento e integração com o bairro.

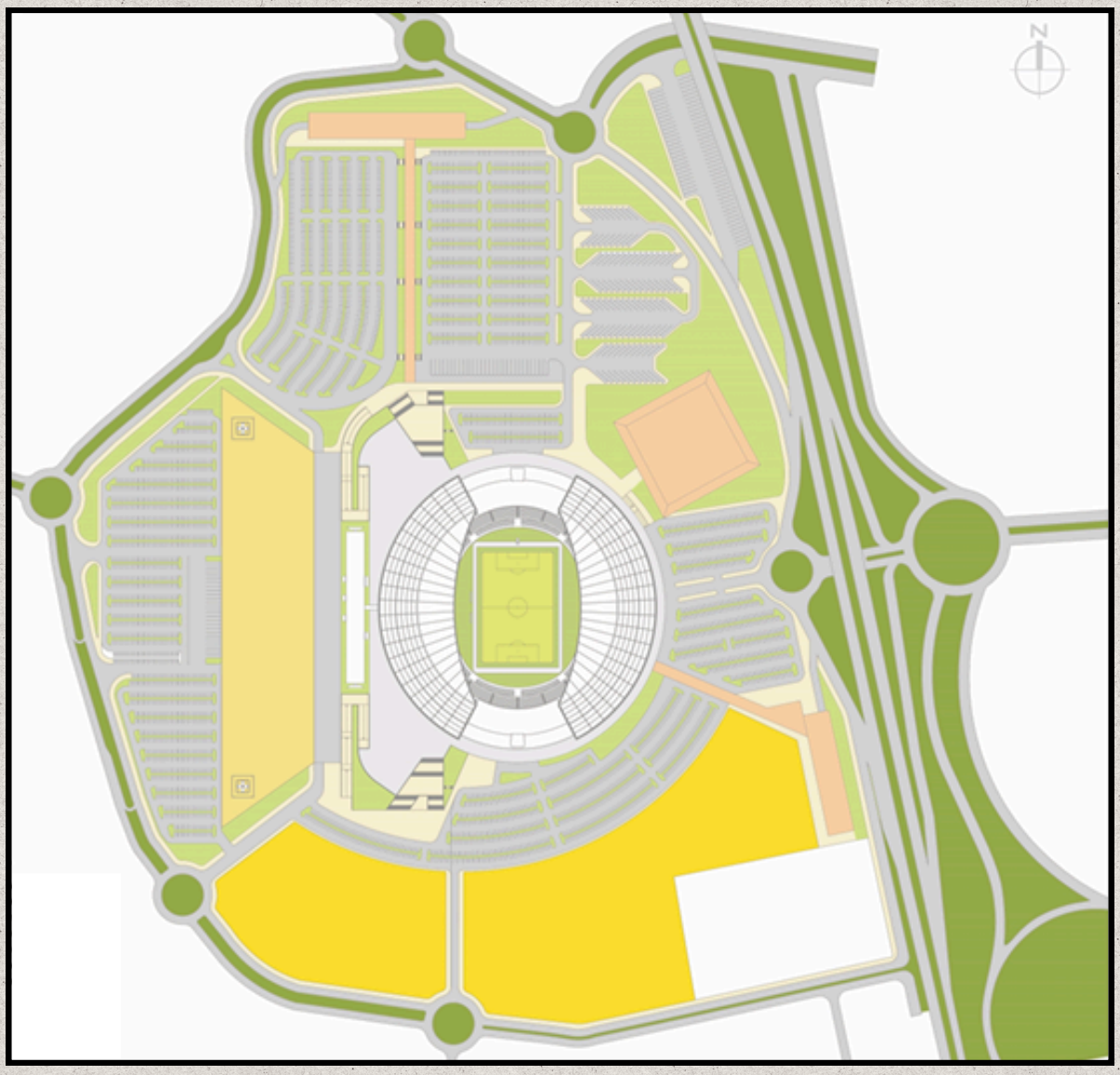


Figura 41: Implantação Serra Dourada
FONTE: Acervo grupo quatro

O Grupo 4 propõe a reorganização completa do entorno imediato,essa abordagem rompe com a condição de isolamento histórico do Serra Dourada e responde diretamente às demandas de um equipamento da quinta geração, que deve atuar como catalisador de regeneração urbana.

Por fim, o projeto apresentado mostra-se como um esforço consistente de reconduzir o Estádio Serra Dourada ao protagonismo urbano, esportivo e simbólico de outras épocas. Ele o transforma de um equipamento monofuncional e datado para uma estrutura contemporânea, integrada e de grande relevância regional.

A entrevista com o escritório permitiu compreender que a intenção central do Grupo 4 é justamente preparar o estádio para operar como um equipamento capaz de gerar novas centralidades, induzir desenvolvimento urbano e dialogar com as exigências arquitetônicas e urbanísticas que caracterizam as arenas de quinta geração.

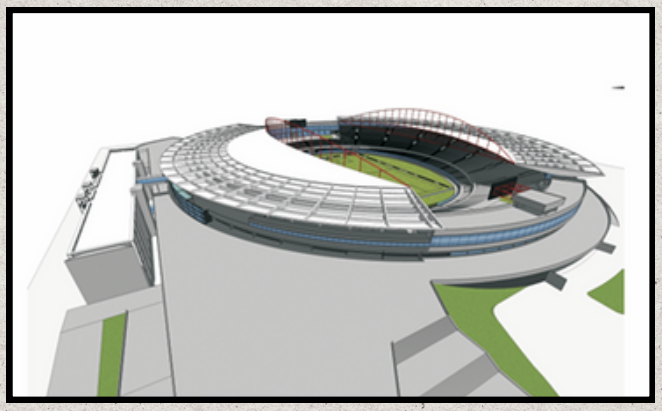


Figura 42: Maquete Serra Dourada
FONTE: Acervo grupo quatro

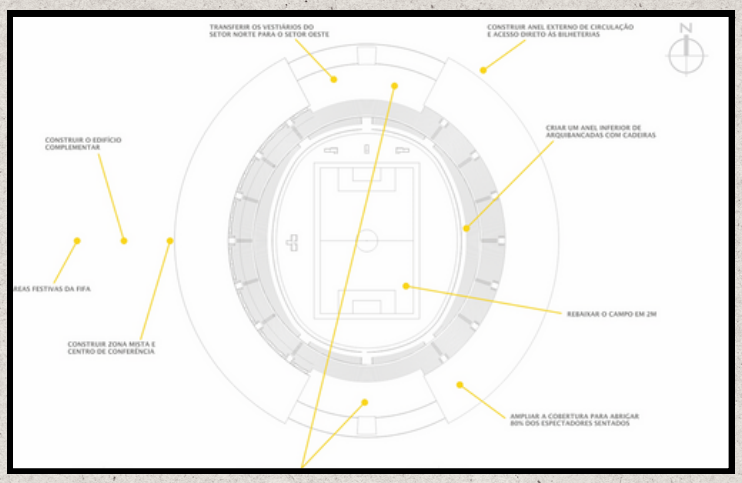


Figura 43: Mudanças Serra Dourada
FONTE: Acervo grupo quatro

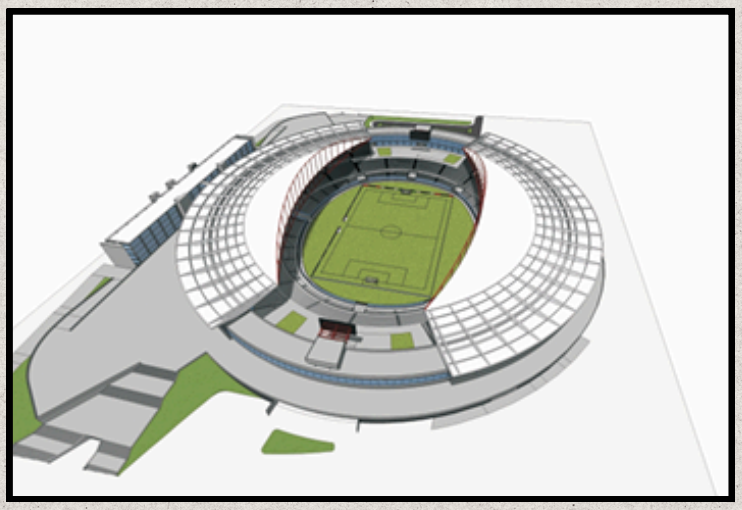


Figura 44: Maquete Serra Dourada
FONTE: Acervo grupo quatro

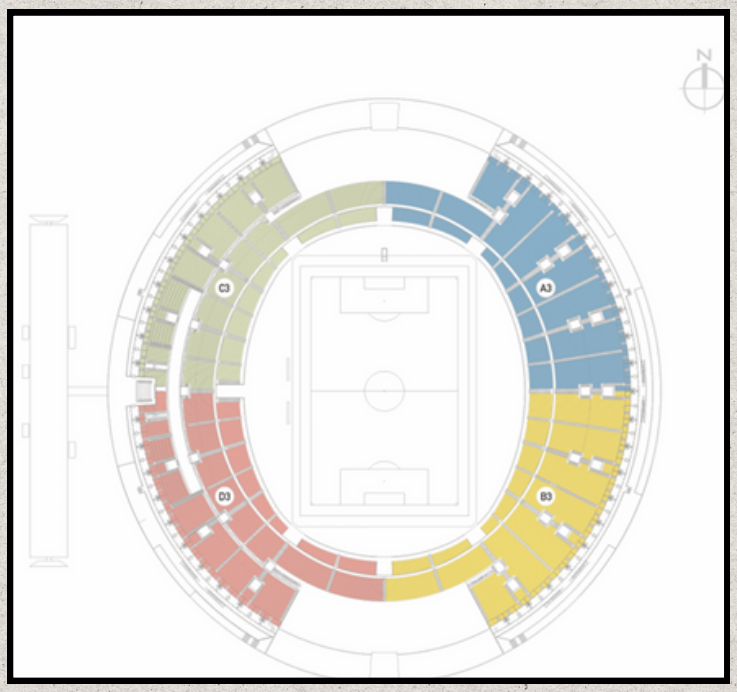


Figura 45: Planta setores Serra Dourada
FONTE: Acervo grupo quatro

4.0 - LOCALIZAÇÃO SERRA DOURADA

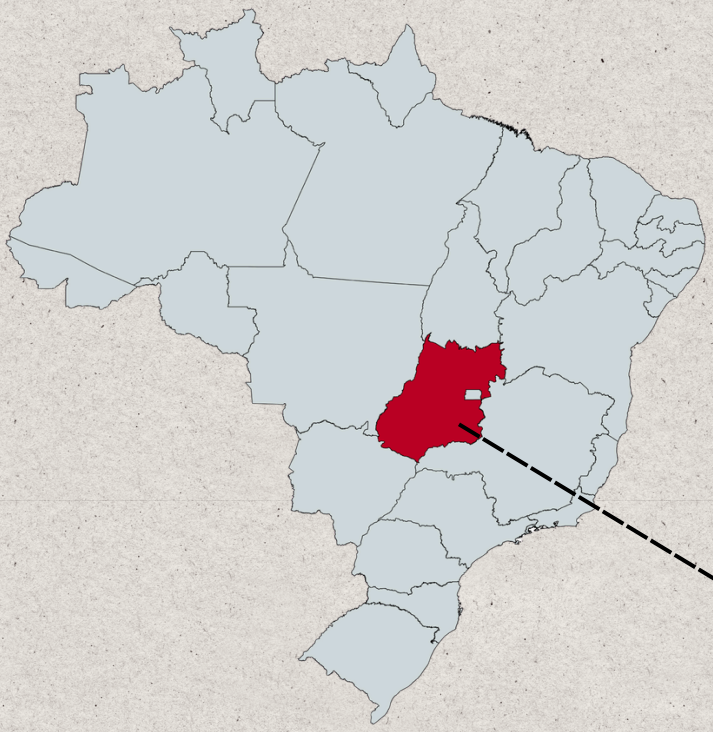


Figura 46 : Mapa Brasil
FONTE: Map chart,editado pelo autor

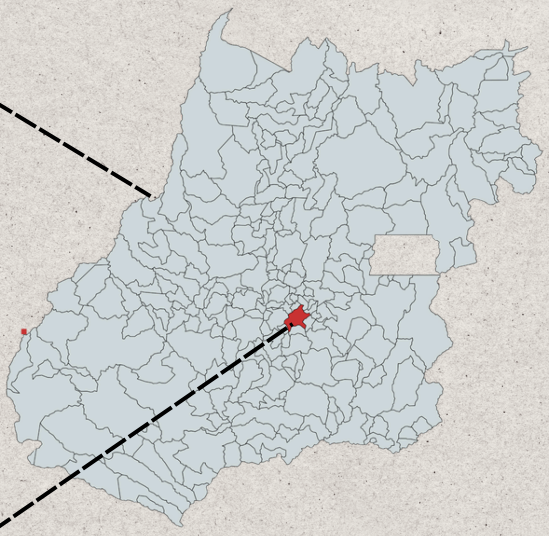
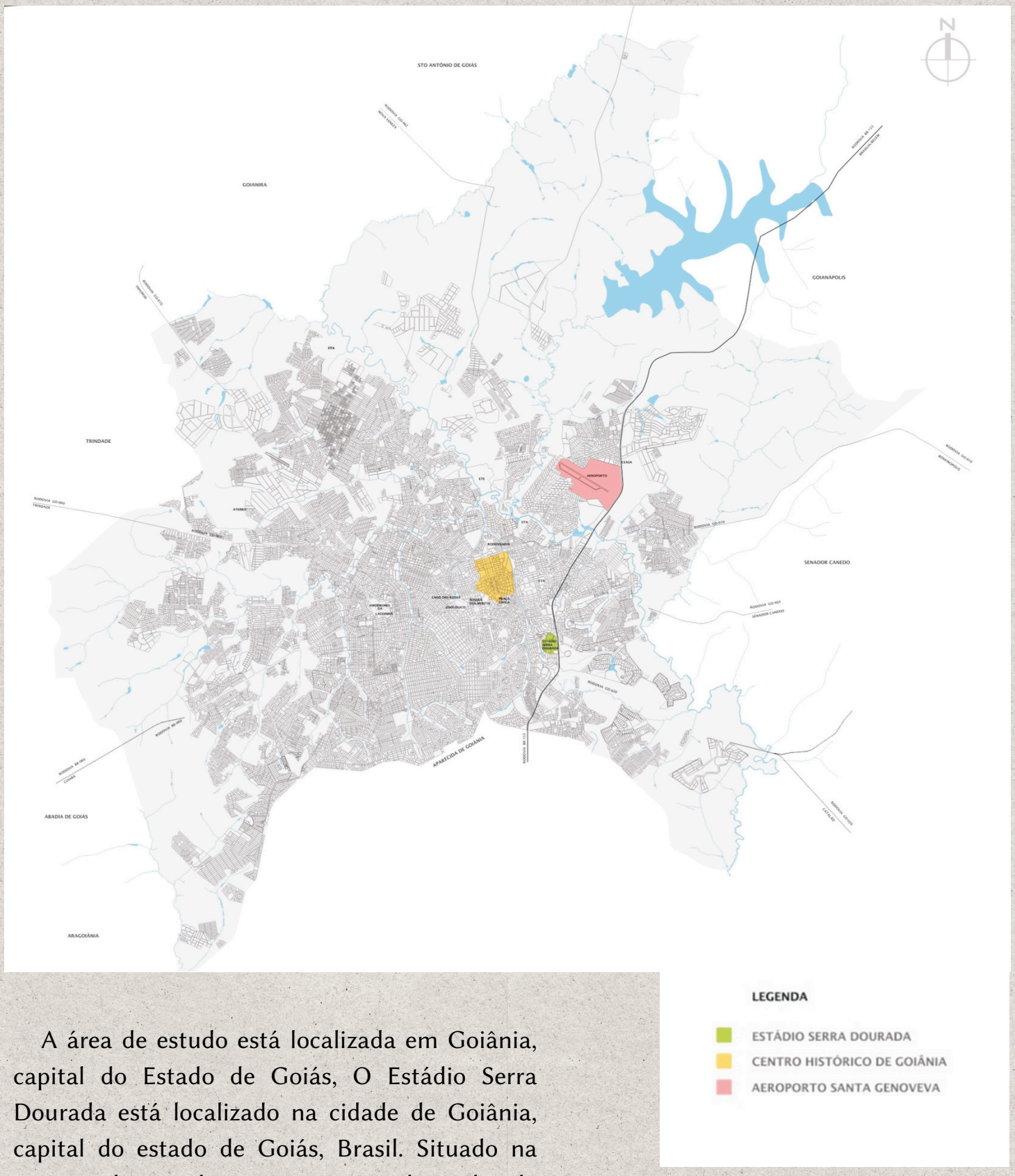


Figura 47: Mapa Goiás
FONTE: Map chart,editado pelo autor

Figura 48 : Mapa Goiânia
FONTE: Map chart,editado pelo autor

4.0 - LOCALIZAÇÃO SERRA DOURADA



A área de estudo está localizada em Goiânia, capital do Estado de Goiás, O Estádio Serra Dourada está localizado na cidade de Goiânia, capital do estado de Goiás, Brasil. Situado na região sul, uma das regiões mais valorizadas da cidade, o estádio está inserido em um contexto urbano dinâmico e de grande desenvolvimento econômico e imobiliário.

Figura 49 : Mapa Goiânia
FONTE: Acervo grupo quatro

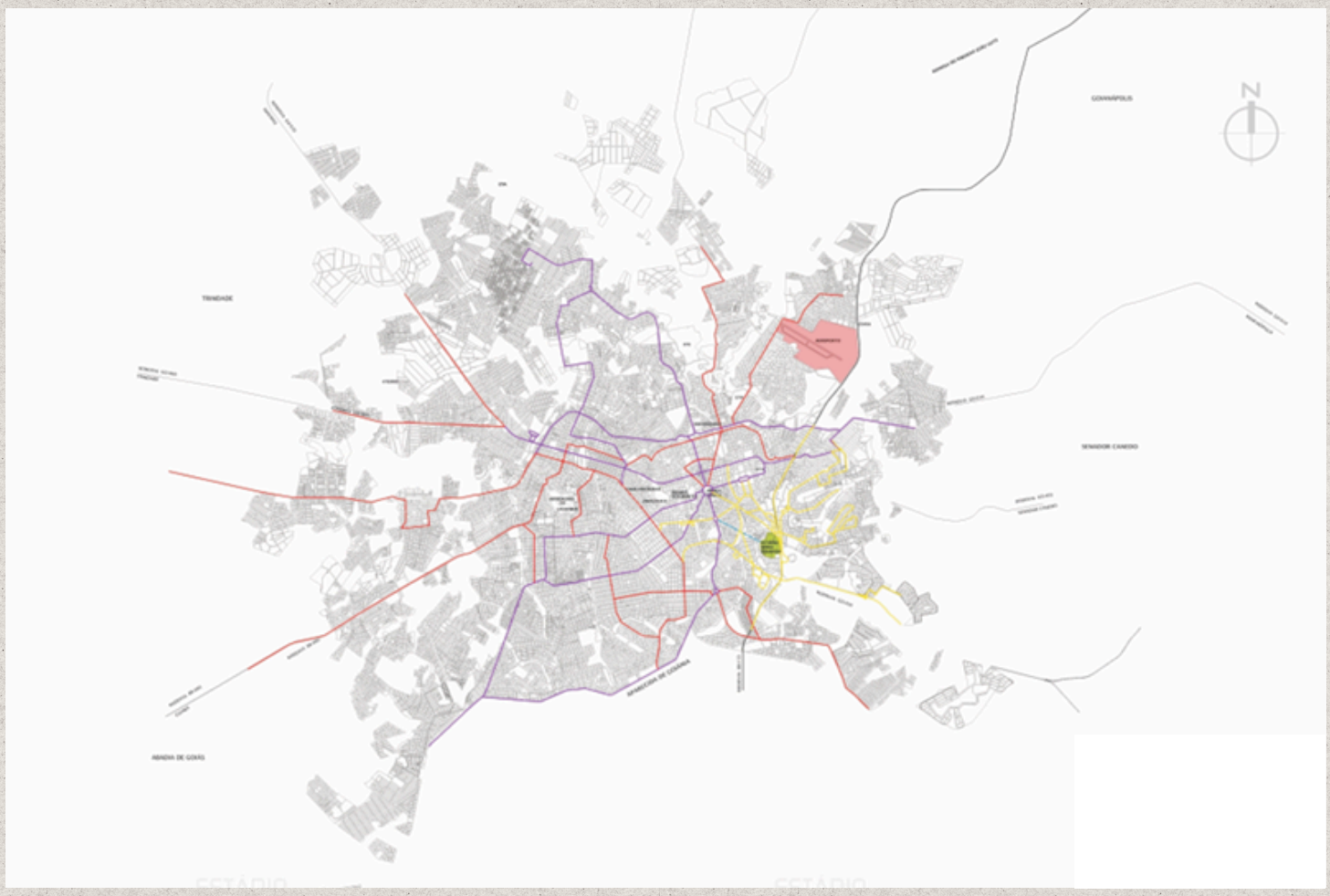


Figura 50 : Mapa Goiânia
FONTE: Acervo grupo quatro

O mapa apresentado mostra a rede de transporte público de Goiânia, com destaque para as principais linhas de ônibus e eixos prioritários de circulação que conectam o Estádio Serra Dourada (em verde) ao restante da cidade.

Na imagem geral, é possível observar a distribuição dos corredores preferenciais (em vermelho) e dos eixos prioritários (em roxo) que estruturam o sistema de mobilidade urbana. O Aeroporto Santa Genoveva (em rosa) e o centro expandido de Goiânia aparecem como polos de articulação viária importantes, conectados por vias de grande fluxo e linhas troncais de transporte.

PRINCIPAIS VIAS DE ACESSO

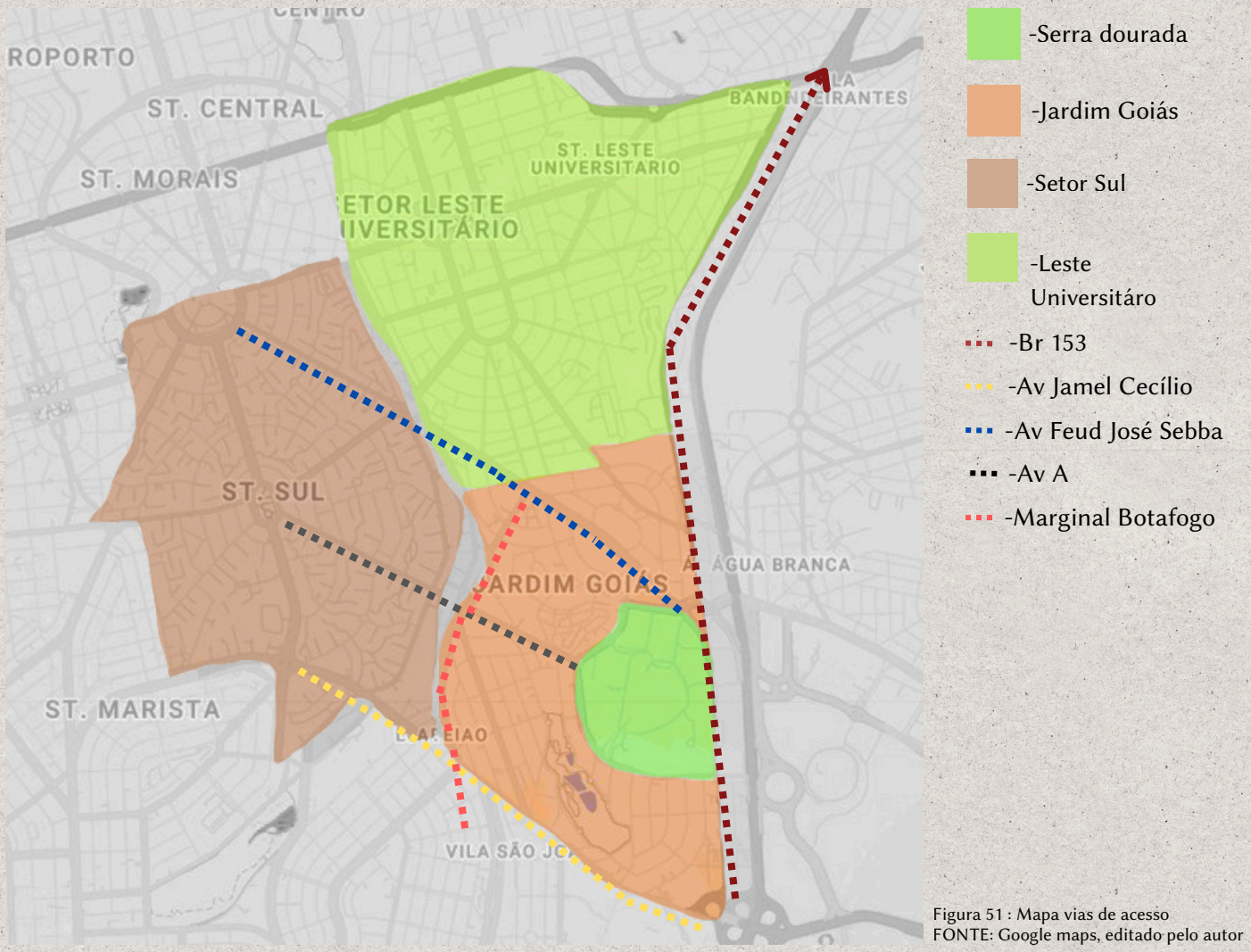


Figura 51 : Mapa vias de acesso
FONTE: Google maps, editado pelo autor

- BR-153 (em vermelho): É o principal eixo rodoviário que conecta Goiânia a outras cidades do estado e à Região Metropolitana. Sua proximidade com o estádio facilita o acesso de visitantes vindos de fora da capital, tornando-se uma via essencial para grandes eventos esportivos e shows.
- Avenida Jamel Cecílio (amarelo): Conecta o Setor Marista e o Jardim Goiás ao eixo da BR-153, funcionando como um importante corredor comercial e de serviços. Seu papel é fundamental na chegada ao Serra Dourada a partir das áreas centrais e nobres da cidade, além de estruturar o crescimento urbano ao redor do estádio.
- Avenida Fued José Sebba (em azul): É a via que dá acesso direto ao Estádio Serra Dourada, margeando todo o complexo esportivo. Nela se localizam estacionamentos, acessos de pedestres e pontos de ônibus. Essa avenida é vital durante eventos, pois organiza o fluxo local e conecta o estádio a vias arteriais.
- Avenida A (em preto): Uma das principais avenidas de Goiânia, interliga o Setor Marista, o Setor Sul e o Setor Leste Universitário. Sua continuidade até a região do Jardim Goiás permite a chegada de público vindo do centro e da zona oeste, sendo um eixo de mobilidade histórica da cidade.
- Avenida Marginal Botafogo (laranja): Conecta o centro da cidade à BR-153 e ao Jardim Goiás. Essa via é essencial por oferecer um trajeto rápido e fluido, especialmente para o público que vem do Setor Central e do Setor Universitário.

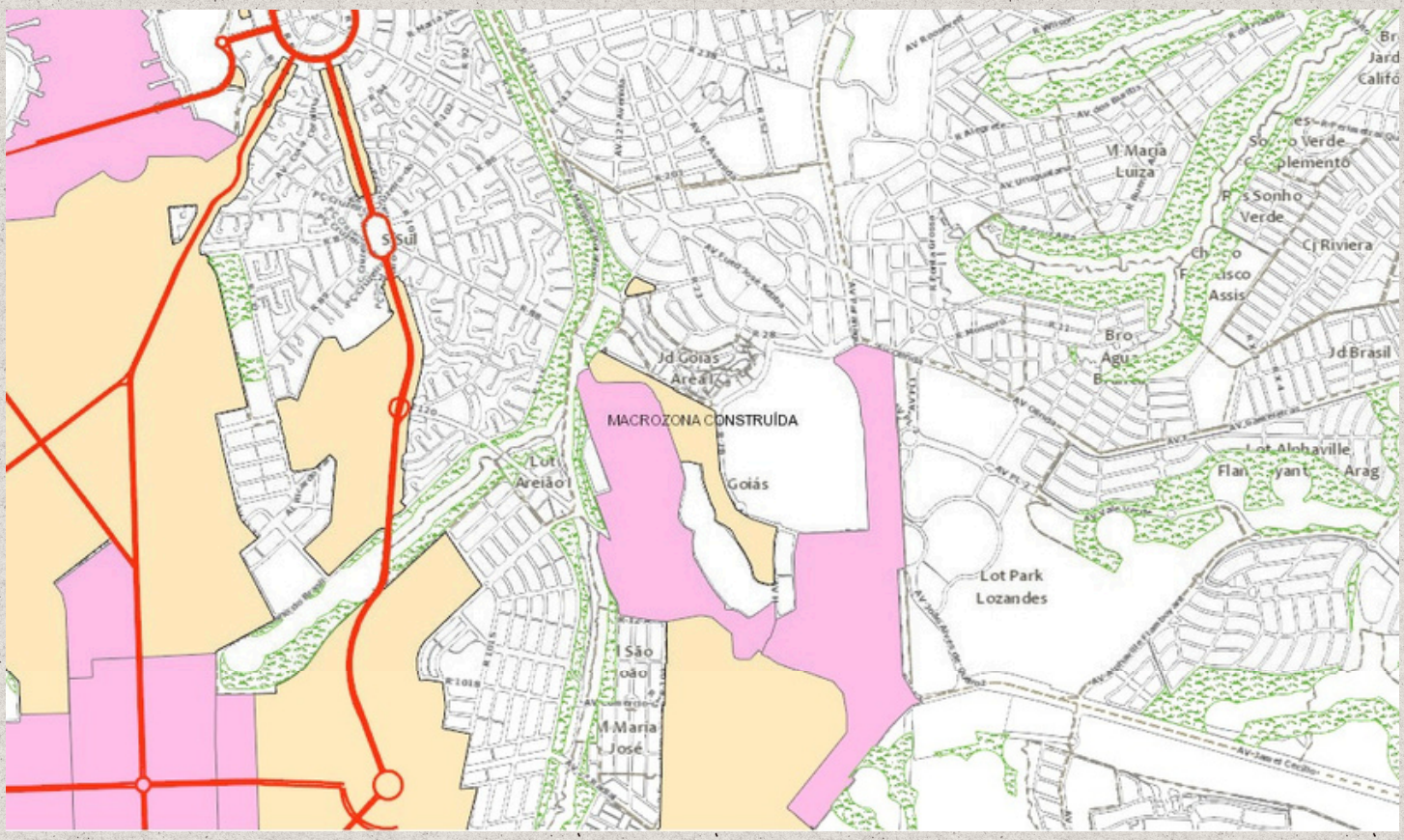


Figura 52 : Mapa adensamento
FONTE: Mapa fácil

O mapa apresenta as diretrizes de adensamento urbano na região próxima ao Serra Dourada e ao Jardim Goiás, destacando duas categorias principais:

Áreas adensáveis (AA), em amarelo: são setores onde se permite e se estimula o crescimento populacional e construtivo. Nesses espaços, há infraestrutura urbana adequada e capacidade de suportar a verticalização e a intensificação do uso do solo, favorecendo a ocupação planejada e o aproveitamento racional da malha urbana existente.

Áreas de desaceleração de densidade (ADD), em rosa: indicam zonas nas quais se busca conter o crescimento acelerado, limitando a verticalização e incentivando a preservação de características urbanas ou ambientais. O objetivo é equilibrar a expansão da cidade, evitando sobrecarga de infraestrutura e preservando áreas estratégicas para a qualidade urbana e ambiental.

Além disso, o mapa destaca os principais eixos viários, marcados em vermelho, que conectam a região ao restante da cidade e funcionam como estruturadores da ocupação. A localização das áreas adensáveis e de desaceleração de densidade está diretamente relacionada à presença desses corredores, reforçando a lógica de planejar a expansão urbana de acordo com a acessibilidade e a infraestrutura existente.

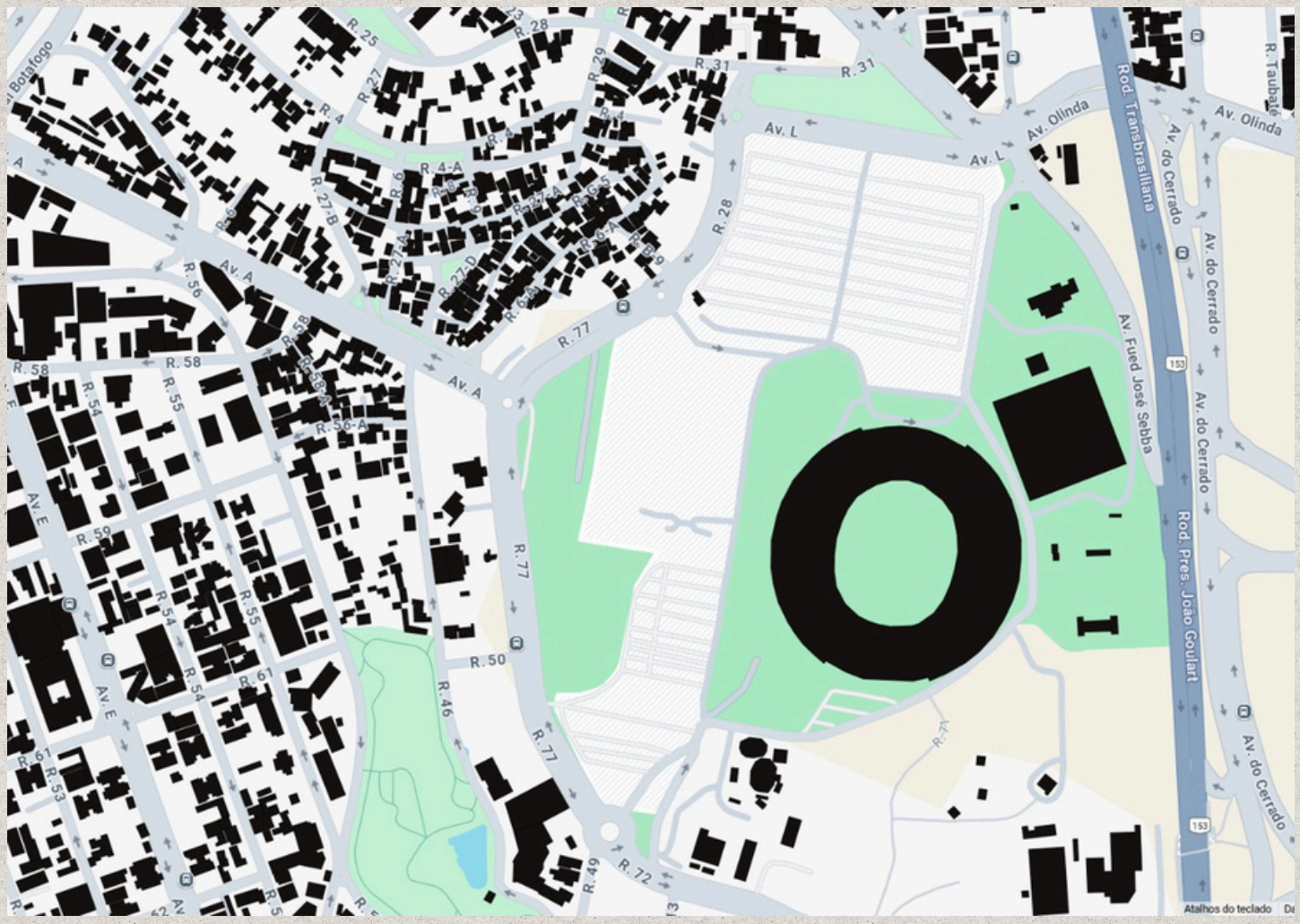


Figura 53 : Mapa cheios e vazios
FONTE: Google maps editado pelo autor

O mapa evidencia a relação entre os cheios (áreas edificadas, representadas em preto) e os vazios (áreas livres ou não ocupadas, em branco e verde) no entorno do Estádio Serra Dourada.

O estádio aparece em destaque, marcado pelo grande círculo preto, simbolizando sua presença monumental no território. Do lado oeste (à esquerda do mapa), nota-se uma ocupação mais compacta, com alta concentração de construções, característica de bairros consolidados e com forte adensamento urbano. Já ao leste (à direita), próximo à Avenida Fued José Sebba e ao eixo da rodovia, há predominância de áreas abertas e de grandes lotes, refletindo uma ocupação mais esparsa e vinculada a equipamentos de maior escala.

Essa leitura revela o contraste entre o cheio denso e fragmentado das áreas residenciais e o vazio amplo e contínuo dos equipamentos esportivos e espaços livres, destacando a importância do estádio e de seu entorno como grandes áreas de respiro urbano dentro da malha consolidada da cidade.

- Arquitetos: Schulitz Architekten, TETRA Arquitetos
- Ano: 2013
- Capacidade: 50.000 pessoas

A Arena Fonte Nova, é um estádio multiuso localizado em Salvador, Bahia. Construída no lugar do antigo Estádio Octávio Mangabeira (figura x), a nova arena foi projetada para atender aos padrões internacionais de infraestrutura, segurança e conforto exigidos pela FIFA, tornando-se um dos estádios sede da Copa do Mundo de 2014.

O antigo Estádio Fonte Nova foi inaugurado em 1951 e, ao longo das décadas, tornou-se um dos principais palcos do futebol brasileiro. A nova Arena Fonte Nova está inserida em uma região central de Salvador, próxima ao Dique do Tororó e a bairros históricos, como Nazaré e Barris. Sua localização estratégica favorece a acessibilidade e a conexão com a malha urbana, permitindo integração com transporte público e vias de grande circulação. A nova arena manteve o formato oval do antigo estádio, mas com um design mais moderno e sustentável.

Principais características do projeto:

- Cobertura metálica: Estrutura leve e sustentável, com captação de água da chuva. (figura 45)
- Arquibancadas modulares: Permitem adaptação para diferentes eventos.
- Abertura panorâmica: Voltada para o Dique do Tororó, garantindo ventilação natural e valorização da paisagem.(figura 46)
- Preservação do elemento arquitetônico

Figura 54: Imagem Estádio Octávio Mangabeira
FONTE: www.archdaily.com.br/arena-fonte-nova-schulitz-architekten

Figura 55: Imagem cobertura metálica
FONTE: www.archdaily.com.br/arena-fonte-nova-schulitz-architekten

Figura 56: Imagem Arena Fonte nova, localizado em Salvador, Bahia, Brasil
FONTE: www.archdaily.com.br/arena-fonte-nova-schulitz-architekten

Um dos elementos arquitetônicos mais marcantes da Arena Fonte Nova é sua abertura panorâmica, uma característica que já existia no antigo Estádio Octávio Mangabeira e foi preservada na nova construção.

No projeto original, inaugurado em 1951, a arquibancada não formava um anel fechado, deixando um espaço aberto que permitia a ventilação natural e a integração com o entorno. Essa solução arquitetônica, colaborava para o conforto térmico dos espectadores, reduzindo a sensação de calor dentro do estádio.

O novo projeto não apenas respeitou a identidade visual e a memória do antigo estádio, como também otimizou a circulação de ar, favorecendo a ventilação cruzada e reduzindo a necessidade de climatização artificial.

A abertura não só fornece o fluxo de ar ideal para a envolvente do estádio como estabelece, simultaneamente, uma relação direta com o lago adjacente e também permite o uso do estádio para atividades multifuncionais: concertos, apresentações de teatro e outros eventos podem ocorrer no espaço coberto dentro da abertura sem entrar em conflito com o campo durante a temporada de futebol. Um restaurante flutua acima da abertura, como uma ponte, dando aos visitantes uma experiência única com vista para o campo e para o lago, ao mesmo tempo.

A implantação da Arena Fonte Nova tem a forma de uma ferradura, com uma grande abertura na parte sul das arquibancadas. A arena possui uma setorização bem definida, distribuída em diferentes níveis, garantindo organização e fluidez no acesso aos diversos ambientes. O campo localizado no centro da planta, com medidas oficiais para partidas de futebol e possibilidade de adaptação para outros eventos esportivos e culturais, as arquibancadas divididas em níveis inferior, intermediário e superior, com espaços reservados para camarotes e áreas VIP, além de uma abertura na parte sul do estádio compõem a planta baixa do edifício.

Figura 57: abertura panorâmica
FONTE: www.archdaily.com.br/arena-fonte-nova-schulitz-architekten

Figura 58: Imagem Estádio Octávio Mangabeira
FONTE: www.archdaily.com.br/arena-fonte-nova-schulitz-architekten

5.1 - ESTUDO DE CASO - MARACANÃ

O Estádio Jornalista Mário Filho, mais conhecido como Maracanã, é um dos estádios mais icônicos do mundo. Inaugurado em 1950 no Rio de Janeiro, foi projetado inicialmente para a Copa do Mundo daquele ano e se tornou um símbolo do futebol brasileiro. Ao longo das décadas, o Maracanã passou por diversas reformas, sendo a mais significativa a modernização para a Copa do Mundo de 2014, que o transformou em uma arena multiuso.

Figura 59: Imagem antigo Maracanã
FONTE: www.archdaily.com.br

O Maracanã foi construído em um ponto estratégico do Rio de Janeiro, no bairro de mesmo nome, situado entre zonas residenciais e importantes vias de acesso. Sua localização favorece a conexão com transportes públicos, como o metrô, ônibus e trens urbanos, garantindo acessibilidade a torcedores e visitantes.

Figura 60: Imagem Maracanã
FONTE: www.archdaily.com.br

A estrutura original do estádio foi projetada para abrigar um público gigantesco, chegando a mais de 200 mil espectadores em seu auge. No entanto, após sucessivas reformas e adaptações às normas de segurança e conforto, sua capacidade foi reduzida para cerca de 78 mil lugares.

Figura 61: Imagem Maracanã
FONTE: www.archdaily.com.br

O principal desafio do projeto foi preservar ao máximo a estrutura existente e, ao mesmo tempo, promover as melhorias necessárias, que só se viabilizaram por meio de intervenções.

Um novo Maracanã “nasceu” dentro do antigo, de forma a não substituir o existente, mas sim, renová-lo. Foram mantidos, por exemplo, os três primeiros eixos estruturais que hoje abrigam quase tudo que é comum e reconhecido no estádio. A fachada foi preservada e, independente do ponto que seja visto, por fora o Maracanã permanece praticamente intacto. Nem mesmo a nova cobertura traz impacto visual e não é possível avistá-la pelo lado de fora.

Principais mudanças:

- Demolição das arquibancadas originais para construção de um novo anel de assentos, atendendo às normas da FIFA.

- Instalação de cadeiras numeradas e confortáveis, eliminando as antigas "gerais" (áreas populares onde torcedores ficavam em pé).

- Construção de uma nova cobertura metálica, cobrindo 95% dos assentos e incorporando um sistema de captação de água da chuva para reuso.

- Modernização dos acessos, instalação de rampas, elevadores e ampliação de áreas para pessoas com deficiência.

- Atualização dos sistemas de segurança, com novos acessos, catracas eletrônicas e câmeras de monitoramento.

Após a reforma, o estádio passou a ter capacidade para cerca de 78 mil pessoas, tornando-se o maior do Brasil. Além do futebol, o Novo Maracanã é projetado para receber shows, eventos culturais e grandes espetáculos internacionais, reafirmando sua multifuncionalidade.

Figura 62: Demolição do anel inferior da arquibancada
FONTE: www.seaerj.org.br/pdf/Maracana

Figura 63: Demolição da arquibancada superior e inicio da nova arquibancada. Demolição da cobertura
FONTE: www.seaerj.org.br/pdf/Maracana

Figura 64: Nova arquibancada concluída. Inicio dos preparativos para a nova cobertura
FONTE: www.seaerj.org.br/pdf/Maracana

O projeto foi mantido as circulações internas principais e sua relação com a estrutura existente, como pilares, pé-direito, aberturas etc. Por sua vez, todas as estruturas relacionadas aos serviços, como bares e sanitários, foram alteradas

Nas arquibancadas, novas estruturas estão sendo projetadas para atender as condições ideais de visibilidade, segurança e conforto. Partes das arquibancadas norte e sul serão mantidas, bem como seu desenho elíptico característico. As tribunas principais nas laterais serão aproximadas ao campo de jogo em 13 metros, criando condição ideal de visibilidade.

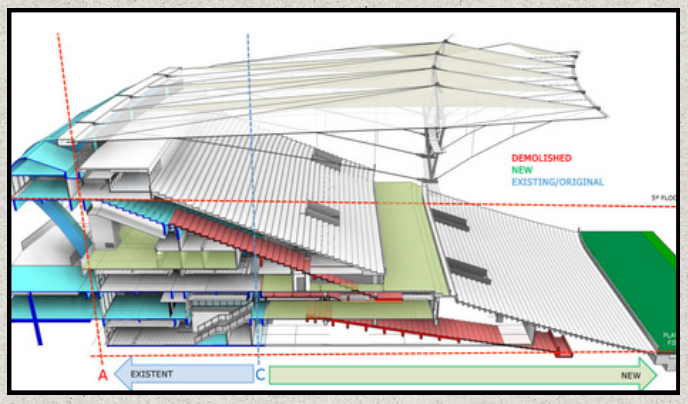


Figura 65: Corte leste Maracanã
FONTE: www.archdaily.com.br

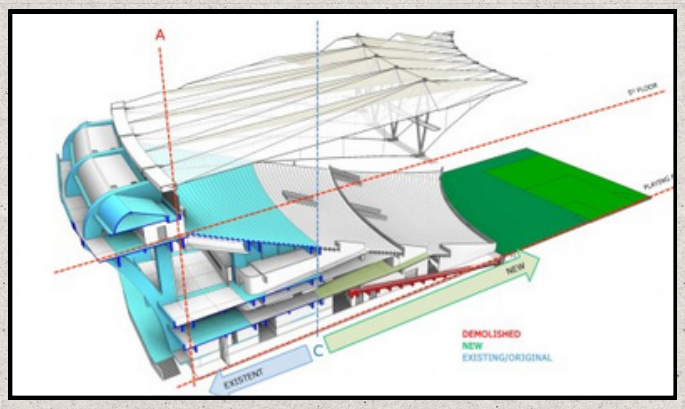


Figura 66: Corte norte Maracanã
FONTE: www.archdaily.com.br

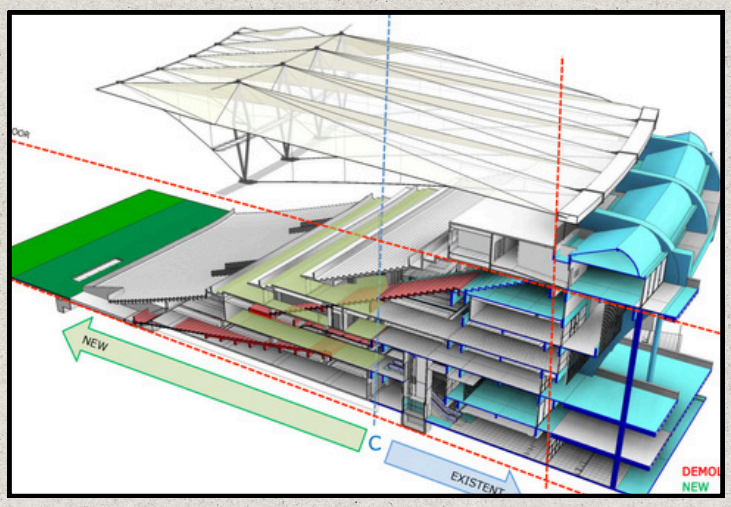


Figura 67: Corte oeste Maracanã
FONTE: www.archdaily.com.br

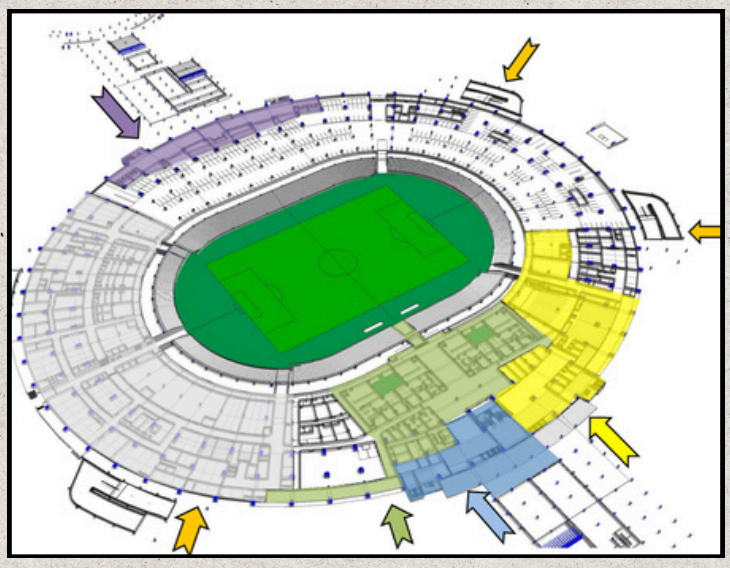


Figura 68: Planta térreo Maracanã
FONTE: www.archdaily.com.br

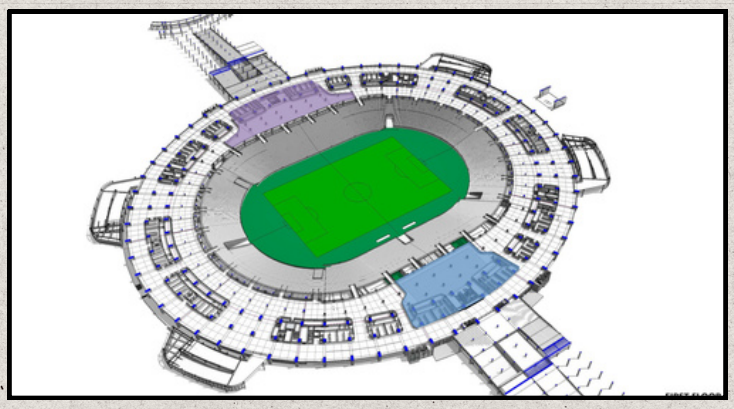


Figura 69: Planta 01 Maracanã
FONTE: www.archdaily.com.br

5. 2 - ESTUDO DE CASO - MERCADO LIVRE PACAEMBU

O Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho, conhecido como Pacaembu, foi inaugurado em 27 de abril de 1940 em São Paulo, durante o governo de Prestes Maia. O projeto é dos arquitetos Escritório Severo & Villares e Elisiário Bahiana, sendo um dos primeiros grandes equipamentos esportivos públicos do país.

Desde sua inauguração, consolidou-se como um símbolo da cidade de São Paulo, abrigando jogos históricos, eventos culturais e religiosos, além de se tornar um ponto de referência da vida urbana paulistana.

- Estilo arquitetônico: Art Déco, presente principalmente na fachada monumental voltada para a Praça Charles Miller, tombada pelo patrimônio histórico.

- Capacidade original: cerca de 70 mil pessoas, atualmente em torno de 40 mil, após adaptações às normas de segurança e conforto.

- Implantação urbana: localizado em um vale, cercado por bairros residenciais consolidados como Pacaembu e Higienópolis, integrando-se ao tecido urbano existente.

- Equipamentos anexos: o estádio abriga desde 1961 o Museu do Futebol, que valoriza a memória esportiva nacional.

- Vencedor do prêmio AR Future Projects, promovido pela revista britânica The Architectural Review. Destaque na categoria “Novo e antigo”, o projeto ficou entre os três “mais enaltecidos” dentre os premiados do ano.

- Edifício multifuncional de nove andares, quatro deles subterrâneos, em três de seus pavimentos funcionará um hotel

- O edifício contará, também, com um centro de eventos e convenções para até oito mil e quinhentas pessoas e um estacionamento em seu subsolo. Completando o programa da nova edificação haverá, ainda, um centro de medicina esportiva, um hub de empreendedorismo e inovação, uma unidade da Galleria Continua dedicada à arte contemporânea, além de espaços de escritórios, restaurantes e algumas lojas.

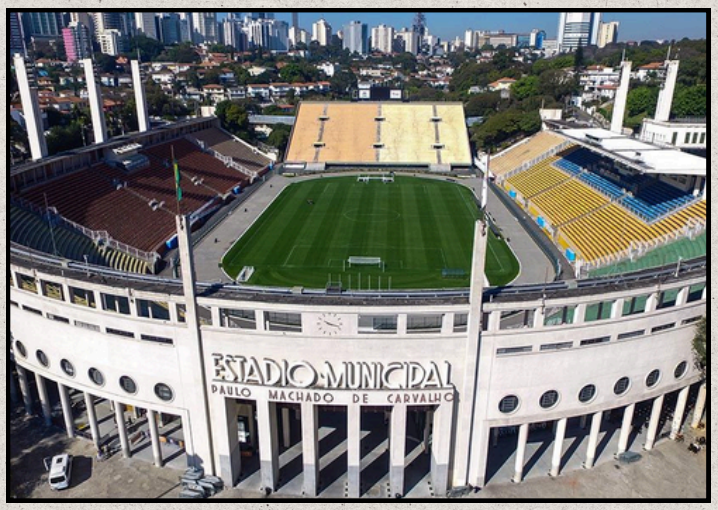


Figura 70: Imagem antigo Pacaembu
FONTE: www.archdaily.com.br

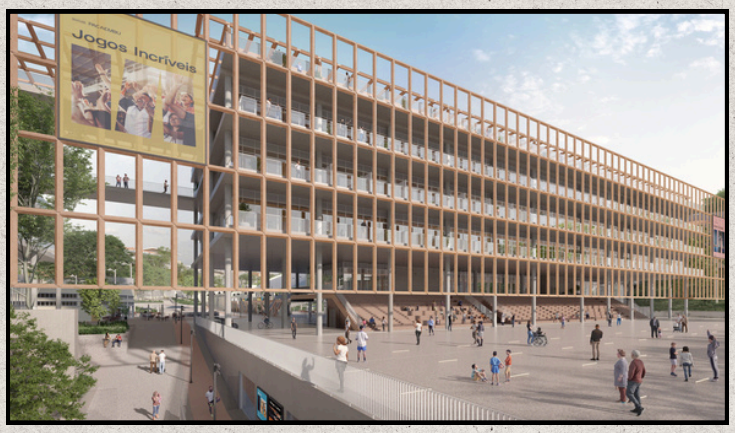


Figura 71: Imagem edifício multifuncional
FONTE: www.archdaily.com.br

Figura 72: Imagem interno estádio
FONTE: www.archdaily.com.br

Figura 73: Imagem estádio
FONTE: www.archdaily.com.br

Figura 74: Imagem edifício multifuncional
FONTE: www.archdaily.com.br

Figura 75: Imagem interno estádio
FONTE: www.archdaily.com.br

Figura 76: Imagem interno estádio
FONTE: www.archdaily.com.br

6.0 - LEGISLAÇÃO APLICADA

No desenvolvimento do projeto do Estádio Serra Dourada,o projeto se fundamentará na NBR 9050, na Norma Técnica 12/2023 – Eventos Públicos, Temporários e Centros Esportivos e de Exibição, no Plano Diretor de Goiânia, além das normas e recomendações específicas da CBF e da FIFA para estádios de futebol.

NBR 9050 estabelece critérios e parâmetros técnicos para acessibilidade em edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Sua aplicação no projeto do Serra Dourada visa garantir que o estádio atenda às necessidades de pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida, promovendo inclusão e conforto aos usuários.

O Plano Diretor de Goiânia também é fundamental, pois define diretrizes urbanísticas, parâmetros de uso e ocupação do solo, acessos viários, integração com o entorno e potencialidades de desenvolvimento urbano associadas ao equipamento. Isso garante que o projeto esteja alinhado à visão futura da cidade e que o estádio continue desempenhando papel estruturador na região.

O estudo aprofundado das normas da CBF (Confederação Brasileira de Futebol) e da FIFA foi indispensável, pois tais diretrizes determinam padrões mínimos para arenas aptas a receber competições oficiais.

Norma Técnica 12/2023 trata especificamente da regulamentação de eventos públicos, temporários e centros esportivos e de exibição, sendo essencial para adequar o estádio aos padrões de segurança, operação e infraestrutura exigidos para receber grandes públicos. Essa norma abrange aspectos como evacuação, acessibilidade, instalações temporárias, controle de público e protocolos de emergência.

Dentro da norma técnica 12/2023 gostaria de destacar alguns tópicos a serem seguidos, são normas para as novas arquibancadas do estádio Serra Dourada.

- 6.1.1 Em locais ou eventos que envolvam apresentação ou exibição, com concentração de pessoas na mesma direção, com público superior a 10.000 pessoas, será necessário setorizar o público em zonas

- 6.2 Patamares (degraus) das arquibancadas

- 6.2.1 O comprimento máximo dos patamares das arquibancadas deve obedecer às seguintes regras:

- 6.2.2 Para estádios e similares (arquibancadas permanentes): 20 metros, quando houver acesso em ambas as extremidades do patamar; e, 10 metros, quando houver apenas um acesso

- 6.2.5 A altura e largura dos patamares (degraus) das arquibancadas, para público sentado (cadeiras individuais ou assentos direto na arquibancada), devem possuir as seguintes dimensões: a) Altura máxima de 0,57 m; b) Largura mínima de 0,80 m. Para maior conforto do usuário, recomenda-se mínimo de 0,85 m.

- 6.3.1 Nas arquibancadas com assentos fixos (cadeiras ou poltronas), a inclinação máxima deve ser de 37 graus (recomenda-se inclinação inferior a 32 graus).

- 6.3.1.1 Nas arquibancadas cuja inclinação superar ou igualar-se a 32 graus, é obrigatório a instalação de guarda-corpos na frente de cada fila de assentos. A altura dessas barreiras deve ser, no mínimo, de 0,70 m do piso

- 6.4.1.3 Cada assento deverá possuir, no mínimo, 0,42 m de largura útil e deve ser instalado, no mínimo, a cada 50 cm entre eixos, medidos centralizadamente.

- 6.4.1.4 Terem encosto mínimo: 0,30 m de altura

- 6.4.1.5 Terem espaçamento mínimo de 0,40 m para circulação nas filas, entre a projeção dianteira de um assento de uma fila e as costas do assento em frente (ou guarda-corpo). Para edificações existentes admite se este espaçamento com 0,35 m .

- 6.4.1.6 Serem afixados de forma a não permitir sua remoção ou desprendimento de partes, manualmente

- 6.4.2 Os estádios com público superior a 35.000 pessoas devem adotar assentos rebatíveis, exceto se o degrau (patamar) da arquibancada possuir largura igual ou superior a 1,10 m.

- 6.4.3 À frente da primeira fileira de assentos fixos, nas cotas inferiores das arquibancadas, deve ser mantida a distância mínima de 0,55 m para circulação

- 6.4.1.3 Cada assento deverá possuir, no mínimo, 0,42 m de largura útil e deve ser instalado, no mínimo, a cada 50 cm entre eixos, medidos centralizadamente.

- 6.4.1.4 Terem encosto mínimo: 0,30 m de altura .

- 6.4.1.5 Terem espaçamento mínimo de 0,40 m para circulação nas filas, entre a projeção dianteira de um assento de uma fila e as costas do assento em frente (ou guarda-corpo). Para edificações existentes admite se este espaçamento com 0,35 m .

- 6.4.1.6 Serem afixados de forma a não permitir sua remoção ou desprendimento de partes, manualmente

- 6.4.2 Os estádios com público superior a 35.000 pessoas devem adotar assentos rebatíveis, exceto se o degrau (patamar) da arquibancada possuir largura igual ou superior a 1,10 m.

- 6.4.3 À frente da primeira fileira de assentos fixos, nas cotas inferiores das arquibancadas, deve ser mantida a distância mínima de 0,55 m para circulação

Outro documento utilizado como base para o desenvolvimento deste projeto foi o **Anexo nº B – Estudo Técnico Preliminar/2024 – SGG/GCG-19205.**

O estudo foi elaborado com o objetivo de nortear tecnicamente a modelagem da concessão, estabelecendo parâmetros claros para a transformação do local em um Distrito de Esporte e Entretenimento, estruturado para atender novas dinâmicas urbanas, econômicas e sociais. Ele reúne análises de desempenho operacional, diagnóstico de receitas e despesas, projeções de demanda, diretrizes legais, restrições jurídicas e recomendações estratégicas, funcionando como um guia estruturante para a tomada de decisões sobre o futuro do equipamento.

O documento apresenta os instrumentos legais e técnicos que orientam a contratação e gestão do complexo, além de contribuir diretamente para a elaboração dos instrumentos jurídicos necessários ao processo licitatório. Dessa forma, constitui uma referência fundamental para o planejamento e a requalificação do Estádio Serra Dourada e de seu entorno, garantindo que as propostas estejam alinhadas às diretrizes do Estado.

Dessa forma, o Anexo nº B constitui uma ferramenta fundamental para o planejamento urbano-arquitetônico e para a requalificação do Estádio Serra Dourada e de seu entorno, assegurando que as propostas deste projeto estejam em plena consonância com as diretrizes públicas

A Secretaria de Esporte e Lazer do Estado de Goiás - SEEL é a instuição responsável pela gestão, operação e manutenção do Complexo Serra Dourada, cabendo a ela, como representante do Governo de Goiás, a gestão, operação, a interface com outros órgãos, a execução de ações de manutenção, reforma e fiscalização.

> “O setor de eventos esportivos e de entretenimento está em constante evolução, com uma crescente demanda por experiências imersivas e inovadoras. Invesmentos em tecnologia, segurança e conforto dos espectadores e consumidores são aspectos-chaves para manter a relevância do estádio no mercado. “ Anexo nº B – Estudo Técnico Preliminar/2024 – SGG/GCG-19205

Dentro da sua delegação, a SEEL, tem relacionamento direto com os clubes de futebol do Estado de Goiás, promotores de shows e eventos, além de patrocinadores, fornecedores, concessionários, entre outros.

A análise financeira do Complexo Serra Dourada foi realizada com base nos dados de 2022 e 2023. Não foi possível incluir os anos de 2020 e 2021, pois as informações disponíveis eram insuficientes devido aos impactos da pandemia da COVID-19, que comprometeu a atividade econômica e a gestão do equipamento nesse período.

A análise das receitas e despesas operacionais do Estádio Serra Dourada e do Ginásio Valério Luiz de Oliveira (Goiânia Arena), referentes aos anos de 2022 e 2023, evidencia um quadro de fragilidade financeira e clara incapacidade de autosustentação. Os dados da tabela demonstram que, em ambos os anos, as receitas provenientes das principais atividades — aluguel do estádio para jogos de futebol, realização de shows e eventos, além da operação de bares e ambulantes , foram insuficientes para cobrir os custos operacionais básicos. Em 2022, o complexo arrecadou R$ 1.891.471,50, mas teve despesas que ultrapassaram R$ 4,6 milhões, resultando em um déficit de R$ 2.758.880,88. Situação semelhante ocorreu em 2023, no qual a arrecadação total foi ainda menor (R$ 1.587.328,00), enquanto as despesas chegaram a R$ 3.960.913,84, acumulando prejuízo de R$ 2.373.585,84.

	ANO 2022	ANO 2023
Discriminação das Receitas	Estádio Serra Dourada / Ginásio Valério Luiz de Oliveira	Estádio Serra Dourada / Ginásio Valério Luiz de Oliveira
SHOWS	R$ 948.100,00	R$ 1.431.000,00
BARES E AMBULANTES	R$ 8.379,50	R$ 1.323,25
EVENTOS	R$ 316.800,00	R$ 40.300,00
JOGOS	R$ 618.192,00	R$ 114.704,75
Total 1	**R$ 1.891.471,50**	**R$ 1.587.328,00**
Discriminação das Receitas	Estádio Serra Dourada / Ginásio Valério Luiz de Oliveira	Estádio Serra Dourada / Ginásio Valério Luiz de Oliveira
Mão de Obra Terceirizada	R$ 1.901.438,40	R$ 1.742.985,20
Mão de Obra Propria	R$ 0,00	R$ 0,00
Utilities	R$ 1.092.411,84	R$ 774.475,37
Despesas Administrativas	R$ 0,00	R$ 0,00
Serviços de Manutenção e Conservação	R$ 1.656.502,14	R$ 1.443.453,27
Total 2	**R$ 4.650.352,38**	**R$ 3.960.913,84**
TOTAL (Total 1 - Total 2)	**-R$ 2.758.880,88**	**-R$ 2.373.585,84**

Figura 77: Quadro análise finaceiro complxo Serra Dourada
FONTE: Anexo nº B – Estudo Técnico Preliminar/2024 – SGG/GCG-19205

Esse cenário confirma que as atividades atualmente disponíveis no complexo — mesmo considerando jogos, eventos, shows e locações complementares — não possuem força econômica suficiente para sustentar sua operação. Como consequência, o Governo do Estado de Goiás tem sido responsável por cobrir continuamente o déficit gerado, comprometendo recursos públicos para manter um equipamento que, apesar de sua relevância simbólica e histórica, encontra-se financeiramente inviável em seu modelo atual.

O resultado é um complexo deficitário, desatualizado e subutilizado, incapaz de explorar plenamente seu potencial de geração de receitas. A reduzida diversidade de fontes de arrecadação, somada à ausência de estratégias eficientes de gestão comercial, faz com que o Serra Dourada opere muito aquém das possibilidades que um equipamento esportivo de grande porte poderia alcançar.

Diante do diagnóstico financeiro do Complexo Serra Dourada, torna-se evidente que a requalificação do estádio deve incorporar um novo programa capaz de ampliar sua capacidade de geração de receitas. Assim, adotamos como diretriz para este trabalho o novo programa apresentado no **Anexo nº B – Estudo Técnico Preliminar/2024 – SGG/GCG-19205**, alinhado ao objetivo de transformar o Serra Dourada em um equipamento de quinta geração, multifuncional, integrado ao território e economicamente sustentável.

A proposta parte de uma análise abrangente das condições atuais do entorno, somada a estudos de demanda e diagnósticos urbanos que demonstram o potencial da região para atrair atividades diversificadas. Com base nisso, concebe-se a implantação de uma centralidade de comércios e serviços, cuja função é complementar e fortalecer as atividades já existentes no bairro Jardim Goiás e ampliar de forma significativa as fontes de receita do complexo.

O primeiro elemento é uma área comercial diversificada, projetada para abrigar diferentes tipos de estabelecimentos, desde lojas de pequeno e médio porte até áreas gastronômicas e serviços cotidianos. Essa estratégia rompe com a lógica atual, na qual o complexo depende quase exclusivamente de jogos, shows e eventos esporádicos.

O segundo componente é um hotel de médio padrão, voltado para atender tanto o público esportivo quanto visitantes que frequentam a região por motivos comerciais, profissionais ou de lazer. Um hotel integrado ao complexo reforça o papel do Serra Dourada como destino regional e apoia a atração de novos eventos, ampliando a capacidade do espaço de se tornar referência turística e corporativa.

Em terceiro lugar, o novo programa prevê a implantação de escritórios e espaços de coworking, atendendo à crescente demanda por locais de trabalho flexíveis e colaborativos.A presença de atividades corporativas contribui para garantir fluxo diário, diversificar o uso do solo e integrar novos públicos ao conjunto.

Esse conjunto de elementos reforça o objetivo central da estratégia: diversificar e fortalecer as fontes de receita, reduzindo a dependência das atividades tradicionais (jogos, shows, eventos e ambulantes).

As decisões projetuais apresentadas ao longo deste estudo foram definidas de maneira alinhada às diretrizes estabelecidas pelo **Anexo nº B – Estudo Técnico Preliminar/2024 – SGG/GCG-19205**, documento oficial utilizado pelo Governo do Estado de Goiás como base para a concessão do Complexo Serra Dourada. A adoção de um novo programa arquitetônico com áreas comerciais, hotel, espaços corporativos e atividades complementares responde diretamente às demandas identificadas nesse estudo. Vale destacar que o Estádio já se encontra sob regime de concessão, fato que reforça a pertinência e atualidade deste estudo.

7.0 - LEVANTAMENTO

O processo de levantamento do Complexo Serra Dourada foi conduzido por meio de visitas técnicas realizadas in loco, bem como a participação em eventos sediados no estádio. Todas as imagens que compõem esta etapa do trabalho foram obtidas diretamente nessas visitas, garantindo registro fiel das condições atuais do equipamento. Além disso, informações complementares foram coletadas por meio de conversas com responsáveis pela administração do estádio, contribuindo para uma compreensão mais precisa de seu funcionamento cotidiano.

Somado às visitas de campo e às informações obtidas junto à administração, os estudos foram complementados com o uso de ferramentas digitais, como o Google Earth, cujas imagens foram analisadas, tratadas e editadas pelo autor para fins de representação e diagnóstico espacial. A combinação dessas ferramentas com a observação direta do local permitiu uma compreensão mais abrangente da situação atual do estádio e de seu entorno.

Os desenhos técnicos utilizados como base para este estudo foram disponibilizados pela SEEL — Secretaria de Estado de Esporte e Lazer — órgão responsável pela gestão do complexo. O acesso a esse material ocorreu mediante solicitação formal por ofício, assegurando respaldo institucional para o desenvolvimento desse estudo.

Durante a análise dos dados fornecidos e das observações de campo, foram identificadas divergências significativas entre o programa atual do estádio e sua configuração real. Diante disso, optou-se por adotar como referência oficial o documento **ANEXO C.1 – Memorial Descritivo**, disponibilizado pela SEEL, garantindo que o desenvolvimento do projeto se apoie na documentação técnica oficialmente reconhecida pelo Estado.

Essa divergência de informações apresentadas pela própria administração do estádio evidencia o estado de abandono ao qual o equipamento vem sendo submetido. Além disso, revela a fragilidade na gestão pública e a falta de responsabilidade do Estado em preservar, organizar e disponibilizar adequadamente os dados referentes a um patrimônio de extrema relevância para a história e para a identidade urbana de Goiânia. Diante desse cenário, surge um questionamento inevitável: trata-se de descuido institucional ou de uma ausência de informações estruturadas dentro da própria secretaria responsável?

Figura 78: Foto da visita na Seel
FONTE: Foto tirada pelo autor

A Secretaria de Estado de Esporte e Lazer (SEEL) disponibilizou o conjunto de arquivos técnicos do Estádio Serra Dourada para consulta e utilização neste trabalho. Esses documentos serão apresentados exatamente conforme foram fornecidos pelo órgão, preservando sua organização original e garantindo fidelidade às informações oficiais do Estado.

De acordo com o material disponibilizado, o estádio foi sistematizado por níveis, identificados pelas letras A até F, iniciando do ponto mais baixo para o mais elevado da edificação.

- O nível A corresponde à área dos vestiários, localizada no ponto inferior do conjunto.
- O nível B compreende o setor da antiga geral.
- O nível C reúne os acessos principais do estádio e concentra a circulação do público em dias de evento.
- No nível D encontram-se as cabines de transmissão.
- Já o nível E marca o início do primeiro pavimento dos edifícios da Federação e da SEEL, enquanto o nível F corresponde ao segundo pavimento de ambos os blocos.

A partir desses arquivos técnicos, realizou-se a organização e interpretação das informações, utilizando este material como base para o desenvolvimento do projeto de requalificação.

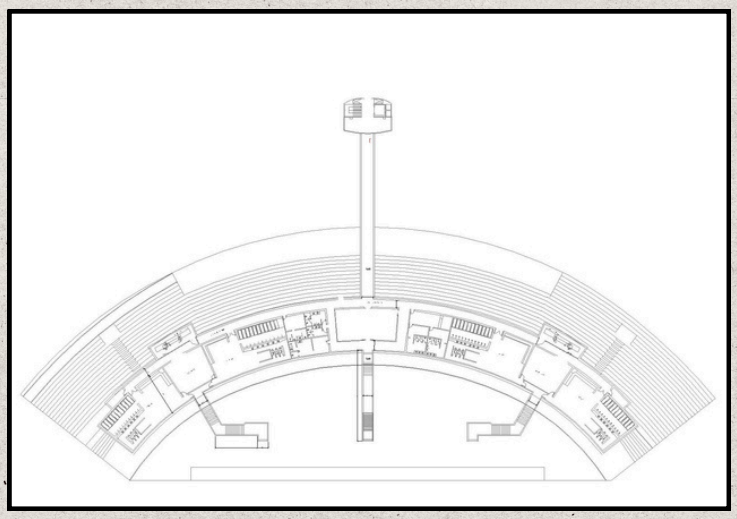


Figura 79: Planta nível A
FONTE: Seel

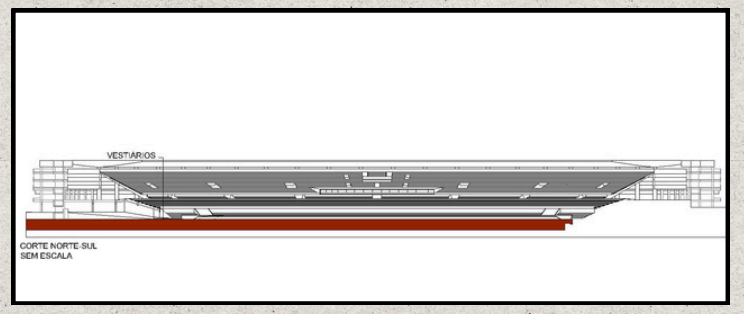


Figura 80: Corte localização Nível A
FONTE: Seel

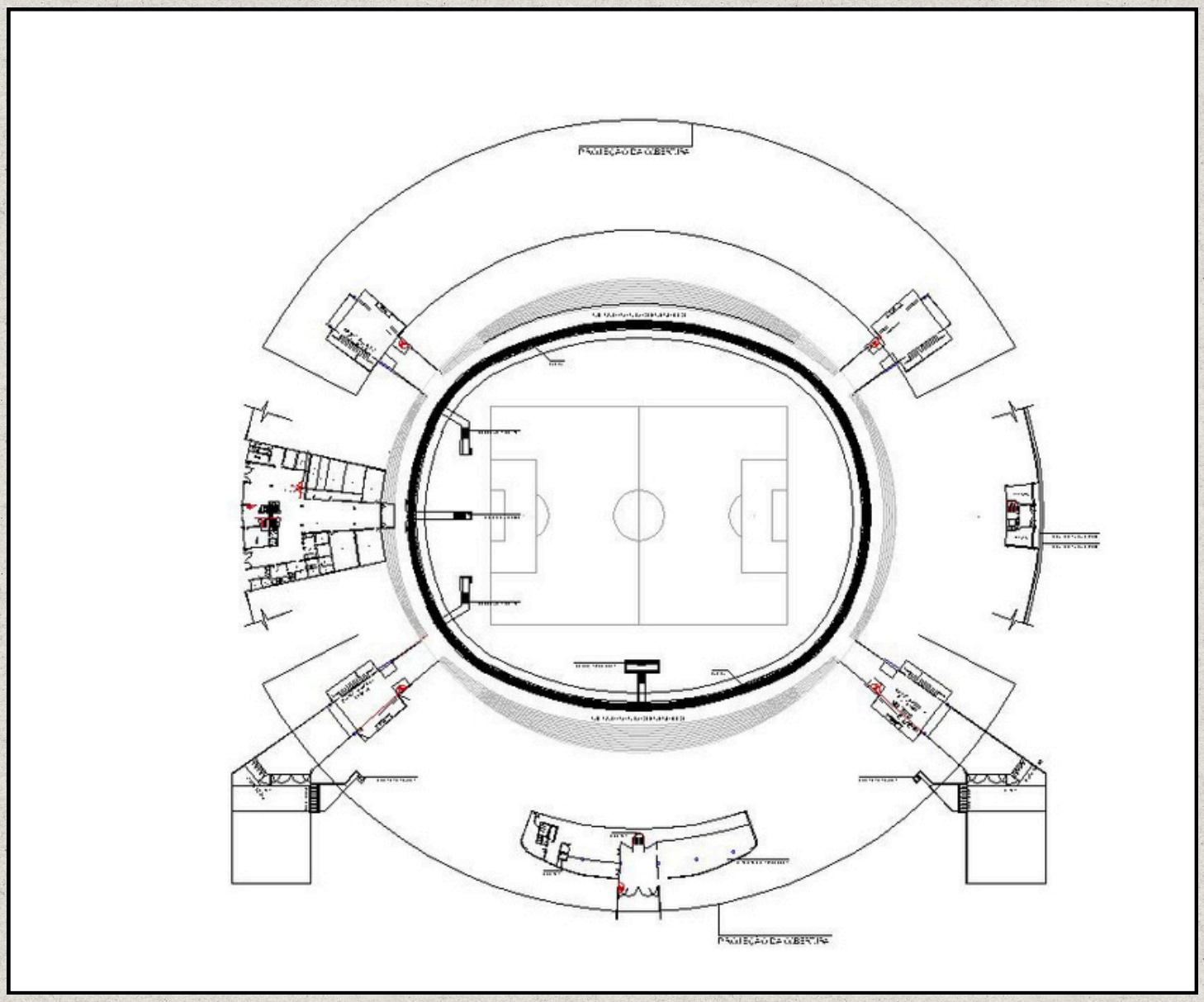


Figura 81: Planta nível B
FONTE: Seel

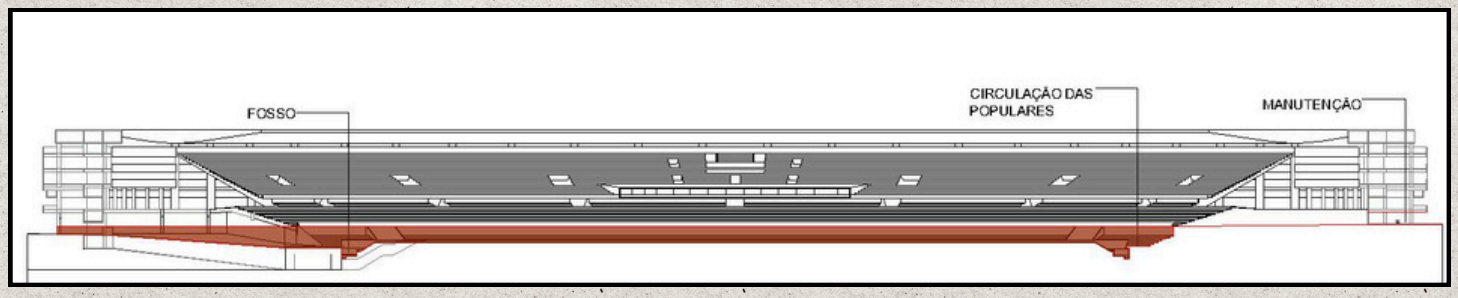


Figura 82: Corte localização Nível B
FONTE: Seel

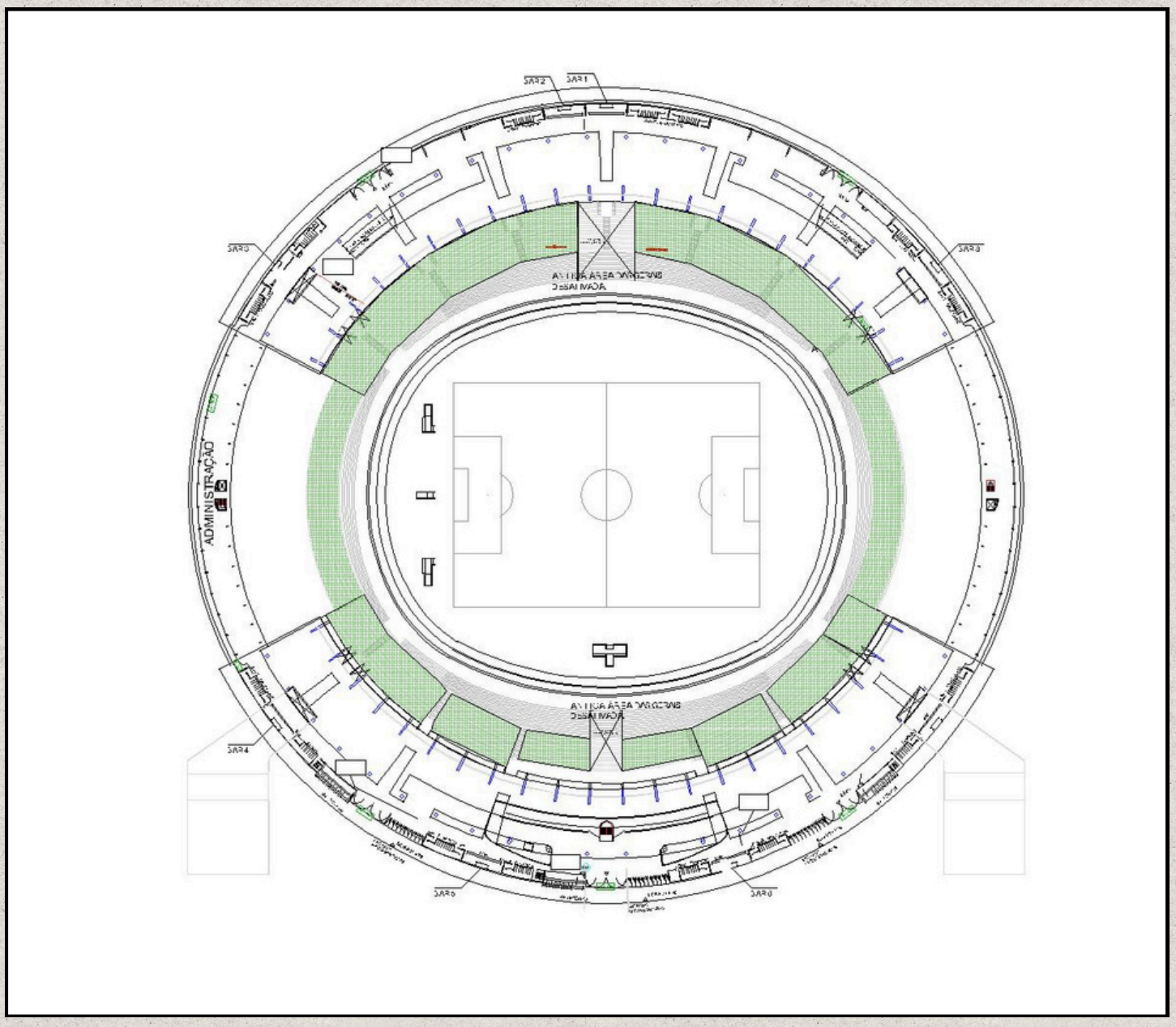


Figura 83: Planta nível C
FONTE: Seel

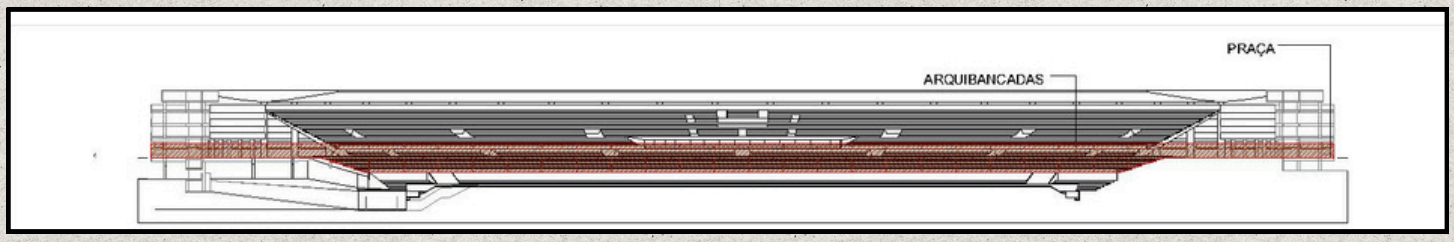


Figura 84: Corte localização Nível C
FONTE: Seel

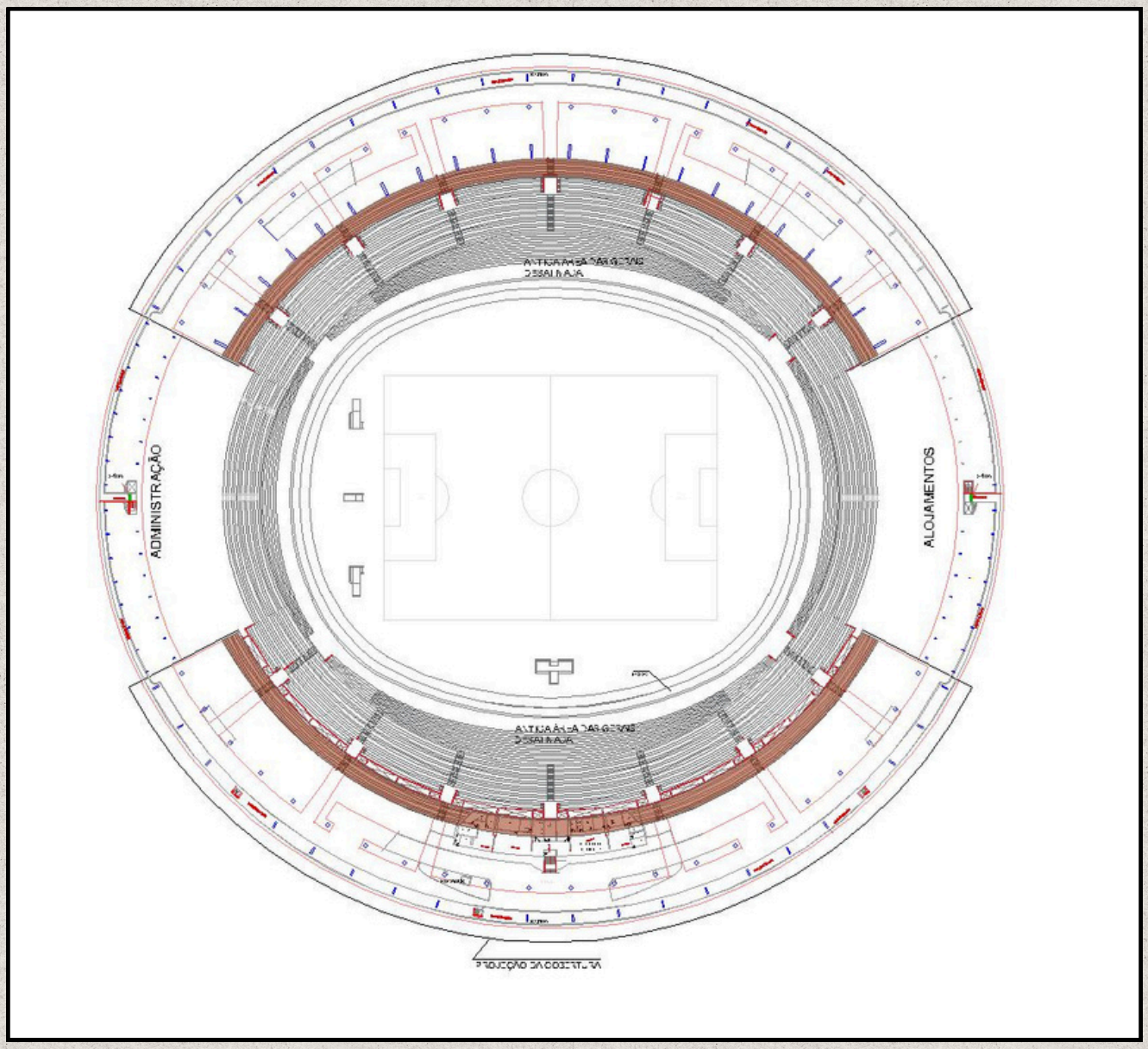


Figura 85: Planta nível D
FONTE: Seel

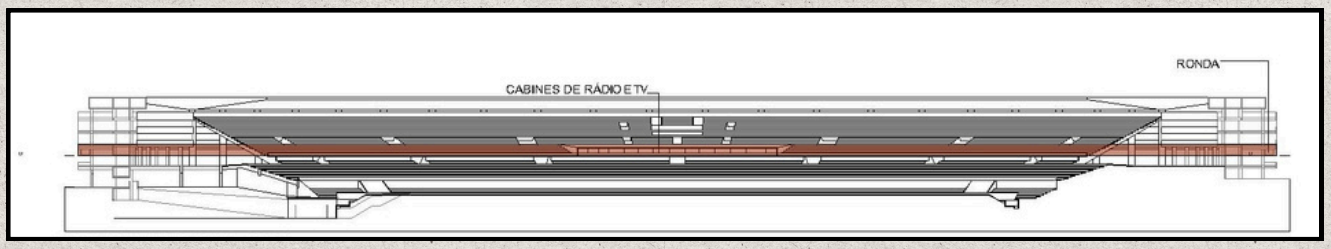


Figura 86: Corte localização Nível D
FONTE: Seel

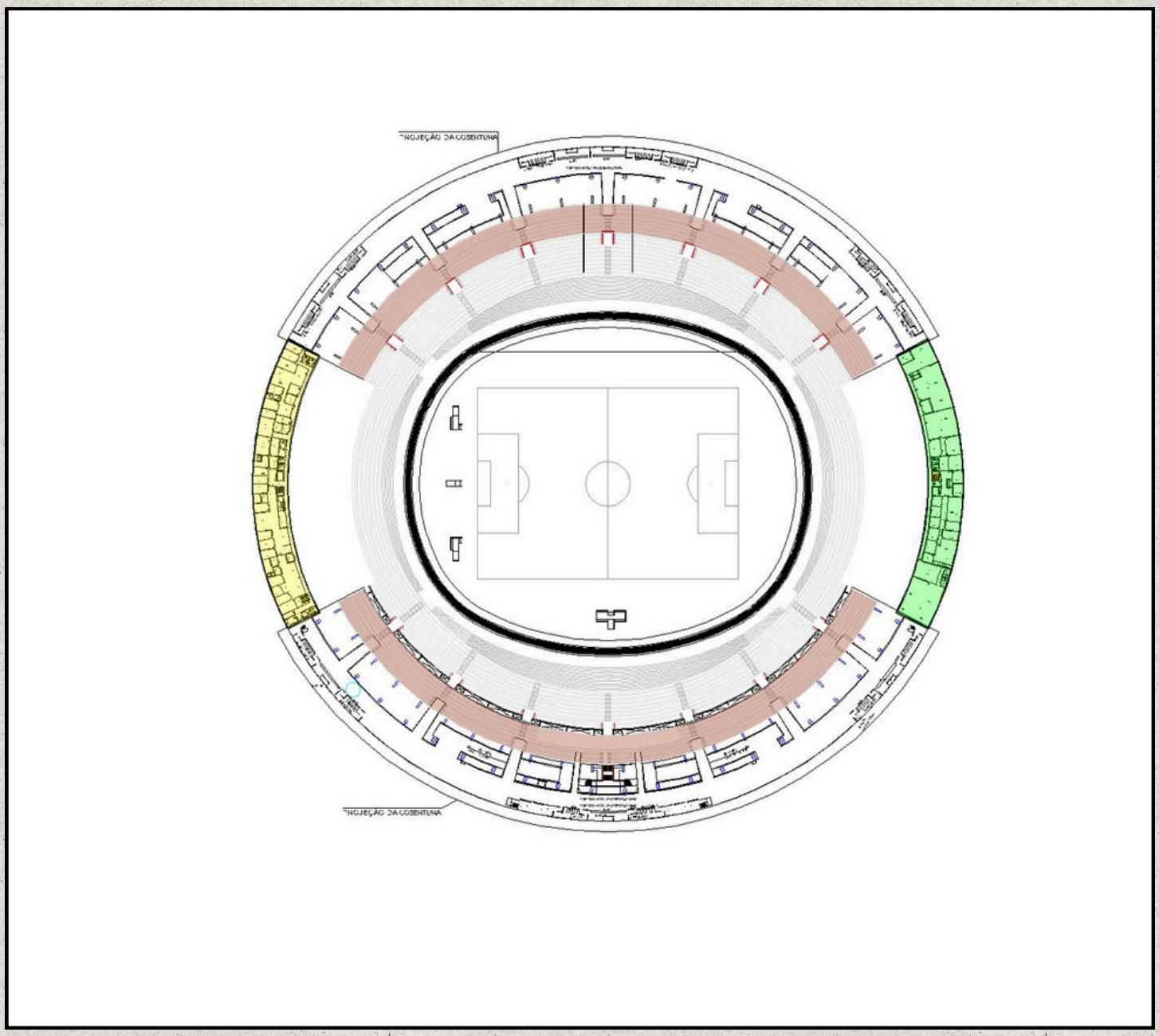


Figura 87: Planta nível E
FONTE: Seel

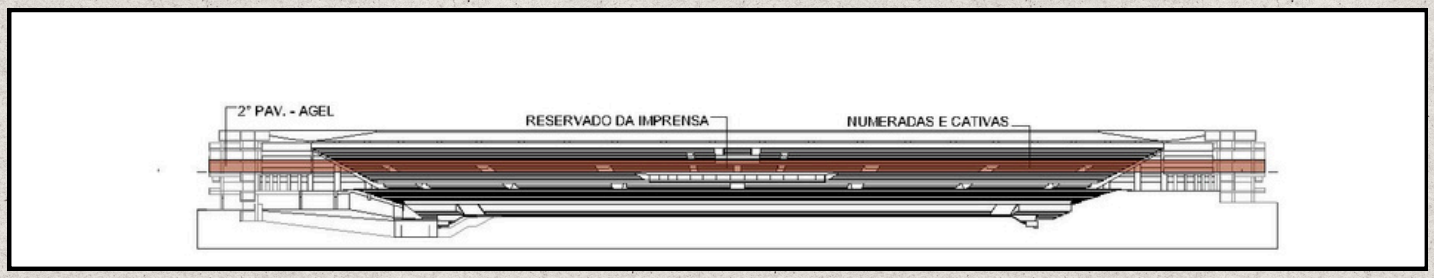


Figura 88: Corte localização Nível E
FONTE: Seel

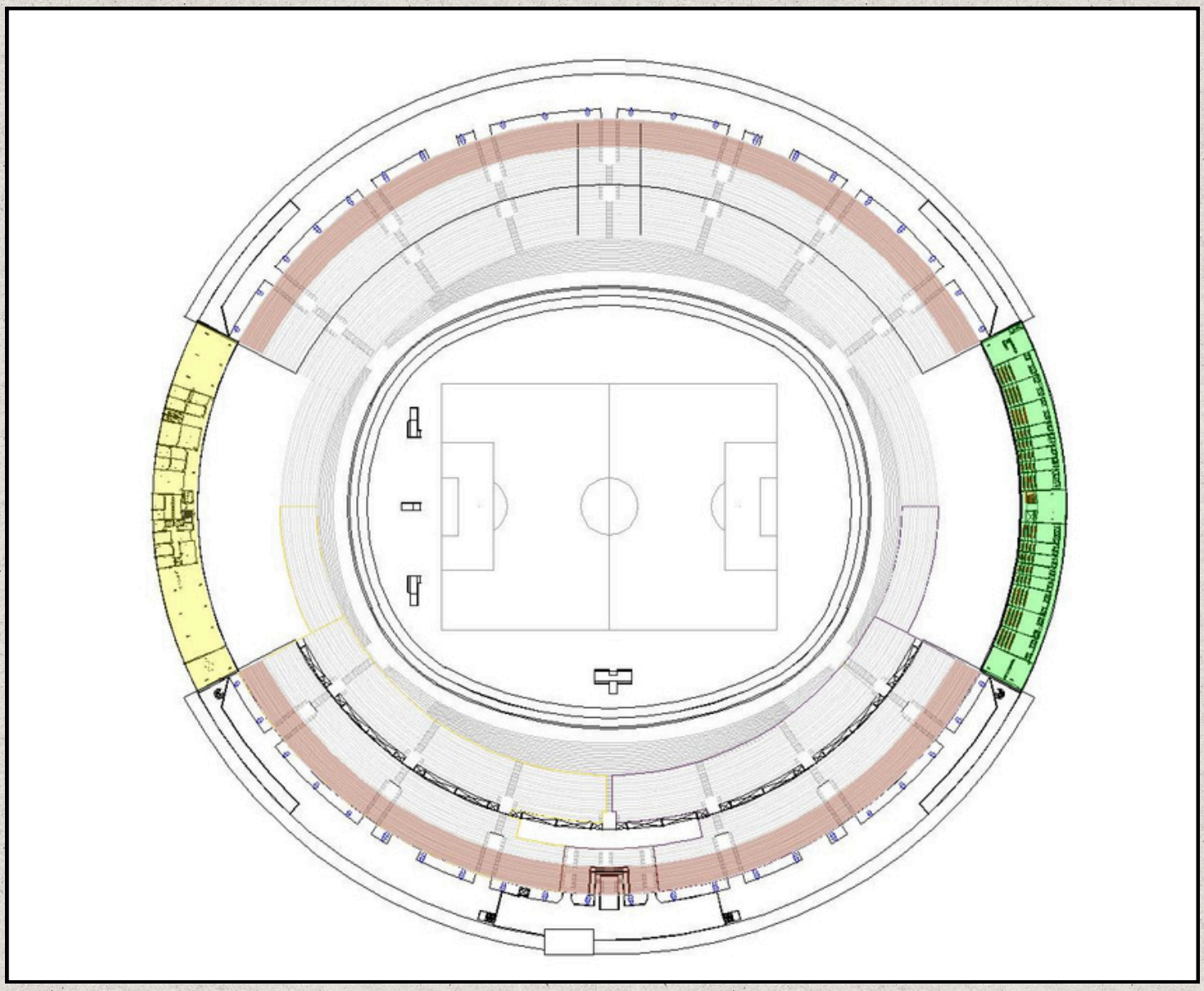


Figura 89: Planta nível F
FONTE: Seel

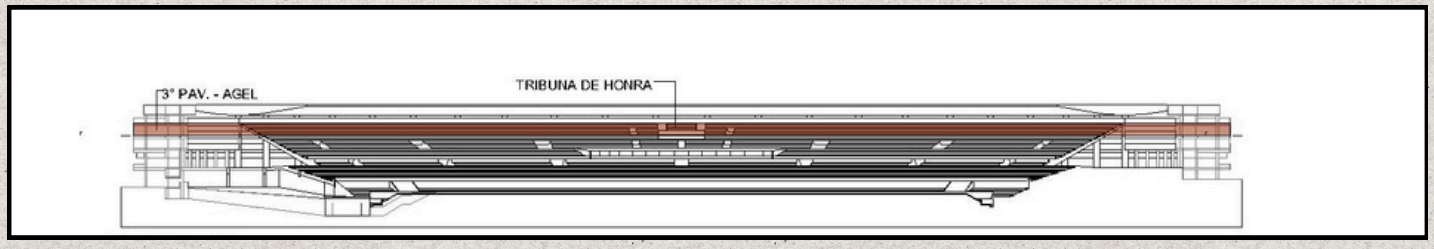


Figura 90: Corte localização Nível F
FONTE: Seel

Figura 91 : Vista aérea entorno Serra Dourada
FONTE: Google earth editado pelo autor

1- Estádio Serra Dourada – Principal equipamento esportivo do estado de Goiás, voltado para jogos de futebol, grandes eventos esportivos e culturais, sendo ícone arquitetônico e urbano da capital.

2- **Estacionamento** – Extensas áreas destinadas ao estacionamento de veículos em dias de jogos, shows e eventos

3- Área militar – Espaço institucional vinculado às forças militares, utilizado para atividades administrativas e operacionais específicas.

4- **Goiânia Arena** – Ginásio poliesportivo destinado a eventos esportivos de quadra, shows, apresentações culturais e eventos corporativos.

5- **Corpo de Bombeiros** – Instalação destinada à corporação, oferecendo suporte emergencial em caso de acidentes, incêndios ou eventos de grande porte no estádio e na região.

6- **Campo de futebol** – Estrutura esportiva de apoio, utilizada para treinos, atividades esportivas locais e em alguns casos eventos comunitários.

7- **BPME Eventos** – Unidade ligada à Polícia Militar voltada para apoio logístico e operacional em eventos de grande público realizados no entorno.

8- **ASMEGO** – Associação dos Magistrados do Estado de Goiás, espaço institucional voltado para atividades administrativas, jurídicas e de representação de classe.

9- **Fórum Criminal** – Equipamento do Poder Judiciário dedicado ao processamento e julgamento de casos criminais, com intensa movimentação diária de pessoas.

10- **Feira do Cerrado** – Espaço cultural e gastronômico, valorizando a produção regional, artesanato, culinária e manifestações culturais do cerrado goiano.

11- **Renapsi** – Organização voltada para programas de inserção de jovens no mercado de trabalho e projetos sociais.

12- **Circo Lahetô** – Espaço cultural alternativo dedicado a apresentações artísticas, circenses e pedagógicas, promovendo inclusão social e acesso à cultura.

13- **Delegacia de Polícia** – Órgão de segurança pública responsável por atendimentos, registros e investigações criminais, contribuindo para a segurança da região.

Figura 92 : Levantamento acessos Serra Dourada
FONTE: Google earth editado pelo autor

VIAS INTERNAS

Figura 93 : Levantamento acessos Serra Dourada
FONTE: Google earth editado pelo autor

-Vias de circulação interna

1-Acesso a via interna R.72
2- Acesso a via interna prédio federação
3- Acesso a via interna para o portão da imprensa, por baixo da rampa
4-Acesso a via interna para campo e quadras
5- Acesso a Seel (Secretaria de estado de esporte e lazer
6- Acesso a via interna pela Av Feud José

Figura 94 : Levantamento Serra Dourada
FONTE: Google earth editado pelo autor

Acesso Portão lateral

Fachada lateral

Acesso portão antigas gerais

Fachada lateral

Acesso portão pela rampa

O levantamento realizado no Estádio Serra Dourada evidencia de forma contundente o avançado estado de deterioração física do equipamento, revelando problemas que extrapolam a simples falta de manutenção pontual e que comprometem diretamente a funcionalidade, a segurança e a imagem do estádio dentro da paisagem urbana de Goiânia. A partir da análise das imagens aéreas e dos registros fotográficos das fachadas, acessos e áreas de circulação, observa-se que diversas superfícies externas encontram-se pichadas, desgastadas. Esse cenário de abandono aparente contribui para uma percepção negativa do espaço, reduzindo sua atratividade e reforçando a sensação de vulnerabilidade.

Outro aspecto crítico identificado é a existência de portões e acessos que já não possuem uso regular pelo público, como é o caso da antiga entrada da “geral”. A desativação parcial dessas estruturas revela não apenas a obsolescência de setores específicos do estádio, mas também a incapacidade atual de operacionalizar o conjunto arquitetônico conforme o projeto original. Ao longo das décadas, mudanças na dinâmica do futebol, redução de público e transformações nas exigências de segurança contribuíram para que partes do estádio se tornassem ociosas.

Além disso, nota-se a sobrecarga dos portões ainda em operação, que passaram a concentrar praticamente todo o fluxo de entrada e saída do estádio.

Essa concentração excessiva compromete diretamente a acessibilidade, dificulta o controle de grandes públicos em dias de eventos e reduz a eficiência das estratégias de evacuação e segurança. Estádios contemporâneos operam com múltiplos acessos distribuídos estrategicamente para minimizar gargalos e ampliar a fluidez; no caso do Serra Dourada, o uso reduzido de seus acessos originais evidencia uma defasagem significativa em relação às exigências atuais de gestão e operação de arenas esportivas.

Diante desse cenário, torna-se evidente a necessidade estratégica de reabrir, qualificar e reintegrar as antigas gerais, não apenas como um gesto de resgate histórico e cultural, mas como uma medida técnica essencial para redistribuir o fluxo de pessoas, melhorar a evacuação e ampliar a capacidade operacional do estádio. Recuperar esses setores significa devolver ao público áreas que pertencem à memória afetiva do futebol goiano, ao mesmo tempo em que se aumenta a funcionalidade do equipamento.

As imagens inferiores reforçam a precariedade das áreas de circulação, com infiltrações, acúmulo de sujeira, danos estruturais e mobiliários fragmentados. Essas patologias não só comprometem o conforto e a segurança, como evidenciam a urgência de intervenções corretivas e modernizadoras.

Figura 95 : Levantamento Serra Dourada
FONTE: Google earth editado pelo autor

Prédio federação

Prédio federação

Estacionamento na frente
do prédio da federação

Prédio federação

Interno estádio, abaixo
prédio federação

O edifício destinado originalmente para abrigar funções administrativas, salas institucionais e ambientes de suporte à Federação Goiana de Futebol encontra-se em completo estado de abandono. A falta de ocupação contínua ao longo dos anos resultou não apenas em desuso, mas em perda total de funcionalidade do espaço.

Hoje, a ala sul não cumpre qualquer papel dentro do complexo, operando como um volume inerte, degradado e desvinculado das atividades do estádio. Sua condição atual revela a ausência de gestão, manutenção preventiva e planejamento estratégico, criando um vazio estrutural no conjunto arquitetônico do Serra Dourada e impedindo que o equipamento opere de forma integrada, eficiente e qualificada. O abandono prolongado também compromete a segurança, já que áreas vazias tendem a atrair vandalismo, infiltrações e riscos estruturais, tornando urgente uma requalificação completa do edifício.

Logo nas primeiras fotografias, observam-se fachadas marcadas por vidros quebrados, caixilhos danificados e elementos metálicos enferrujados, indicando longos anos de exposição sem reparos. O interior, igualmente comprometido, apresenta forros destruídos, infiltrações visíveis, sistemas expostos e ambientes depredados, evidenciando não apenas a falta de conservação, mas a completa inviabilidade de uso imediato do espaço.

O estado atual da ala sul da Federação compromete não apenas a funcionalidade do complexo, mas também sua imagem pública, já que se trata de um dos edifícios mais visíveis no conjunto arquitetônico do Serra Dourada. Sua deterioração prejudica a leitura formal do complexo e reforça a necessidade urgente de requalificação.

Assim, o levantamento evidencia que o prédio da Federação é hoje um ponto crítico estratégico, cuja revitalização é indispensável para:

- recuperar a coerência arquitetônica do conjunto
- garantir segurança e qualidade espacial aos usuários
- reativar áreas abandonadas que hoje afetam negativamente a percepção do Estádio Serra Dourada.

Em síntese, a situação da ala sul reforça a urgência de uma intervenção estruturada e planejada, alinhada à requalificação geral do estádio e às novas diretrizes estabelecidas com a concessão, garantindo que o complexo volte a operar de forma integrada, funcional e contemporânea.

Figura 96: Levantamento Serra Dourada
FONTE: Google earth editado pelo autor

Arquibancada sem público

Arquibancada com público

Arquibancada sem público

Arquibancada sem público

Arquibancada com público

LEVANTAMENTO - ESTÁDIO- INTERNO

Figura 97 : Levantamento Serra Dourada
FONTE: Google earth editado pelo autor

Antiga geral

Fosso da antiga geral

Atrás da arquibancada

Fosso da antiga geral

Rampa circulação interna

Acesso interno antiga geral

As imagens evidencia de forma clara a obsolescência de setores fundamentais da estrutura, sobretudo da antiga geral, espaço originalmente concebido para acomodar o público em pé, característica típica dos estádios brasileiros de gerações anteriores. Esse modelo, embora marcante na identidade do Serra Dourada, tornou-se completamente incompatível com as normas atuais do Corpo de Bombeiros e com as exigências de segurança da FIFA, que determinam a necessidade de assentos individualizados, rotas de evacuação desobstruídas e controle preciso de capacidade. Como consequência, a geral,somada ao fosso que a separa do campo passou a ser um espaço inutilizado.

Da mesma forma, as arquibancadas existentes não atendem às exigências da FIFA quanto à instalação de assentos individualizados com dimensões padronizadas. Parte significativa da arquibancada permanece como área contínua sem cadeiras, característica tradicional dos estádios brasileiros das gerações mais antigas, mas que hoje impede a certificação para eventos oficiais de grande porte. A falta de assentos exclusivos, sobretudo nas áreas superiores e na antiga geral, não apenas dificulta o controle de público como também limita a utilização do estádio para competições internacionais e grandes shows.

Em contrapartida, o levantamento demonstra que a circulação interna do Serra Dourada incluindo rampas amplas, áreas de fluxo, passagens sob as arquibancadas e espaços de transição ainda atende de maneira satisfatória à demanda atual, mesmo após décadas de uso contínuo.

Observa-se que, embora essas áreas apresentem desgaste visual sua estrutura permanece funcional, garantindo deslocamentos organizados, dispersão eficiente do público e boa capacidade de escoamento em dias de grandes eventos.

No entanto, o conjunto de imagens reforça que o estádio encontra-se subutilizado, com grandes trechos sem público e setores interditados, revelando a necessidade de readequação. A combinação entre a impossibilidade de uso da geral, a falta de cadeiras padronizadas limita a capacidade de competir com arenas contemporâneas. Para que o estádio volte a operar de forma plena, inclusiva e alinhada às normas, torna-se indispensável requalificar suas arquibancadas, eliminar barreiras como o fosso, criar novos assentos individualizados.

A inexistência de camarotes no Estádio evidencia uma das limitações mais significativas do equipamento quando comparado aos requisitos e características das gerações mais recentes de estádios.

LEVANTAMENTO - ESTÁDIO- QUADRAS/CAMPO

Quadras complexo esportivo

Rampa acesso quadras

Figura 98 : Levantamento Serra Dourada
FONTE: Google earth editado pelo autor

Visão campo de futebol pela Br-153

Visão quadras/campo da rampa

Visão Serra Dourada das quadras

LEVANTAMENTO - ESTÁDIO- ESTACIONAMENTO

Foto pós jogo da saída do estacionamento

Figura 99 : Levantamento Serra Dourada
FONTE: Google earth, editado pelo autor

O estacionamento apresenta uma área totalmente pavimentada em asfalto e sem arborização significativa, o espaço opera hoje como uma grande ilha de calor, interferindo diretamente no conforto térmico dos usuários e no microclima de todo o seu entorno urbano.

Goiânia, situada em uma zona de transição entre os climas tropical e subtropical, apresenta um regime climático marcado por estação chuvosa intensa e estação seca rigorosa, conforme descrito por Antônio Manuel C. P. Fernandes (2006).

Além disso, a falta de áreas permeáveis e de vegetação agrava problemas significativos de drenagem urbana. Durante o período chuvoso, o estacionamento transforma-se em um imenso plano impermeável, gerando enxurradas intensas, alagamentos localizados e sobrecarga na infraestrutura de escoamento

A leitura espacial do mapa reforça que o estacionamento ocupa uma área maior que o próprio estádio, revelando uma priorização histórica do automóvel em detrimento de espaços públicos de convivência e de estruturação urbana.

É importante destacar a análise realizada por Antônio Manuel, o estacionamento do Serra Dourada se configura, nas palavras do próprio autor, como uma “ferida térmica”, um espaço árido, amplo e hostil, que intensifica o calor e prejudica a qualidade ambiental urbana.

Essa comparação evidencia como a falta de vegetação e a predominância de asfalto tornam o estacionamento um contraponto negativo em relação ao parque, que é referência de conforto térmico e sustentabilidade.

Figura 100: Levantamento Serra Dourada
FONTE: Google earth editado pelo autor

Show dentro Serra Dourada

Show dentro Serra Dourada

Imagem área show estacionamento
Serra Dourada

Imagem área show estacionamento
Serra Dourada

As imagens e apontamentos demonstram que, embora o estádio tenha sido originalmente projetado para práticas esportivas, sua maior utilização atual ocorre em shows, festas e grandes eventos temporários, o que gera conflitos significativos entre capacidade física, infraestrutura existente e demandas contemporâneas.

Observa-se que não há infraestrutura fixa capaz de atender adequadamente aos requisitos técnicos e logísticos de grandes shows. Palcos, áreas de apoio, sanitários provisórios, espaços de alimentação, camarins e estruturas elétricas e hidráulicas são montados de maneira improvisada a cada evento, o que eleva os custos operacionais, aumenta o desgaste do espaço.

O complexo não dispõe de banheiros permanentes em quantidade suficiente, obrigando a instalação recorrente de sanitários químicos, que oferecem menor conforto e pior higiene. Da mesma forma, não há restaurantes, praças de alimentação ou áreas adequadas para preparo e venda de alimentos, fazendo com que toda a estrutura de atendimento ao público seja improvisada por meio de tendas e food trucks. Essa carência de espaços fixos não apenas compromete a experiência dos usuários, como também eleva os custos operacionais dos produtores de eventos.

Além disso, o estacionamento, que deveria funcionar como suporte ao estádio em dias de jogos, torna-se o principal palco de grandes feiras e megaeventos.

No entanto, trata-se de uma área totalmente asfaltada, sem drenagem eficiente e sem arborização , o que causa uma série de problemas: desconforto térmico extremo, desorganização espacial. A utilização desse espaço como área de shows evidencia a falta de um planejamento específico, já que o local não possui infraestrutura adequada para acolher dezenas de milhares de pessoas em pé por longos períodos.

Outro ponto crítico revelado no levantamento é que o estádio passou a receber mais eventos do que jogos, invertendo sua função primária. Essa mudança de perfil ocorreu sem qualquer adaptação arquitetônica ou urbana do complexo, resultando em conflitos de uso, sobrecarga da estrutura e prejuízo à integridade do patrimônio modernista. O estádio, projetado com lógica esportiva, acaba operando como uma arena multifuncional improvisada.

O levantamento revela que o Estádio encontra-se em uma condição paradoxal: embora seja altamente demandado para eventos culturais e musicais, não possui a infraestrutura necessária para desempenhar esse papel.

Figura 101 : Levantamento Serra Dourada
FONTE: Google earth editado pelo autor

Visão Goiânia arena Av.Cerrado

Visão Goiânia arena ao lado do Serra

Visão Goiânia arena Br-153

Visão Goiânia arena rua interna

Visão Goiânia prédio ao lado Serra Dourada

Embasado no estudo já apresentado de Gustavo Amaral (2013) sobre as cinco gerações de estádio esse conceito ajuda a compreender a evolução tipológica dessas arenas desde os estádios puramente esportivos até os complexos multifuncionais altamente tecnologizados o Goiânia Arena não se encaixa de forma plena em nenhuma dessas categorias.

O Goiânia Arena, apesar de ser uma edificação relativamente recente no contexto goianiense, não apresenta características significativas que o aproximem dessas classificações. Arquitetonicamente, sua forma e implantação não dialogam com a cidade, tampouco expressam um partido marcante ou inovador. O edifício carece de identidade arquitetônica relevante, afastando-se dos paradigmas das gerações mais avançadas, que valorizam forma, expressão, contexto e impacto urbano.

Além disso, o equipamento não possui multifuncionalidade consolidada. Embora receba alguns eventos pontuais, ele não oferece a infraestrutura necessária para operar como um centro de entretenimento ou como um espaço configurável para múltiplos usos, como ocorre nas arenas contemporâneas. Não há variedade programática, integração comercial, áreas técnicas adequadas, espaços corporativos ou serviços de apoio que tornem sua ocupação contínua e diversificada ao longo do ano.

Portanto, o Goiânia Arena permanece como uma estrutura intermediária, sem adequação plena a nenhum dos estágios evolutivos dos estádios e arenas contemporâneos. Ele não retoma a simplicidade funcional da primeira geração, mas também não alcança os parâmetros avançados das gerações mais recentes. Falta-lhe expressão arquitetônica, diversidade de usos, integração urbana e qualidade espacial para se colocar dentro da lógica moderna dos equipamentos esportivos e culturais.

As imagens evidenciam, de forma clara, como o Ginásio Goiânia Arena constitui um obstáculo o pleno desempenho e valorização do Estádio Serra Dourada. Enquanto o Serra Dourada é reconhecido nacionalmente como um dos mais importantes exemplares da arquitetura brutalista brasileira uma obra monumental concebida por Paulo Mendes da Rocha, dotada de grande relevância histórica, cultural e projetual o Goiânia Arena, por outro lado, apresenta-se como uma edificação sem expressão arquitetônica, sem identidade, sem uso contínuo e sem relação qualificada com o espaço ao seu redor.

Em vez de complementar o conjunto, o ginásio age como uma barreira física e perceptiva, criando um vazio urbano pouco convidativo, dificultando a integração de fluxos, bloqueando visuais e contribuindo para a sensação de abandono na área.

Além disso, enquanto o estádio, apesar de subutilizado, demonstra um enorme potencial de requalificação e multifuncionalidade condição reforçada por sua capacidade e qualidade espacial o Goiânia Arena permanece praticamente inutilizado, sem programação fixa, sem atratividade e sem oferecer serviços relevantes. O contraste torna-se ainda mais evidente: um equipamento de altíssima importância, subaproveitado; ao lado de um equipamento de baixa importância, praticamente sem função e que ocupa um espaço urbano valioso.

A análise reforça que, para a plena requalificação do complexo e para garantir que o Serra Dourada recupere seu protagonismo enquanto ícone arquitetônico e polo esportivo cultural, a presença do Goiânia Arena não agrega ao contrário, compromete. Sua implantação atrapalha a estruturação de novos acessos e restringe áreas de implantação de serviços necessários.

Diante de todo o levantamento apresentado, torna-se evidente que, sob as perspectivas arquitetônica,a presença do Goiânia Arena dentro do Complexo Serra Dourada representa um entrave significativo ao desenvolvimento deste importante equipamento público. Sua simples existência restringe possibilidades de expansão e requalificação, bloqueia fluxos lógicos de circulação e interfere negativamente na leitura monumental do Estádio Serra Dourada, este, sim, um marco indiscutível da arquitetura moderna brasileira

Portanto, ao analisar o futuro do estádio e sua necessidade a um novo uso, conclui-se que a manutenção do Goiânia Arena no local se mostra incompatível com o projeto de requalificação desejado. Sua remoção não representa apenas uma escolha projetual, mas sim um movimento estratégico para devolver ao Serra Dourada a centralidade simbólica, espacial e funcional que ele merece.

Assim, reafirma-se que, para que o Serra Dourada recupere sua relevância e alcance a potencialidade de se tornar um equipamento de quinta geração, integrado e verdadeiramente vivo, a presença do Goiânia Arena não apenas deixa de contribuir como se mostra um obstáculo concreto ao futuro do complexo. Sua retirada seria, portanto, um gesto decisivo para devolver ao estádio sua monumentalidade e permitir que o novo Distrito de Esporte e Entretenimento se desenvolva com qualidade, lógica e respeito ao patrimônio arquitetônico.

Figura 102 : Levantamento Serra Dourada
FONTE: Google earth editado pelo autor

A.militar

A.militar

Corpo de bombeiros

Corpo de bombeiros

Corpo de bombeiros

O entorno do Estádio Serra Dourada abriga dois equipamentos públicos relevantes: o Aparelho Militar e o quartel do Corpo de Bombeiros. Embora ambos desempenhem funções essenciais para a segurança da cidade e cumpram plenamente seus usos institucionais, sua presença dentro de uma área estratégica como o Complexo Serra Dourada levanta reflexões importantes quanto ao aproveitamento.

Apesar de cumprirem suas atividades internas, essas estruturas ocupam grandes áreas com acesso limitado e baixíssimo fluxo de pessoas, o que resulta em áreas monofuncionais, impermeáveis e completamente desconectadas da dinâmica pública desejável para um distrito esportivo e de entretenimento. Esses equipamentos não geram movimento constante, comércio, serviços ou atividades complementares. Assim, diferentemente de usos urbanos que poderiam criar vida e interação no entorno.

Outro ponto crítico é que toda essa extensão ocupada pelos equipamentos institucionais é integralmente pavimentada, repetindo os mesmos problemas observados no estacionamento principal do complexo. A grande mancha de asfalto cria ilhas de calor, intensifica o desconforto térmico, reduz a permeabilidade do solo e agrava problemas de drenagem durante o período chuvoso exatamente as questões apontadas nas análises climáticas e ambientais de Antônio Manuel.

Dessa forma, além de não contribuírem, essas áreas ainda ampliam os impactos ambientais negativos já existentes ao redor do estádio.

Diante desse cenário, torna-se evidente que, embora cumpram funções essenciais, tais áreas apresentam um aproveitamento aquém do que seria ideal para uma área tão estratégica da cidade. Com seus fluxos internos restritos e ausência de atividades voltadas ao público, esses terrenos funcionam como grandes "vazios urbanos pavimentados".

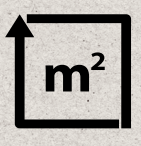
Assim, considerando a baixa circulação de pessoas nesses espaços e seu caráter institucional, seria extremamente interessante introduzir novas áreas verdes que possam:

- “Desafogar” o estacionamento, redistribuindo áreas de vegetação e transformando o complexo em um ambiente mais equilibrado

- Criar conexões verdes que incentivem caminhabilidade e permanência

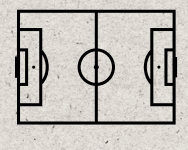
Portanto, reorganizar, requalificar ou até redimensionar os espaços da Área Militar e do Corpo de Bombeiros não significa reduzir sua importância funcional, mas integrá-los aos novos usos e readequar o espaço as novas demandas

PROGRAMA ATUAL



Área total de 353.838,96 m², sendo 62.844,22 m² pertencentes ao Estádio Serra Dourada

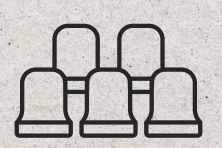
Área total construída: 160.000m² em cinco níveis, sendo um nível de subsolo, um nível térreo e três níveis superiores, com acesso por rampas e escadas



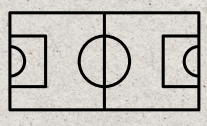
Campo: 110 metros de comprimento por 75 metros de largura, e todo o gramado mede 118 metros de comprimento por 80 metros de largura.

Estacionamento: Capacidade 6.000 veículos.

Ala Norte: Secretaria de Estado de Esporte e Lazer.
Área = 12.743,58m²
Ala Sul: Edifício era ocupado pela Federação Goiânia arena.
Área = 18.906,74m²



Arquibancada: 29.398 lugares A= 18.839,24m²
Cadeiras: 8.548 lugares A= 4.229,66m²
Tribuna VIP: 123 lugares A= 67,79m²
Tribuna Federação Goiana de Futebol: 130 lugares A= 67,79m²
Tribuna de Imprensa: 162 lugares A= 95,80m²
Tribuna do Governo: 51 lugares A= 27,01m²
Totalizando em todo estádio 38.412 lugares (Sem a área das antigas gerais)
Antiga Geral: 8.000 lugares A= 5.001,14m²
16 lanchonetes e 36 banheiros
13 cabines de tv A=196m²



Complexo esportivo A=12.245,77m² (Campo de futebol e quadras poliesportivas)

FONTE: ANEXOC.1-MEMORIALDESCRITIVO, disponibilizado pela Seel (Secretaria de estado de esportes e lazer)

PROBLEMAS	DIRETRIZES	PROPOSTA
Estádio obsoleto, sem padrão de 4ª/5ª geração	O novo projeto busca equilibrar a dinâmica entre áreas públicas e privadas. O estádio, além de ser um espaço de grandes eventos, precisa estar mais integrado à cidade e ser utilizado de forma contínua. Assim, serão pensadas estratégias para tornar seus arredores mais acessíveis ao público em períodos sem jogos	Fazer adequação do seu entorno atendendo as exigências do governo do estado do Goiás, Área comercial diversificada para abrigar uma variedade de estabelecimentos comerciais Hotel de médio padrão, para atender às necessidades de hospedagem na região, potencialmente atraindo turistas e viajantes A disponibilização de escritórios com salas e espaços de coworking para atender à demanda por locais de trabalho flexíveis e colabora vosde negócios.
Gerais e fosso inutilizados	Acessibilidade universal, garantir que na requalificação o estádio atenda as novas normas das entidades reguladoras e consiga receber o público	Rebaixar o campo em **5 metros** transformando em arquibancada com cadeiras, dessa forma esse espaço poderá receber público
Prédio da antiga federação abandonado	Requalificar o espaço existente mudando o seus usos e dar uma nova função	Transformar aquele espaço em um edifício comercial e hotel

PROBLEMAS	DIRETRIZES	PROPOSTA
Arquibancadas não atendem as exigências de assento para a FIFA	Acessibilidade universal, garantir que na requalificação o estádio atenda as novas normas das entidades reguladoras e consiga receber o público	Adicionar cadeiras em toda a arquibancada além da construção de camarotes no estádio
Estacionamento apresenta problemas de drenagem urbana e ilhas de calor	Reduzir impacto térmico e ecológico	Propor soluções que atenda tanto os problemas de drenagem quanto os problemas térmicos
Falta de infraestrutura fixa para atender as demandas de shows	O novo projeto busca equilibrar a dinâmica entre áreas públicas e privadas. O estádio, além de ser um espaço de grandes eventos, precisa estar mais integrado à cidade e ser utilizado de forma contínua. Assim, serão pensadas estratégias para tornar seus arredores mais acessíveis ao público em períodos sem jogos	Criar um espaço destinado para atender essa demanda (restaurantes e banheiros)
Quadras e campos abandonados, sem estrutura fixa para atender essa demanda	Requalificar essa área com o objetivo de criar um novo uso esportivo para o complexo, dessa forma transformando o espaço público utilizado e o complexo com uso mesmo sem jogos ou eventos	Criar uma estrutura fixa para atender a demanda esportiva (vestiários e banheiros)

PROBLEMAS	DIRETRIZES	PROPOSTA
Goiânia Arena acaba trazendo problemas para o Serra Dourada	Transformar esse espaço hoje subutilizado em um local mais ativo, útil e atrativo para a população. Em vez de permanecer como um equipamento pouco relevante e vazio na maior parte do tempo, o objetivo é requalificar a área para que tenha uso contínuo, oferecendo atividades de lazer, cultura, esporte e convivência que mantenham pessoas circulando mesmo sem jogos ou eventos.	Demolição do Goiânia arena e criação de um complexo de lazer com área verde, buscando não apenas manter o usuário nos arredores do estádio, mas também diminuir os problemas de drenagem e das ilhas de calor
Os equipamentos (A.militar e corpo de bombeiros) não agregam valor ao estádio, mesmo com o seu importante uso	Transformar essas áreas institucionais em espaços mais eficientes, convidativos e ambientalmente adequados, contribuindo para que o complexo do Serra Dourada funcione como um ambiente vivo, seguro e integrado ao tecido urbano.	Demolição desses equipamentos juntamente com o Goiânia arena e transformando toda essa área em lazer e área verde

A partir da organização fornecida pela SEEL, este trabalho passa agora a apresentar a proposta de requalificação do Estádio Serra Dourada. Para manter a coerência metodológica e facilitar a leitura do projeto, será adotada a mesma lógica de apresentação por níveis utilizada nos arquivos técnicos originais. No entanto, será aplicada uma nova nomenclatura, definida especificamente para esta pesquisa, a fim de aprimorar a clareza e o entendimento das etapas de intervenção.

Dessa forma, cada nível do edifício será apresentado de maneira sequencial, respeitando a hierarquia espacial do estádio e permitindo visualizar gradualmente as transformações propostas.

1- Proposta entorno Serra Dourada

2- Nova “geral” (antigo nível B)

3- Nova arquibancada (antigo nível C)

4- Camarote (antigo nível E)

5- Novo edifício dentro do estádio (antigo nível E e F)

Os levantamentos realizados revelam de forma consistente que o Complexo Serra Dourada encontra-se em um estado avançado de subutilização, deterioração física e desgaste funcional. Apesar de seu enorme valor arquitetônico e histórico, o estádio opera muito abaixo de seu potencial, enquanto seu entorno imediato apresenta um grande potencial a ser explorado.

Figura 103 : Vista aérea Serra Dourada
FONTE: Google earth editado pelo autor

-Requalificar

-Demolir

Propõe-se a demolição do Goiânia Arena, da área militar e do Corpo de Bombeiros, uma vez que esses equipamentos. A remoção dessas estruturas permitirá desenvolver propostas mais qualificadas, coerentes com as demandas atuais e com o potencial da área, criando condições para que o estádio reassuma protagonismo como equipamento estruturador da região.

A partir dessa liberação de área, a proposta prevê a implantação de um grande parque urbano, configurado como espaço de convivência, lazer e conforto climático, além da criação de um complexo gastronômico e de infraestrutura fixa para atender eventos e shows

A praça esportiva será requalificada com novos vestiários, banheiros e instalações de apoio, restituindo seu papel comunitário e ampliando seu uso cotidiano. O Estádio Serra Dourada, por sua vez, passará por um processo completo de requalificação e fortalecendo sua capacidade de atrair eventos esportivos, culturais e de entretenimento.

Em contraste com os equipamentos a serem removidos, outros existentes na área serão mantidos, pois desempenham papéis importantes para a população e para o funcionamento urbano.

Entre eles estão: BPME Eventos, a ASMEGO, o Fórum Criminal, a Feira do Cerrado, a RENAPSI, o Circo Laheto e a Delegacia de Polícia. Esses usos, além de consolidados, apresentam relevância social, institucional e cultural, justificando sua permanência e integração ao novo plano do complexo.

A diretriz geral da proposta é transformar o entorno do Estádio Serra Dourada em um espaço vivo e multifuncional, capaz de atrair pessoas mesmo em dias sem jogos.

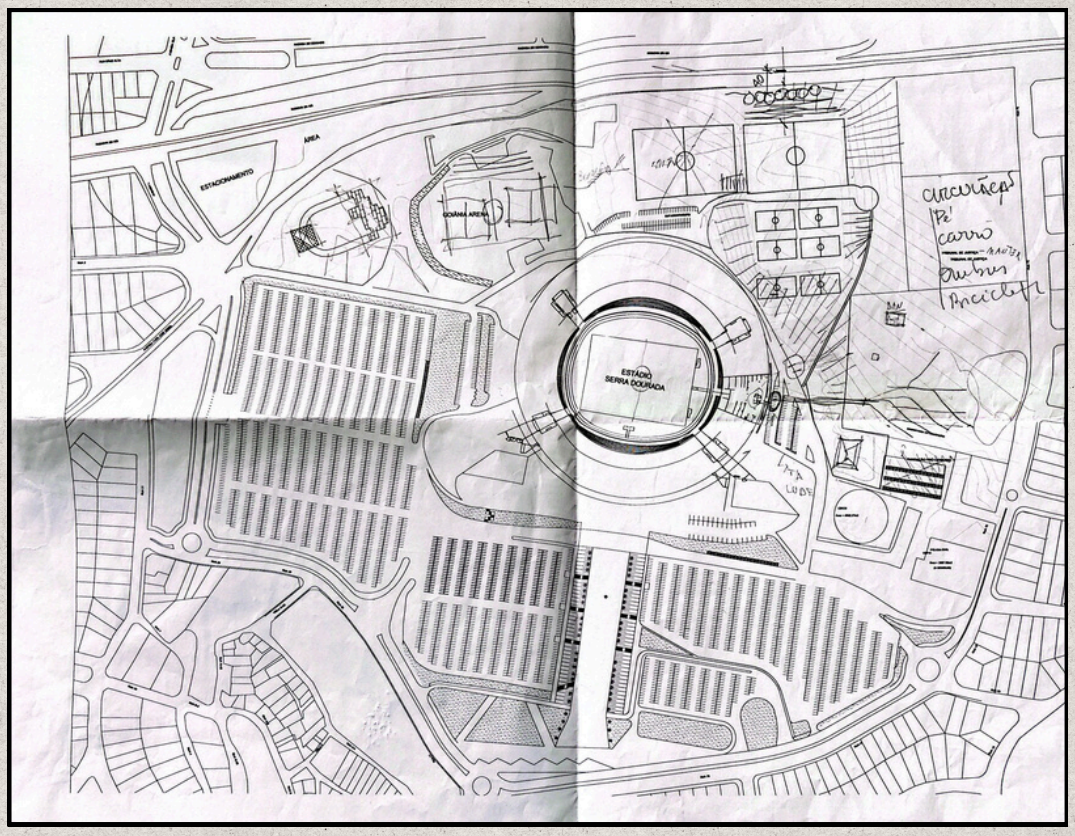
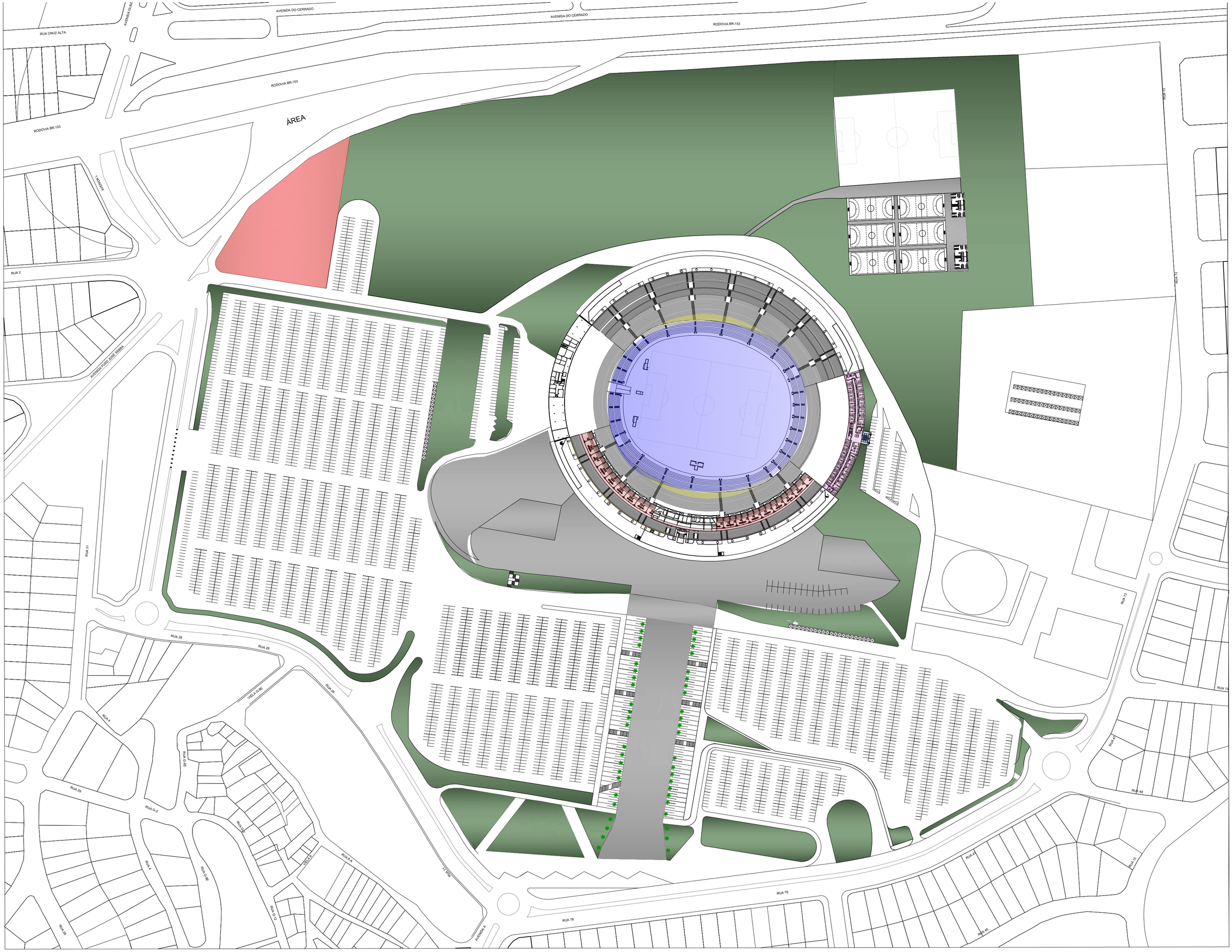


Figura 104 : Croqui processo
FONTE: Croqui feito pelo Autor



AVENIDA DO CERRADO
AVENIDA DO CERRADO
RODOVIA BR-153
RUA CRUZ ALTA
RODOVIA BR-153
RODOVIA BR-153
ÁREA
RUA 2
AVENIDA FMED JOSÉ SEBBA
RUA 31
RUA 28
RUA 28
RUA 28
RUA 4
RUA 29
RUA G-2
RUA 4
RUA 78
RUA 78
RUA 72
RUA 72
RUA 49
RUA 46
RUA 15
AVENIDA A

A área destacada em vermelho corresponde à implantação de uma estrutura fixa destinada ao atendimento das demandas de shows e grandes eventos, suprindo a atual carência de apoio técnico no complexo. Esse setor será equipado com infraestrutura permanente para backstage, sanitários, áreas de serviço e suporte operacional, eliminando a necessidade de instalações provisórias e qualificando a experiência do público e dos organizadores.

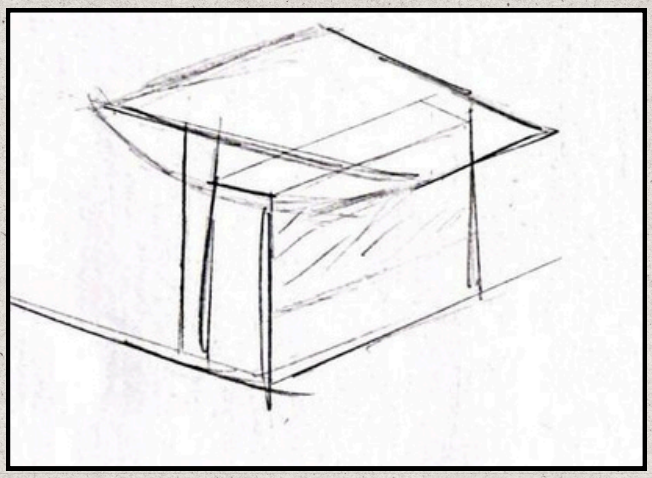


Figura 105 : Croqui processo
FONTE: Croqui feito pelo Autor

Já toda a área marcada em verde é destinada ao projeto de um parque urbano, proposto em substituição ao Goiânia Arena. A criação desse parque tem como objetivo recompor a paisagem, reduzir a extensa superfície pavimentada existente e devolver vitalidade ao entorno do estádio, oferecendo espaços de convivência, sombra e lazer diário, mesmo em períodos sem eventos.

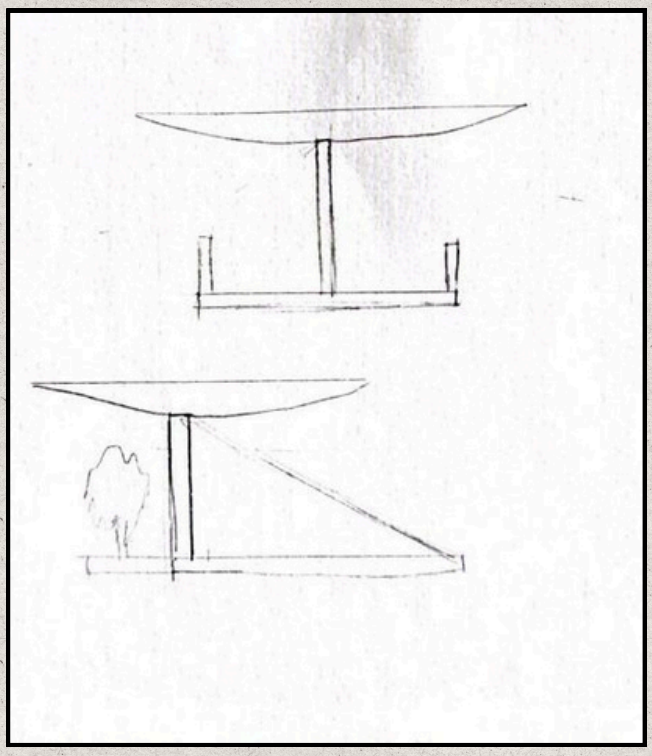
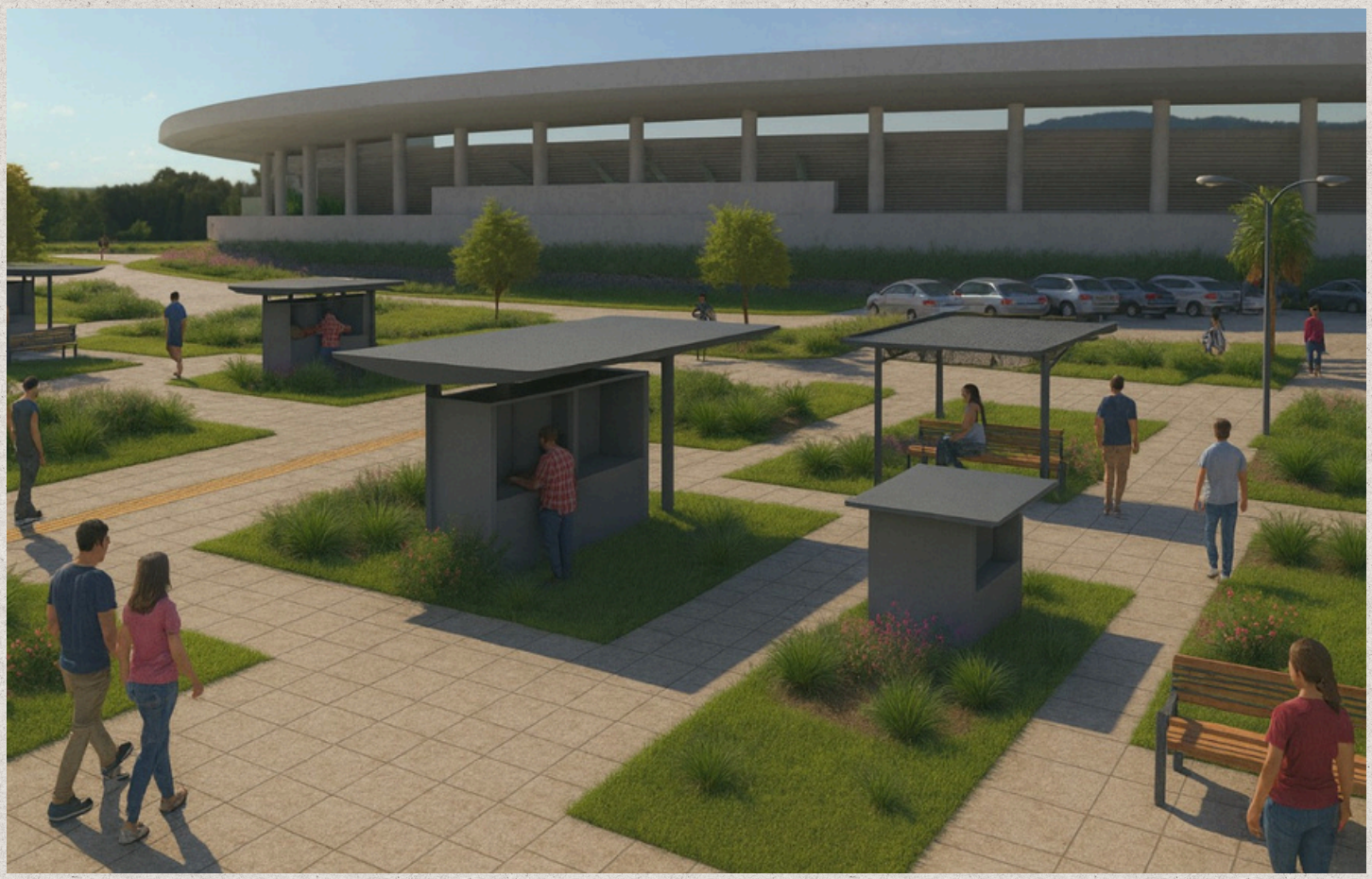
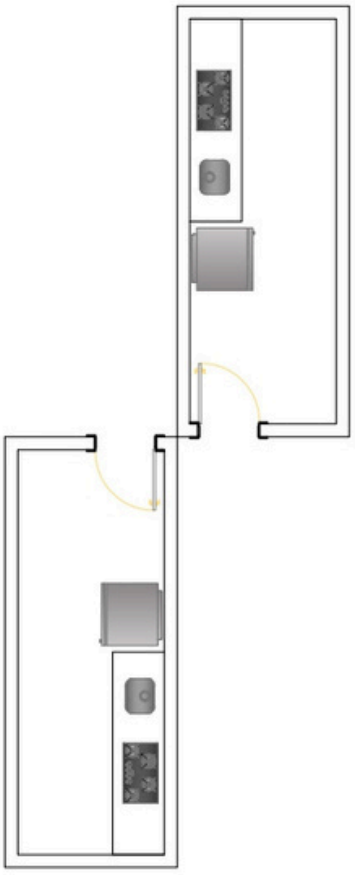


Figura 106 : Croqui processo
FONTE: Croqui feito pelo Autor

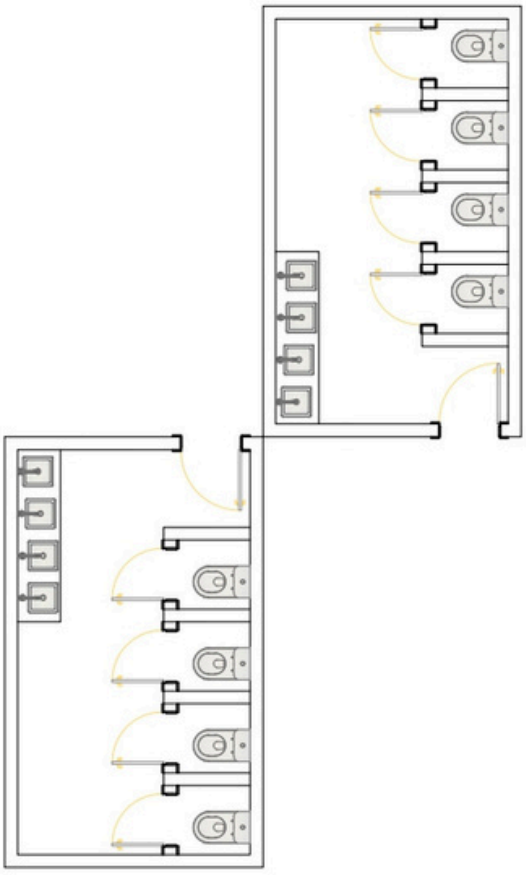
Para integrar o novo espaço ao caráter arquitetônico do Estádio Serra Dourada, foram projetados quiosques que estabelecem diálogo formal com o edifício original. Assim, adotaram-se seus principais elementos arquitetônicos como referência, incluindo coberturas em balanço, concreto aparente e pilares expostos, preservando a identidade modernista do conjunto e reforçando a unidade visual do complexo.

IMAGEM 3D - QUIOSQUE

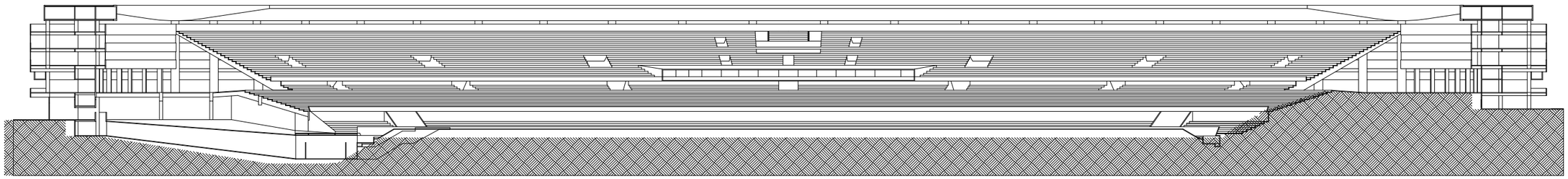




PLANTA QUIOSQUE 1:75

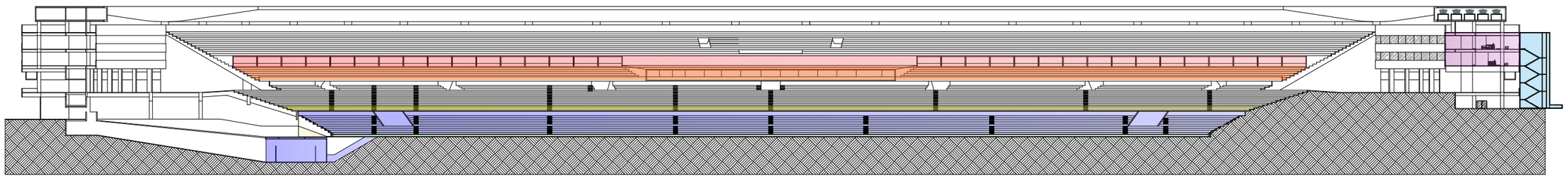


PLANTA BANHEIRO 1:75



CORTE AA ANTIGO

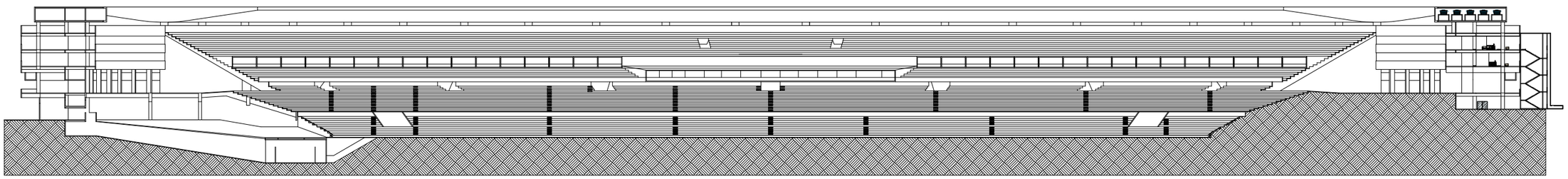
0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100



- NOVO CAMPO
- REBAIXO CAMPO
- RAMPA VEÍCULOS
- ARQUIBANCADA
- CAMAROTE
- EDIFÍCIO HOTEL/COMÉRCIO
- CIRCULAÇÃO VERTICAL HOTEL/COMÉRCIO

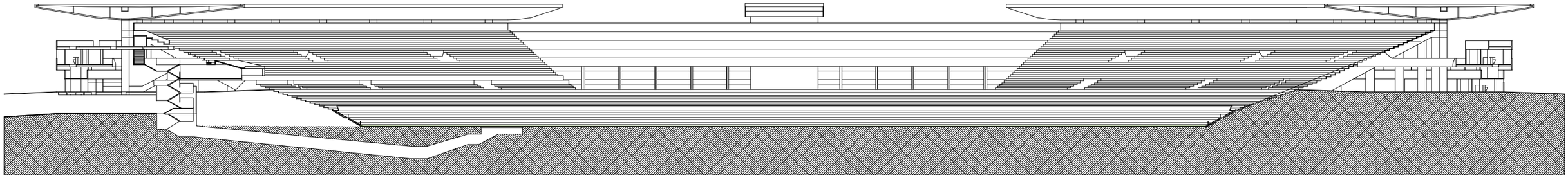
CORTE AA SETORIZADO

0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100



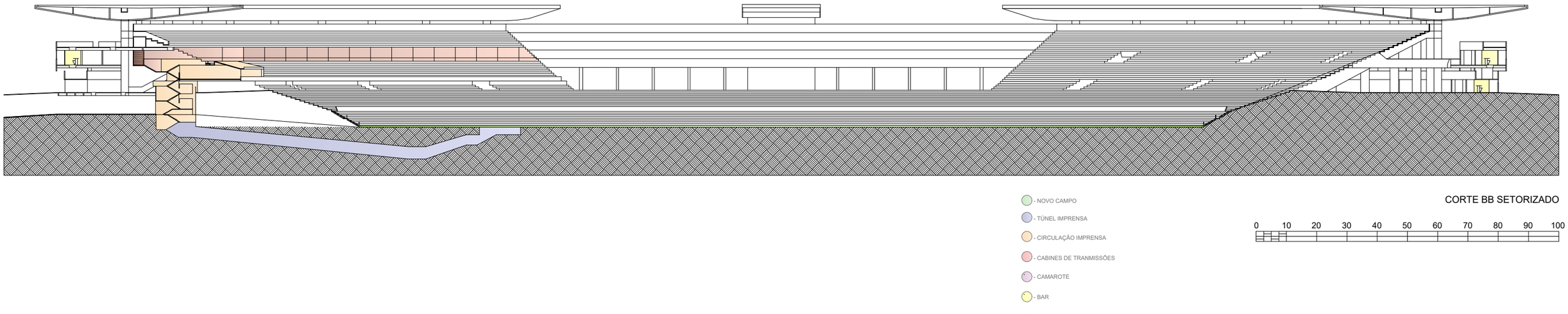
CORTE AA NOVO

0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100



CORTE BB ANTIGO

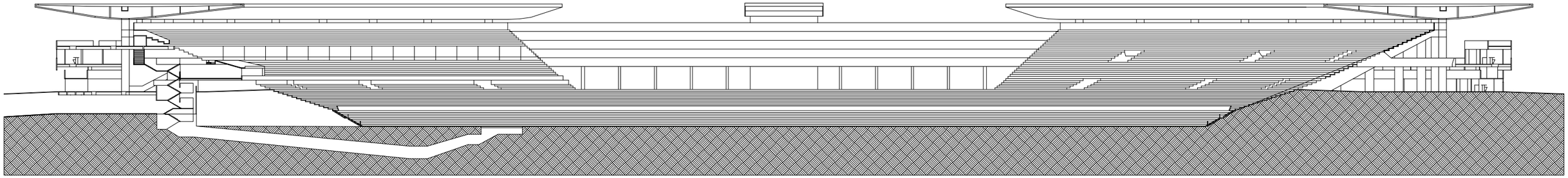
0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100



- NOVO CAMPO
- TÚNEL IMPRENSA
- CIRCULAÇÃO IMPRENSA
- CABINES DE TRANMISSÕES
- CAMAROTE
- BAR

CORTE BB SETORIZADO

0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100



CORTE BB NOVO

0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100

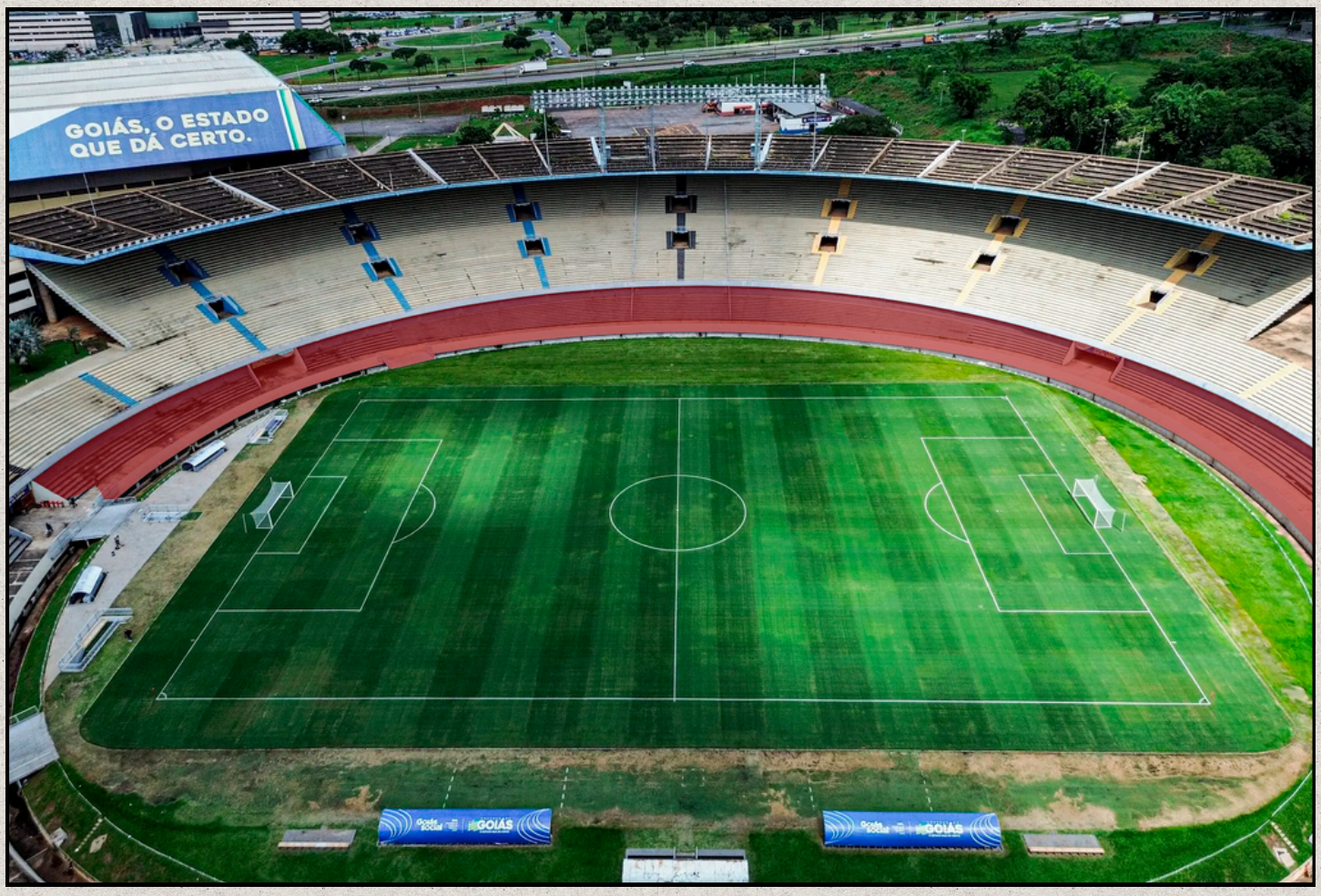


Figura 107: Imagem vista Serra dourada
FONTE: euripedesneto/estadioserradourada, editado pelo autor

-Antiga geral

A antiga “geral”, como já demonstrado no levantamento e diagnóstico, não possui condições de receber público. Diante disso, a proposta busca requalificar integralmente esse setor, redefinindo o desenho das arquibancadas para possibilitar sua utilização conforme novas exigências.

Os portões de acesso existentes foram preservados, bem como sua cota original, garantindo continuidade ao sistema de circulação. Para viabilizar essa estratégia, o campo foi rebaixado em 2,75 metros, permitindo a criação de novos patamares com alturas de 1,00 m e 0,57 m. sses valores foram adotados com o objetivo de proporcionar maior conforto ao usuário, adequação ergonômica, acessibilidade e principalmente conformidade com as normas técnicas.

A Norma Técnica 12/2023 estabelece, no item 6.2.5, que os patamares das arquibancadas devem possuir altura máxima de 0,57 m e largura minima de 0,80 m. No entanto, a proposta adota patamares de 1,00 m de largura visando ampliar o conforto e melhorar a circulação dos espectadores, sem comprometer a segurança. Além disso, esses parâmetros permitem atender ao item 6.3.1.1 da mesma norma, uma vez que a inclinação resultante da arquibancada atinge 30 graus — valor que dispensa a necessidade de instalação de guarda-corpos frontais em cada fileira de assentos.

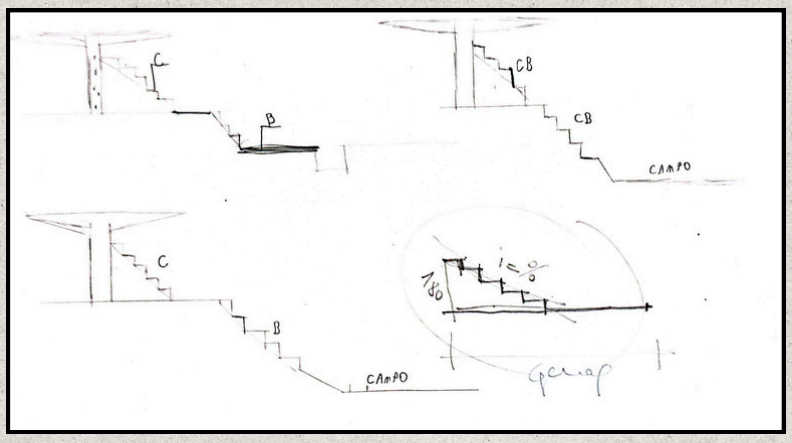


Figura 108 : Croqui processo
FONTE: Croqui feito pelo Autor

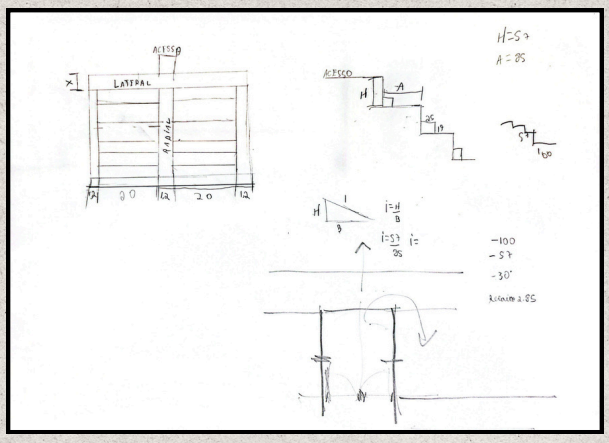


Figura 109 : Croqui processo
FONTE: Croqui feito pelo Autor

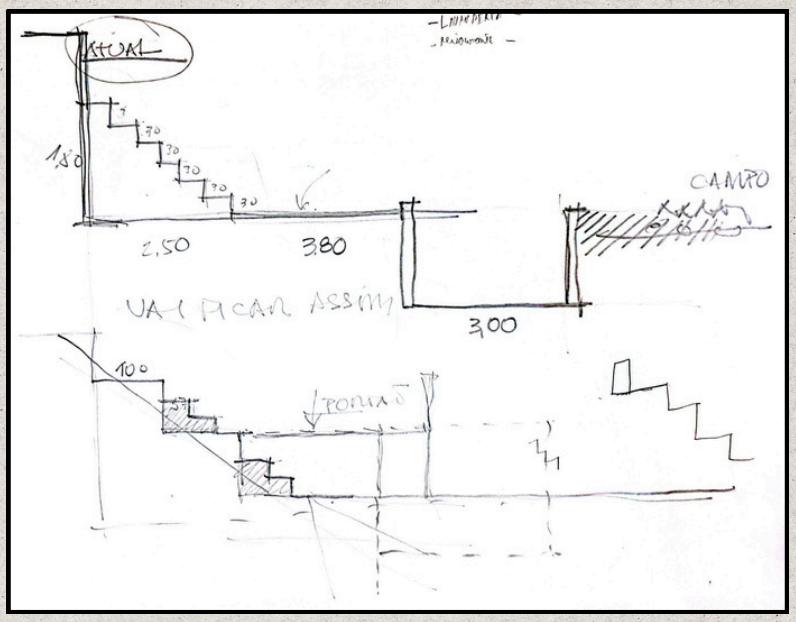


Figura 110 : Croqui processo
FONTE: Croqui feito pelo Autor

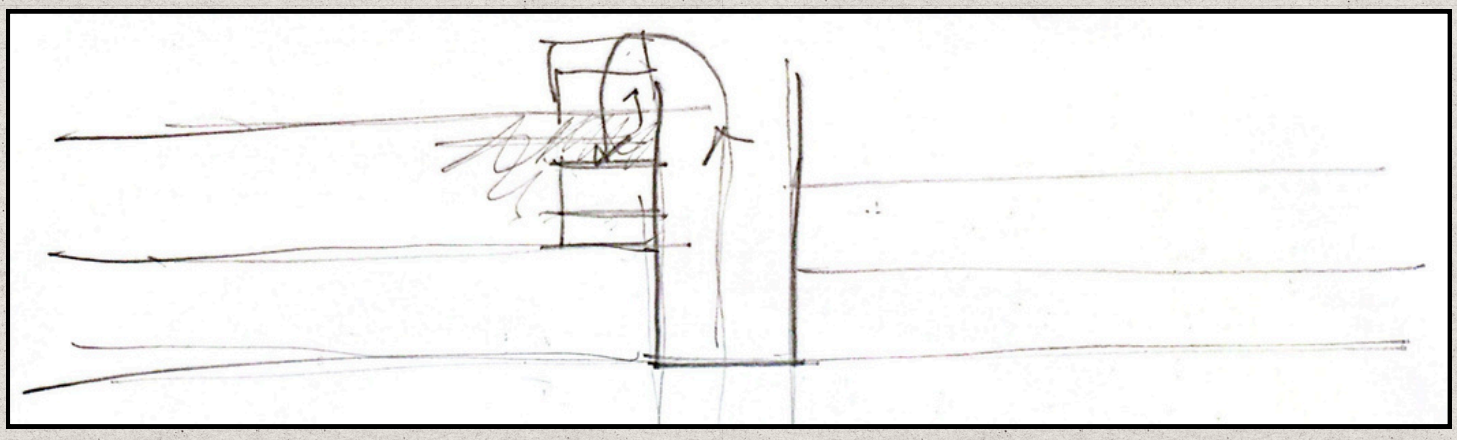


Figura 111 : Croqui processo
FONTE: Croqui feito pelo Autor

01 CORTE CHAVE

LEGENDA CORTE CHAVE

- NOVA GERAL

LEGENDA PLANTA BAIXA

- ACESSO ATLETAS/ SERVIÇO ESTÁDIO
- RAMPA VEÍCULOS
- DEPÓSITO
- CIRCULAÇÃO SERVIÇO
- CIRCULAÇÃO EDIFÍCIO

01 - PORTÃO ACESSO

02 - ACESSO CIRCULÇÃO VERTICAL IMPRENSA

03 - ACESSO CIRCULAÇÃO VERTICAL CAMAROTES

04 -BAR

05 -BANHEIROS

06 - CIRCULAÇÃO VERTICAL EDIFÍCIO COMERCIAL

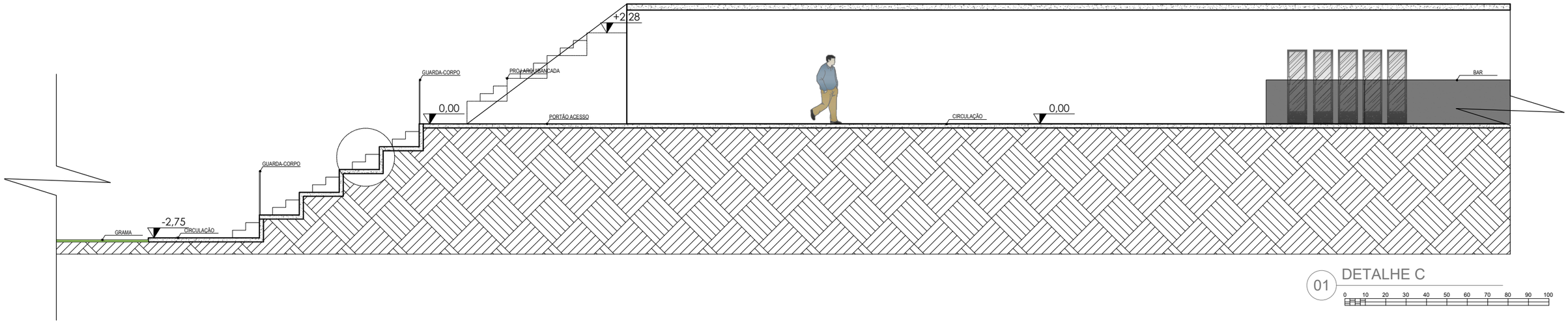
07 - CIRCULAÇÃO VERTICAL HOTEL

08 - RAMPA ACESSO VEÍCULOS I=20%

09 - CIRCULAÇÃO VERTICAL SERVIÇO

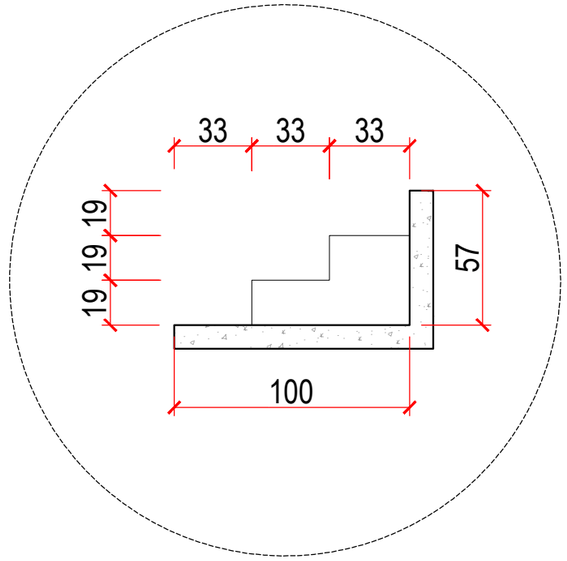
01 PLANTA BAIXA NOVA GERAL

0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100



01 DETALHE C

0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100



01 DETALHE PATAMAR

ESC 1:50

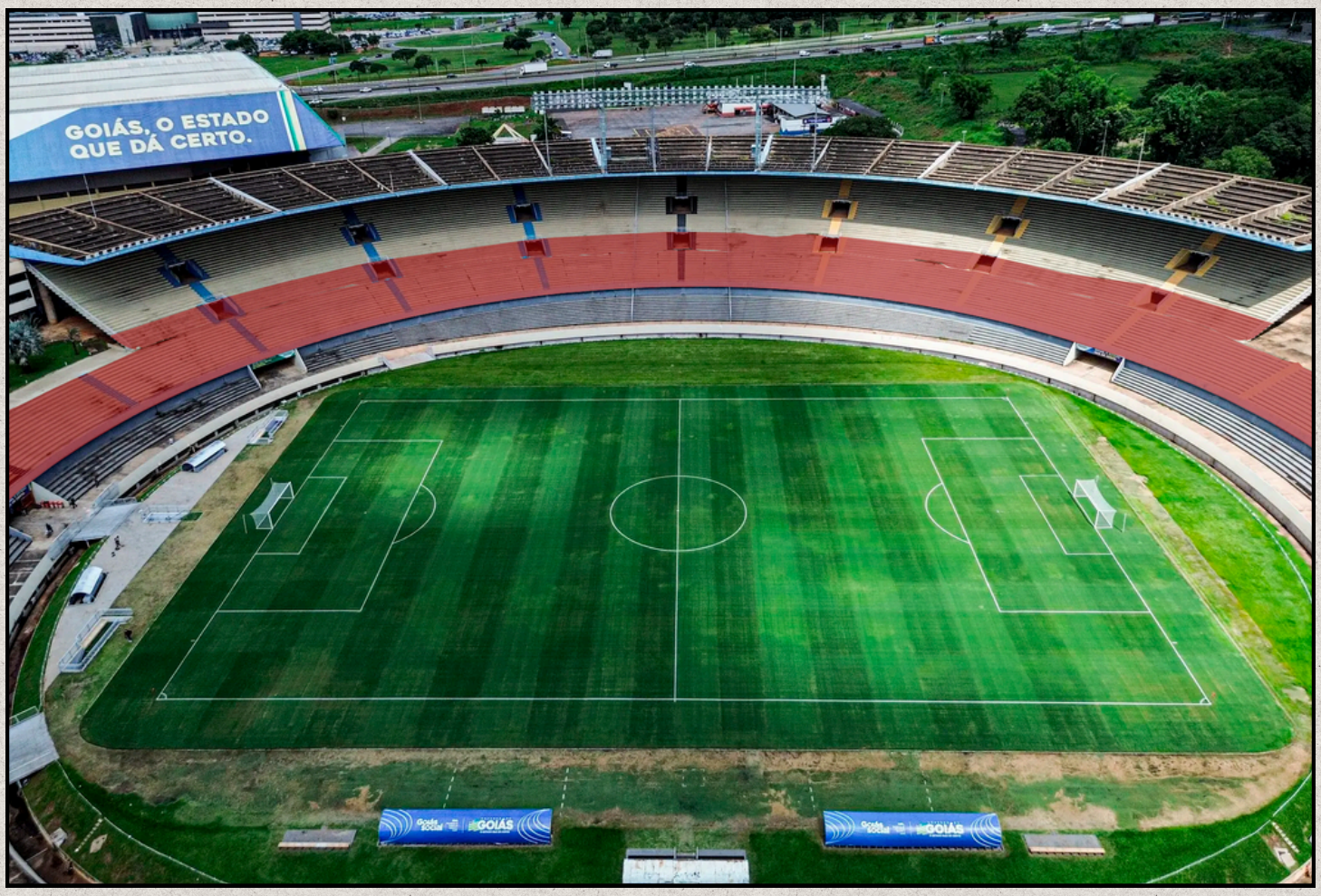
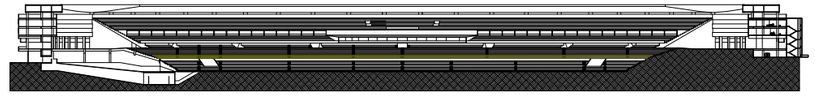


Figura 112 : Imagem vista Serra dourada
FONTE:euripedesneto/estadioserradourada, editado pelo autor

-Setor nova arquibancada

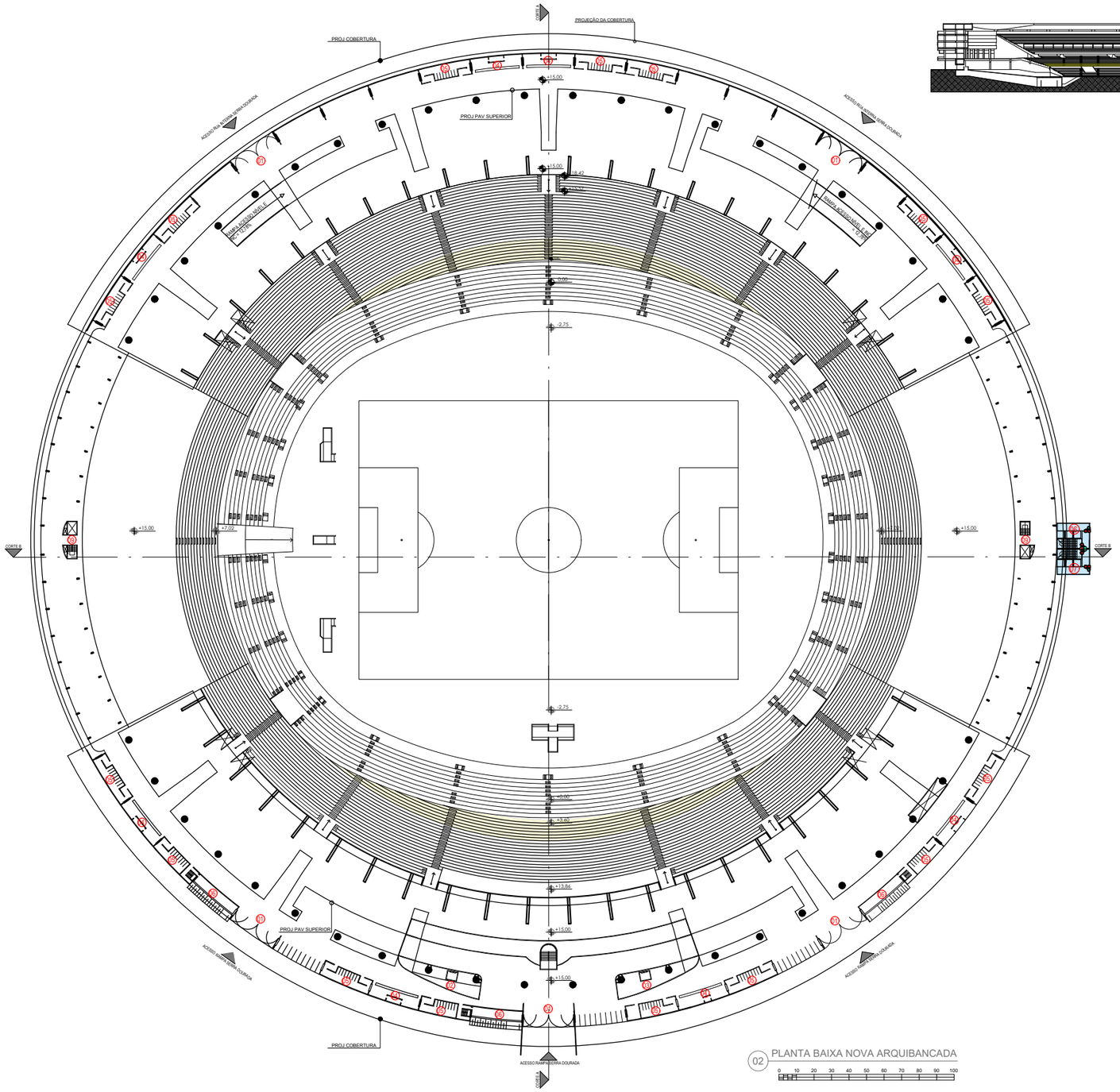
O projeto da nova arquibancada surge da necessidade de ampliar a estrutura existente após o rebaixamento do campo. Com a alteração de nível, seria gerado um desnível significativo entre a arquibancada atual e o novo setor correspondente à antiga “geral”. Dessa forma, a criação dessa nova arquibancada assegura a transição adequada entre os níveis, garantindo continuidade visual e funcional ao conjunto.Toda a legislação aplicável foi rigorosamente atendida, tanto no rebaixamento do campo quanto na configuração dos novos patamares. Além disso, a intervenção foi proposta no setor que concentra o maior fluxo de usuários dentro do estádio, o que reforça sua importância operacional. Assim, ampliar essa área não apenas resolve questões técnicas de desnível, mas também contribui diretamente para o aumento do conforto, da capacidade e da eficiência de circulação do público.



LEGENDA CORTE CHAVE

- NOVA ARQUIBANCADA

01 CORTE CHAVE

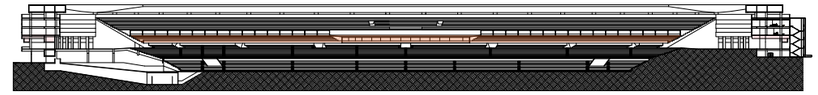


02 PLANTA BAIXA NOVA ARQUIBANCADA

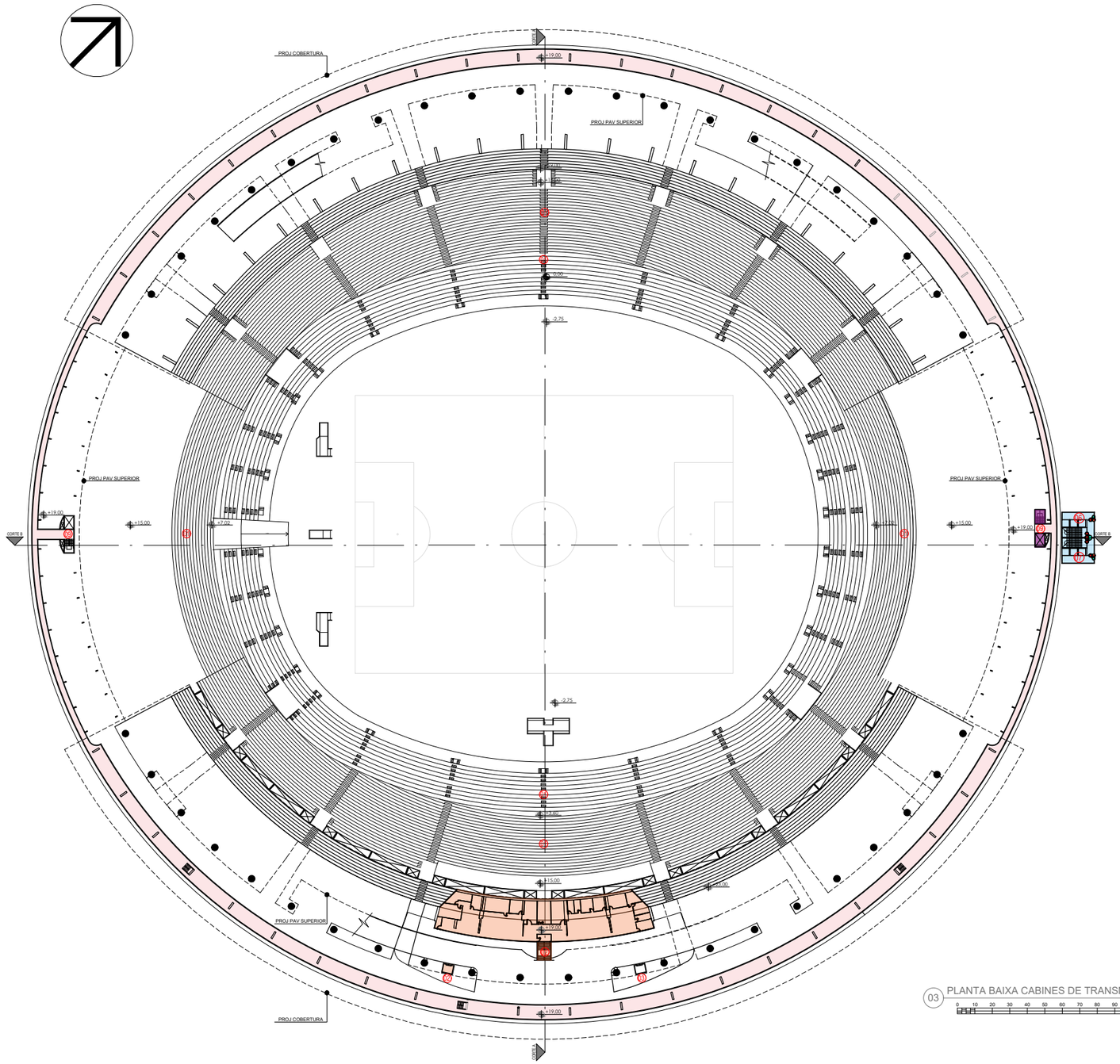
0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100

LEGENDA PLANTA BAIXA

- 01 - PORTÃO ACESSO
- 02 - CIRCULAÇÃO VERTICAL IMPRENSA
- 03 - CIRCULAÇÃO VERTICAL CAMAROTES
- 04 -BAR
- 05 -BANHEIROS
- 06 - BILHETERIA
- 07 - CIRCULAÇÃO VERTICAL HOTEL
- 08 - PORTÃO DE ACESSO NOVA GERAL
- 09 - CIRCULAÇÃO VERTICAL SERVIÇO
- - NOVA ARQUIBANCADA
- - CIRCULAÇÃO EDIFÍCIO



01 CORTE CHAVE



03 PLANTA BAIXA CABINES DE TRANSMISSÃO

0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100

LEGENDA PLANTA BAIXA

01 - ARQUIBANCADA

02 - CIRCULAÇÃO VERTICAL IMPRENSA

03 - CIRCULAÇÃO VERTICAL CAMAROTES

04 -BAR

05 -BANHEIROS

06 - BILHETERIA

07 - CIRCULAÇÃO VERTICAL HOTEL

08 - PORTÃO DE ACESSO NOVA GERAL

09 - CIRCULAÇÃO VERTICAL SERVIÇO

- CABINE IMPRENSA

- CIRCULAÇÃO SERVIÇO

- NOVA CIRCULAÇÃO EDIFÍCIO

- CIRCULAÇÃO SERVIÇO

IMAGEM 3D ARQUIBANCADAS

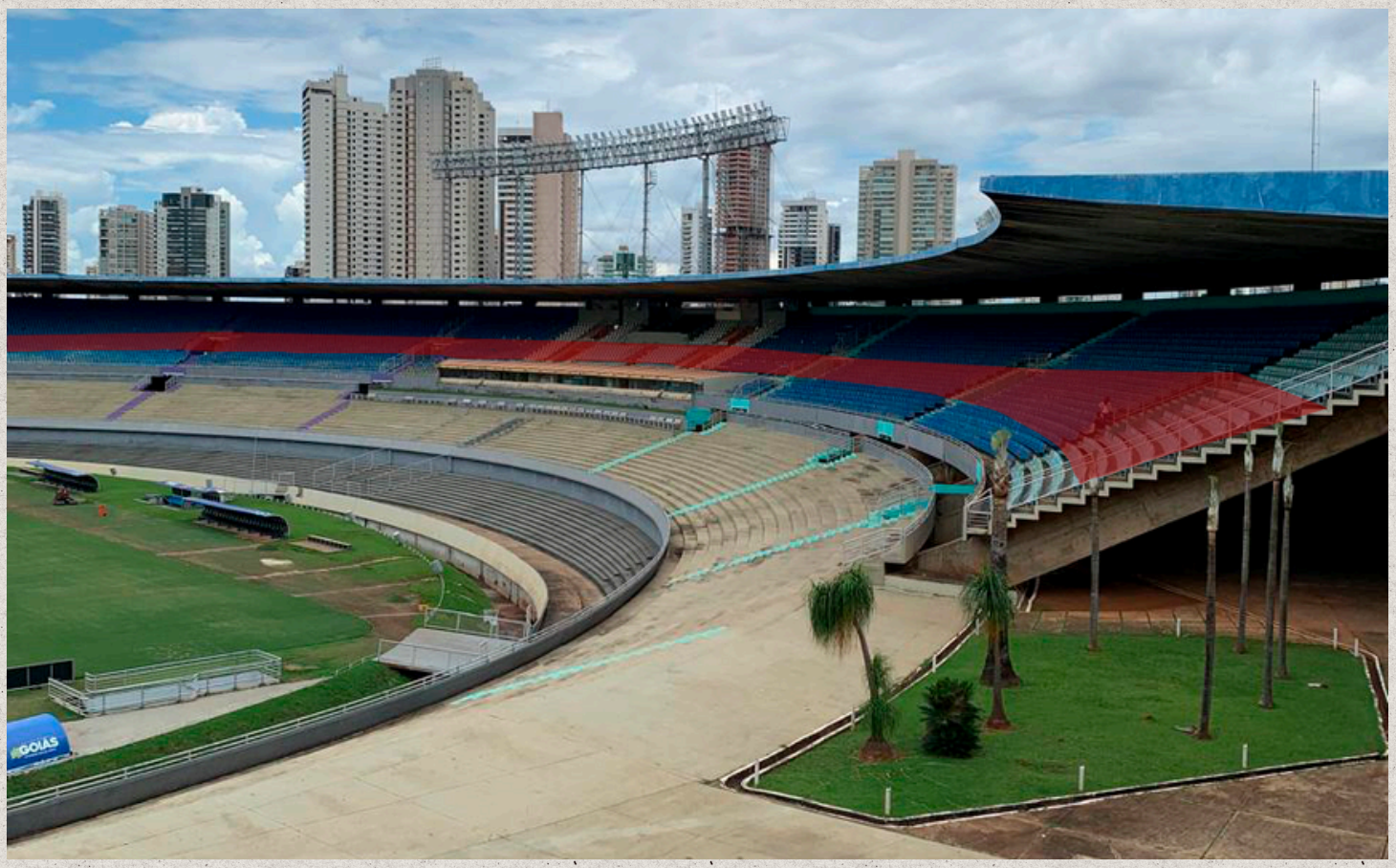


Figura 113 : Imagem vista Serra dourada
FONTE:euripedesneto/estadioserradourada, editado pelo autor

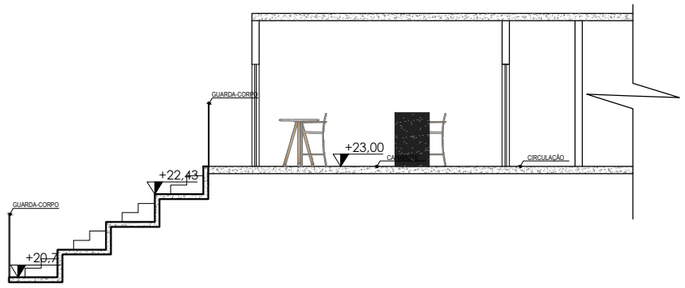
-Local novo camarote

Esse tipo de ambiente, atualmente inexistente no Serra Dourada, representa uma importante fonte de receita contínua, uma vez que permite a exploração comercial por meio de locações permanentes, patrocínios, hospitalidade corporativa e eventos privados, reduzindo a dependência exclusiva de jogos e grandes espetáculos. O nível escolhido para a implantação dos camarotes foi definido de forma estratégica, por se tratar do único setor do estádio capaz de receber um acesso independente, garantindo uma circulação totalmente separada do restante do público. Essa condição permite controlar fluxos com maior eficiência, assegurando privacidade, segurança e operação autônoma nos dias de evento, sem interferir no funcionamento geral das arquibancadas. A possibilidade de circulação exclusiva não apenas atende às normas e padrões de hospitalidade exigidos por entidades como CBF e FIFA, mas também evita cruzamentos de público, reduzindo conflitos e melhorando o desempenho logístico do estádio.

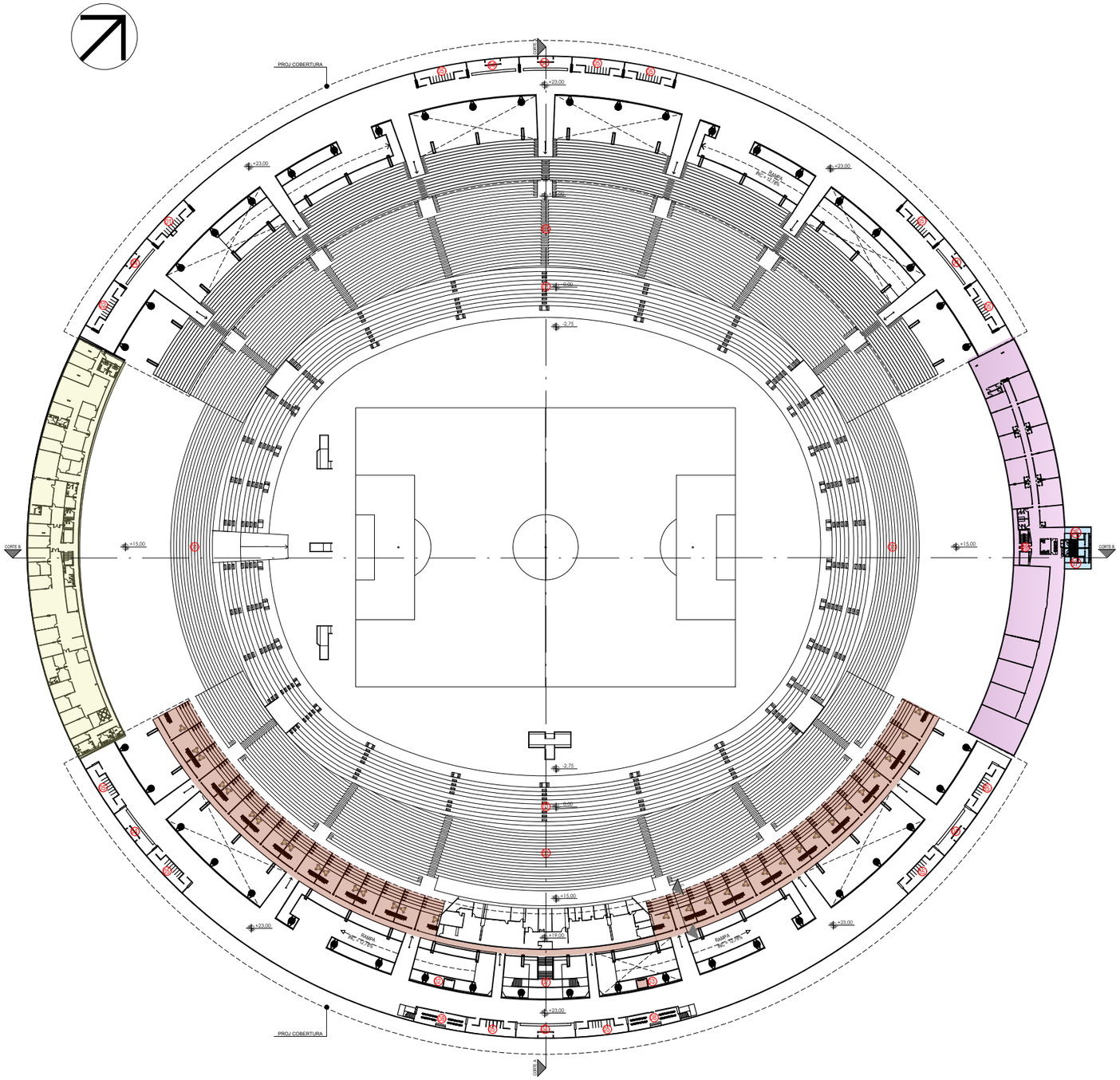
LEGENDA CORTE CHAVE

- CAMAROTE
- EDIFÍCIO COMERCIAL

01 CORTE CHAVE



04 DET C CAMAROTE
ESC 1:75



04 PLANTA BAIXA CAMAROTES
0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100

LEGENDA PLANTA BAIXA

01 - ARQUIBANCADA
02 - CIRCULAÇÃO VERTICAL IMPRENSA
03 - CIRCULAÇÃO VERTICAL CAMAROTES
04 -BAR
05 -BANHEIROS
06 - CIRCULAÇÃO VERTICAL COMERCIO
07 - CIRCULAÇÃO VERTICAL HOTEL
08 - LOJA
09 - CIRCULAÇÃO VERTICAL SERVIÇO
- 1 PAV SEEL
- 1 PAV EDIFÍCIO COMERCIAL
- NOVA CIRCULAÇÃO EDIFÍCIO
- CAMAROTE

PROPOSTA - NOVO EDIFÍCIO

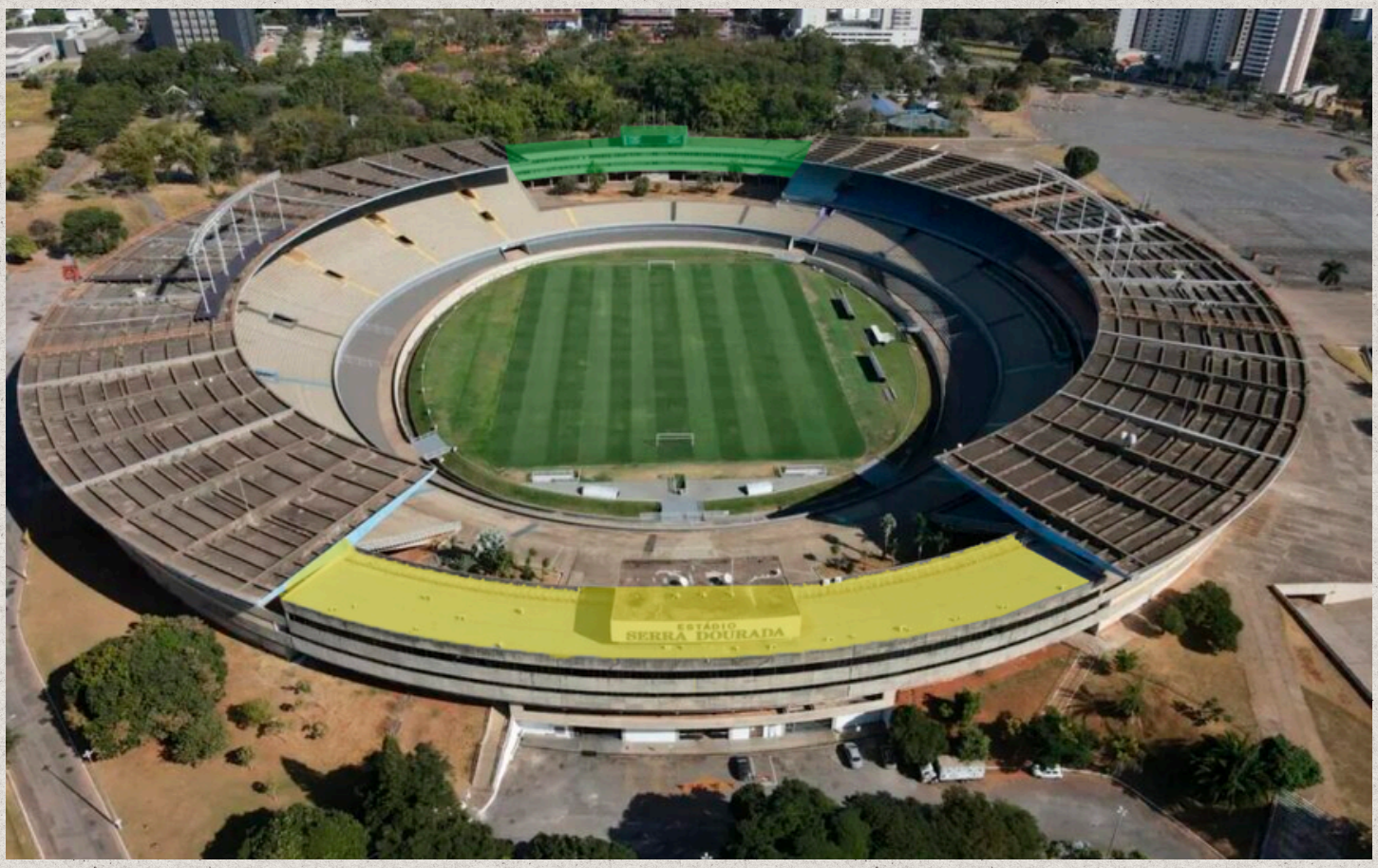


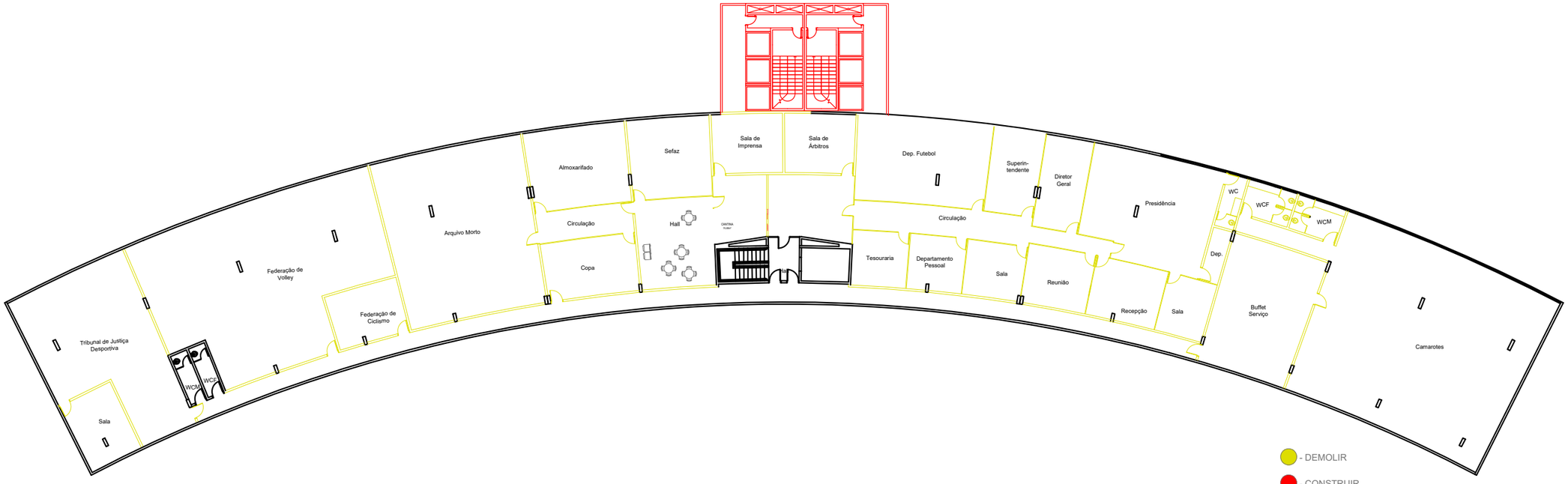
Figura 114 : Imagem vista Serra dourada
FONTE:euripedesneto/estadioserradourada, editado pelo autor

-Seel

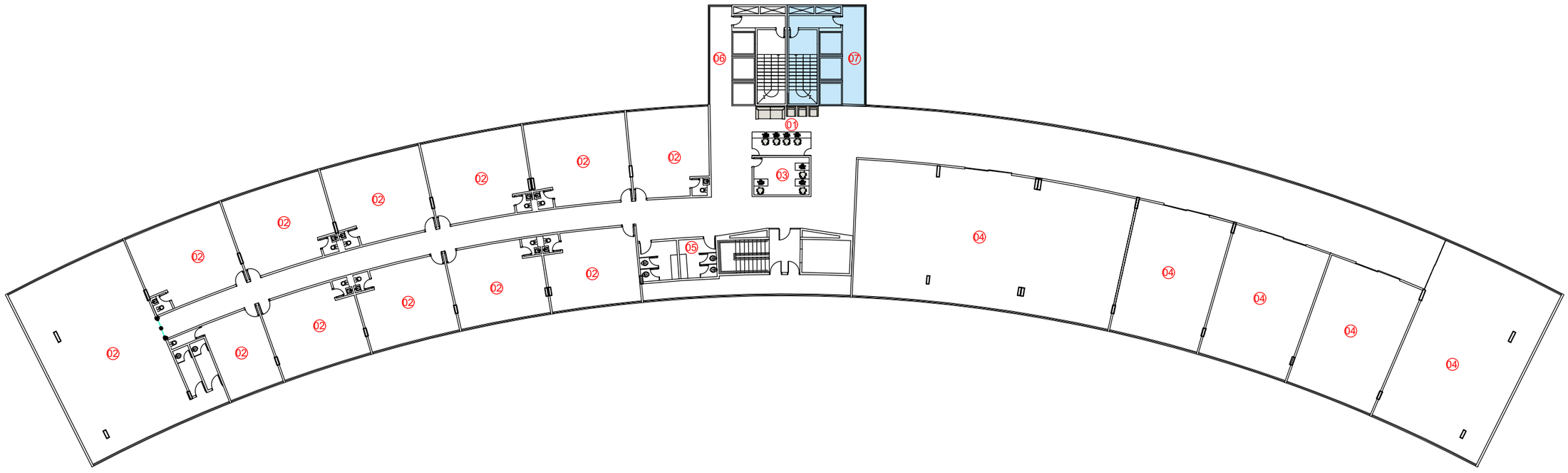
-Antigo prédio da federação

No local atualmente ocupado pelo antigo prédio da Federação, propõe-se a implantação de um novo edifício com programa ampliado e vocação multifuncional. O primeiro pavimento será destinado a usos comerciais, composto por 12 salas disponíveis para locação, além de 4 salas multiuso flexíveis, aptas a receber diferentes configurações, como eventos corporativos, exposições, atividades comerciais e ações de pequeno porte. Esse pavimento busca estimular o fluxo diário de usuários, garantindo ocupação contínua do espaço ao longo da semana e reduzindo a dependência exclusiva do calendário esportivo. O segundo pavimento será destinado à implantação de um hotel com 44 quartos, contemplando ainda áreas de apoio como lavanderia, administração e um restaurante exclusivo para os hóspedes.Para viabilizar essa nova configuração programática e garantir eficiência operacional, tornou-se necessário criar uma nova circulação externa ao estádio, resultando em dois fluxos distintos e independentes. Essa separação permite que o edifício funcione autonomamente, sem interferir no acesso principal dos torcedores, assegurando maior segurança, controle e organização dos deslocamentos.

05 PLANTA 1 PAV FEDERAÇÃO
ESC 1:250



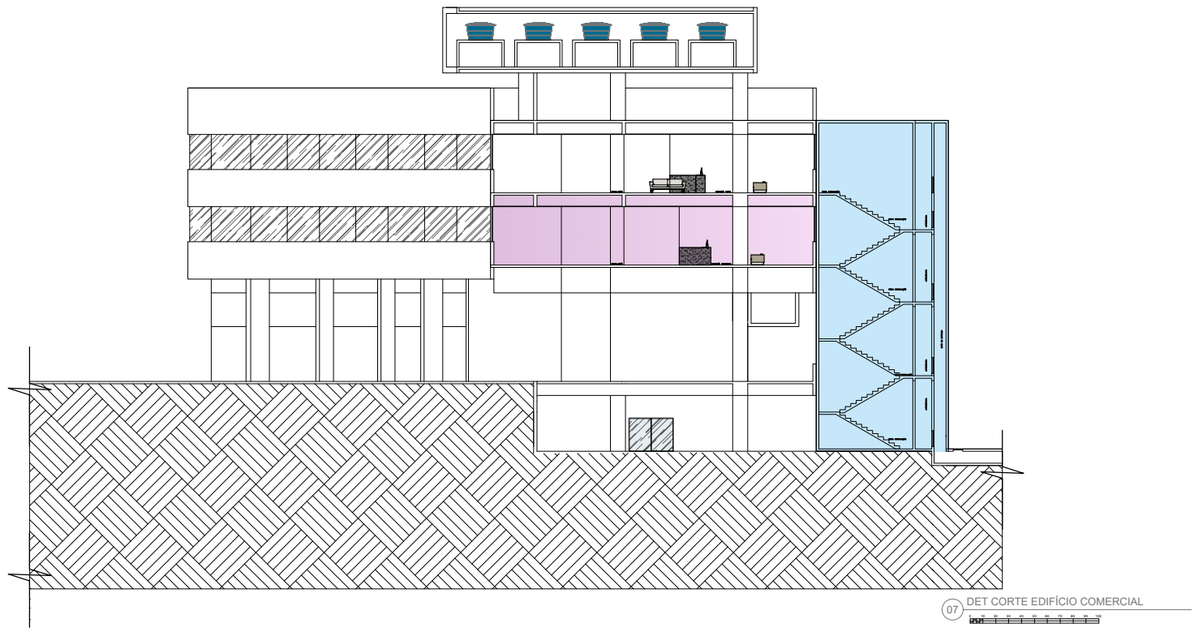
06 PLANTA CONSTRUIR E DEMOLIR
ESC 1:250



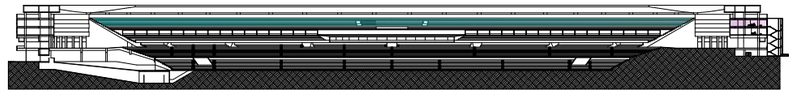
07 PLANTA EDIFÍCIO COMERCIAL
ESC 1:250

LEGENDA PLANTA BAIXA

01 - RECPÇÃO
02 - SALA COMERCIAL
03 - ADMINISTRAÇÃO
04 - SALA MULTIUSO
05 - BANHEIRO
06 - CIRCULAÇÃO VERTICAL COMERCIO
07 - CIRCULAÇÃO VERTICAL HOTEL
- NOVA CIRCULAÇÃO EDIFÍCIO
- EDIFÍCIO COMERCIAL

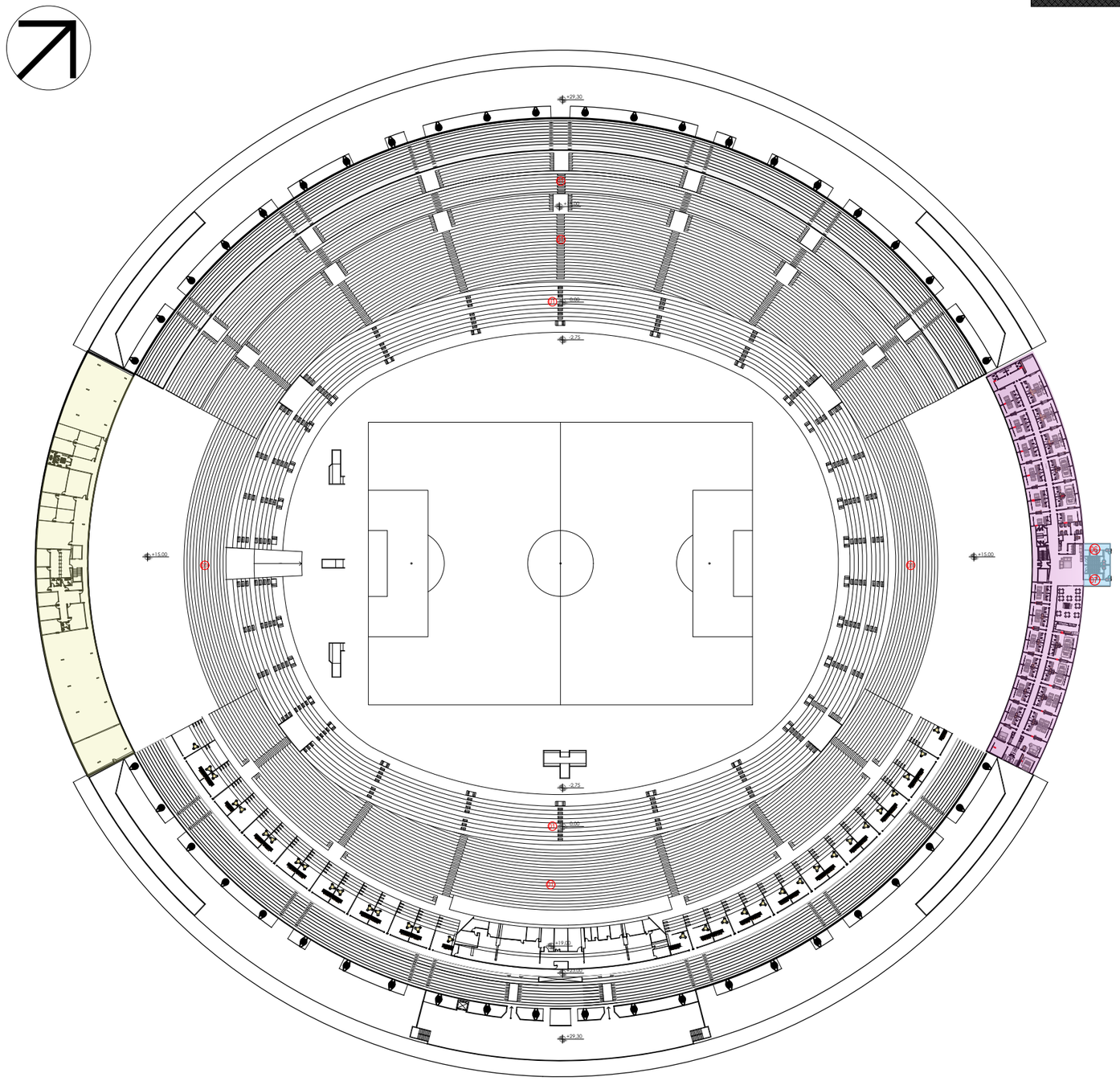


07 DET CORTE EDIFÍCIO COMERCIAL



- HOTEL
- ARQUIBANCADA

01 CORTE CHAVE

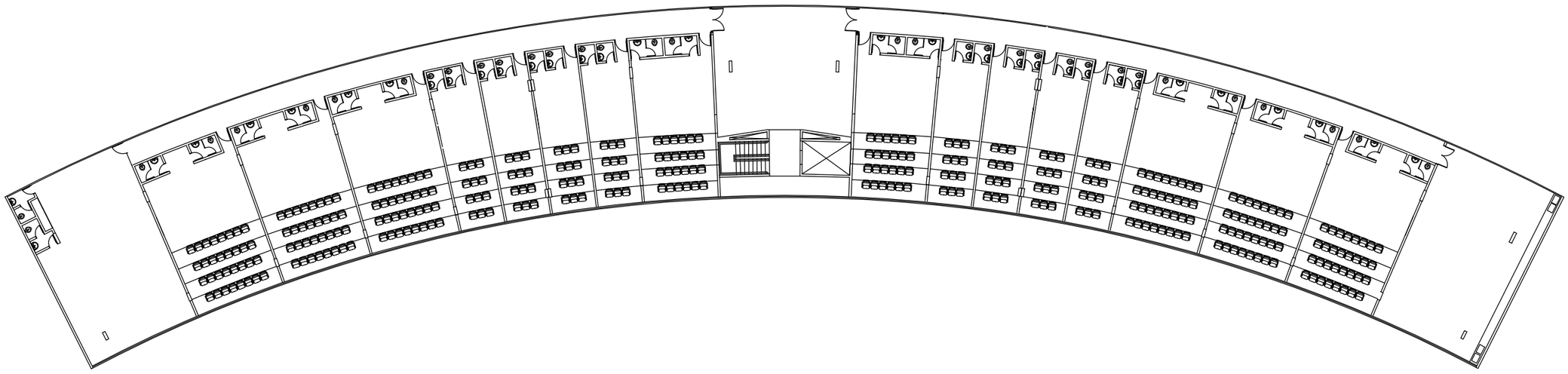


LEGENDA PLANTA BAIXA

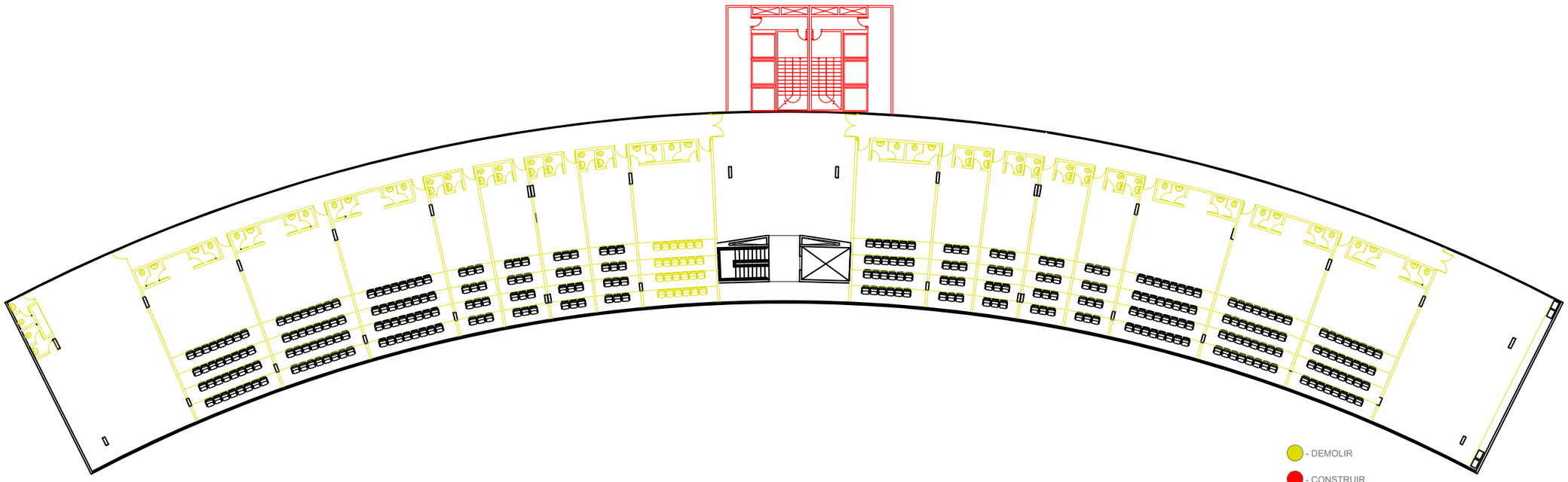
01 - ARQUIBANCADA
02 - CIRCULAÇÃO VERTICAL IMPRENSA
03 - CIRCULAÇÃO VERTICAL CAMAROTES
04 -BAR
05 -BANHEIROS
06 - CIRCULAÇÃO VERTICAL COMERCIO
07 - CIRCULAÇÃO VERTICAL HOTEL
08 - LOJA
09 - CIRCULAÇÃO VERTICAL SERVIÇO
- 2 PAV SEEL
- HOTEL
- NOVA CIRCULAÇÃO EDIFÍCIO

05 PLANTA BAIXA PAV HOTEL

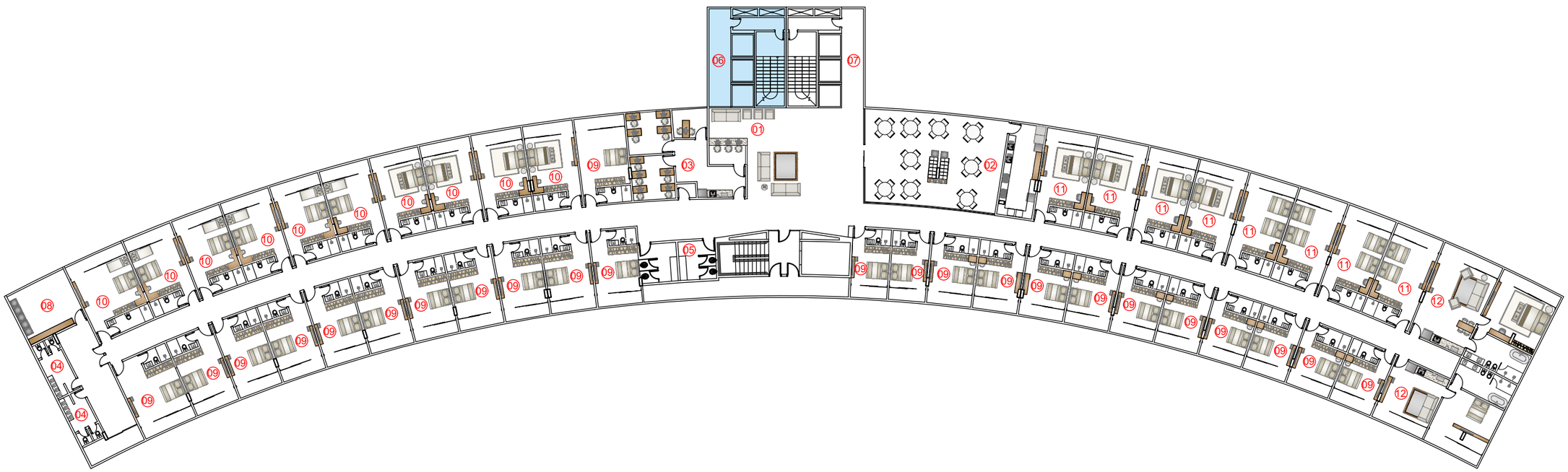
0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100



09 PLANTA 2 PAV FEDERAÇÃO
ESC 1:250



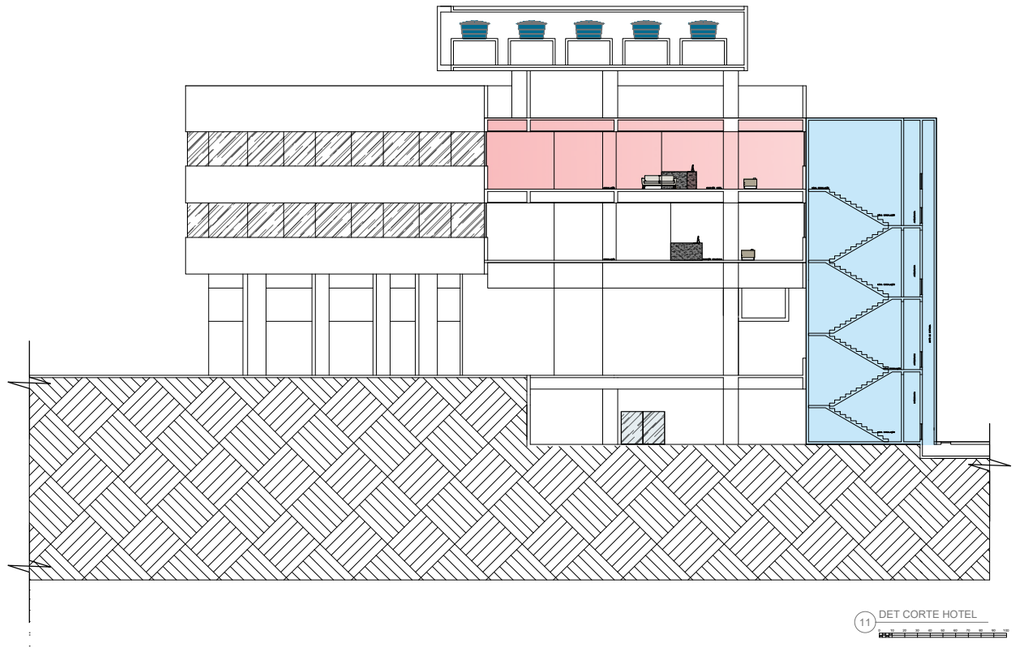
10 PLANTA CONSTRUIR E DEMOLIR
ESC 1:250



11 PLANTA HOTEL
ESC 1:250

LEGENDA PLANTA BAIXA

- 01 - RECPÇÃO
- 02 - RESTAURANTE
- 03 - ADMINISTRAÇÃO
- 04 - VESTIÁRIO FUNCIONÁRIOS
- 05 - BANHEIRO
- 06 - CIRCULAÇÃO VERTICAL COMERCIO
- 07 - CIRCULAÇÃO VERTICAL HOTEL
- 08 - LAVANDERIA
- 09 - QUARTO SIMPLES
- 10 - QUARTO CASAL
- 11 - QUARTO CASAL PLUS
- 12 - QUARTO CASAL DUPLO
- - NOVA CIRCULAÇÃO EDIFÍCIO
- - HOTEL



11 DET CORTE HOTEL

IMAGEM 3D NOVO EDIFÍCIO

REFERÊNCIAS

SITES / PÁGINAS INSTITUCIONAIS

ARQUITECTURA VIVA. Estadio Municipal. Disponível em: https://arquitecturaviva.com/works/estadio-municipal.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. Portal de governança – infraestrutura. Disponível em: https://portaldegovernanca.cbf.com.br/infraestrutura.

GOOGLE EARTH. Disponível em: https://www.google.com/earth/. Acesso em: 26 nov. 2025.
GOVERNO DO ESTADO DE GOIÁS. Esporte. Disponível em: https://goias.gov.br/esporte.

ARCHDAILY BRASIL. Disponível em: https://www.archdaily.com.br.

.
SEAERJ – SOCIEDADE DOS ENGENHEIROS E ARQUITETOS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Maracanã. Disponível em: https://www.seaerj.org.br/pdf/Maracana.

TRABALHOS ACADÊMICOS

MOREIRA, Gonçalo. Requalificação urbana – conceitos. 2013. Artigo – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2013.

CELESTINO, Paula Leilane Oliveira. Requalificação urbana: entraves e desafios no bairro Lagoa Grande na cidade de Feira de Santana – Bahia (2000-2013). 2014. Dissertação (Pós-graduação em Geografia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

VASCO, Flávio Fernandes. Estádio Serra Dourada: paisagem e lugar construído. 2010.
AMARAL, Gustavo Garcia do. O estádio contemporâneo: uma arquitetura regeneradora de seu tecido urbano. 2013.

GRUPO 4. Projeto Serra Dourada. 2014.

FERNANDES. Mais beleza e menos calor! 2006.

REFERÊNCIAS

LIVROS

LAMAS, José M. R. G. Morfologia Urbana e Desenho da Cidade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

MAGALHÃES, I. Planos locais de habitação. In: DENALDI, R. (Org.). Planejamento habitacional: notas sobre a precariedade e terra nos planos locais de habitação. São Paulo: Annablume, 2013.

MENDES DA ROCHA, Paulo. Mendes da Rocha. c2002.

NORMAS E LEGISLAÇÃO

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos.

GOVERNO DO ESTADO DE GOIÁS. Norma Técnica 12/2023 – Eventos públicos, temporários e centros esportivos e de exibição. Goiânia, 2023.

GOIÂNIA. Lei Complementar n.º 171, de 29 de maio de 2007. Plano Diretor de 1992. Goiânia, GO, 2007.

ANEXOS / DOCUMENTOS TÉCNICOS

ANEXO C.1 – Memorial Descritivo. [Documento técnico].

ANEXO B – Estudo Técnico Preliminar/2024 – SGG/GCG-19205. [Documento técnico].